

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Instituto Multidisciplinar  
Departamento de História e Economia

# **O AmDuat E A Literatura Funerária Egípcia**

**(1650-1550 a.C. e 1550-1069 a.C.)**

Nova Iguaçu

**2013**

## RESUMO

Durante o Reino Novo as paredes das tumbas de faraós e particulares passam a ser preenchidas com o conjunto egípcio de textos que conta a viagem de Rá pelas doze horas da noite intitulado AmDuat ou “O que há no Submundo”. Este conjunto apresenta características que não estão presentes nas três grandes composições mortuárias que compõe o *corpus* funerário real: o Texto das Pirâmides, o Texto dos Sarcófagos e o Livro dos Mortos. Todavia, apesar de não se encaixar nessa sequência de textos, é utilizado pela realeza. Sua concepção aconteceu provavelmente no Segundo Período Intermediário, período anterior à sua utilização. Os Períodos Intermediários são momentos na história egípcia em que a organização do país se encontra prejudicada e o poder fragmentado. Sob essas circunstâncias, somadas às suas características específicas, Segundo Período intermediário proporciona condições favoráveis para a criação de um conjunto de textos funerários à parte do tradicional vigente.

**Palavras-chave:** Egito Antigo, AmDuat, Literatura Funerária.

Luísa Barbosa Faria

## **O AmDuat E A Literatura Funerária Egípcia**

**(1650-1550 a.C. e 1550-1069 a.C.)**

Monografia apresentada ao curso de história como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado em História, do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. José Marcos de Araújo Caldas

Nova Iguaçu

**2013**

Luísa Barbosa Faria

## **O Amduat E A Literatura Funerária Egípcia**

**(1650-1550 a.C. e 1550-1069 a.C.)**

Monografia apresentada ao curso de história como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado em História, do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

### **Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Marcos José de Araújo Caldas – UFRRJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Nely Feitoza Arrais - UNILASALLE

---

Prof. Dr. Luís Eduardo Lobianco - UFRRJ

## ABSTRACT

During the New Kingdom the pharaohs and private tombs were covered with a Egyptian composition about the Sun God's travel through the twelve hours of the night. This composition is called AmDuat or "what's in the netherworld". It presents characteristics that are not found in the three largest mortuary compositions which compose the royal *corpus* of funerary texts: the Pyramid Texts, the Coffin Texts and the Book of the Dead. Nevertheless, despite the AmDuat do not fit entirely in this sequence of texts it was used by royalty. Its conception took place probably at the Second Intermediate Period. The Intermediate Periods are moments in Egyptian history when this country organization finds itself damaged and its power fragmented. Under those circumstances, added to its specific characteristics, the Second Intermediate Period provides propitious conditions for the creation of the AmDuat.

**Key-words:** Ancient Egypt, AmDuat, Funerary Literature.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço acima de tudo aos meus pais. Por toda a paciência que tiveram durante estes cinco anos e meio de faculdade.

À minha família, por sua constante torcida e interesse pelos meus estudos e por sempre estarem dispostos a ajudar.

Aos meus colegas de faculdade e amigos que percorreram comigo esta distância, ouviram meus desabafos, compartilharam reclamações e necessários momentos de descontração neste caminho.

Ao meu orientador, por acreditar neste trabalho e ajudar a concretizá-lo.

*“Se nada sabemos ainda acerca da vida como podemos saber acerca da morte?”*  
Confúcio

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
CAPÍTULO I – Contexto Histórico - Segundo Período Intermediário e Reino Novo. ....	16
<i>Religião e poder</i> .....	17
<i>Os Períodos Intermediários</i> .....	21
<i>O Reino Novo</i> .....	26
CAPÍTULO II – Literatura no Egito Antigo .....	33
CAPÍTULO III - Literatura Funerária Real .....	44
CAPÍTULO IV – O AmDuat .....	56
<i>Estrutura</i> .....	60
<i>Narrativa</i> .....	66
CONCLUSÃO.....	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73
ANEXO.....	76
ILUSTRAÇÕES .....	90

## INTRODUÇÃO

Ao longo de sua história principalmente a partir da unificação (3200 a.C. 3000 a.C.<sup>1</sup>) o egípcio apresentou duas características: a utilização de um sistema singular de escrita e a preocupação com o *pos-mortem*. Segundo Budge (2006), escavações de cemitérios egípcios do período pré-dinástico (de 4400 a. C. à 3200 a.C.) já mostrava a preocupação deste povo com o cuidado com os mortos e seu sepultamento<sup>2</sup>. Contudo, este trabalho coloca seu foco no período em que a religião e a escrita já estão há muito tempo ligadas e são utilizadas para garantir, através da palavra escrita, que o falecido possa viver novamente. Nas palavras de Cardoso (2004):<sup>3</sup>

“O morto tanto era imaginado renascendo na própria tumba, que era sua “casa da eternidade” na qual recebia oferendas de comida e bebida (e da qual eventualmente poderia escapar por algum tempo na forma de pássaro), como navegando na barca solar, ou ainda sendo julgado no tribunal de Osíris para depois, se não fosse condenado (e isto poderia ser evitado tanto por uma confissão ética e pela pesagem do seu coração, quanto por diversos meios mágicos), viver para sempre num “outro mundo” governado por aquele deus, o qual de fato recordava muito o próprio Egito.”

O primeiro texto funerário do *corpus* real<sup>4</sup> que se tem notícia foi encontrado na pirâmide de Unas (2375-2345 a.C.), na quinta dinastia<sup>5</sup> (2494-2345 a.C.) no Reino Antigo. Além disso, o fato de o primeiro exemplar dos Textos das Pirâmides conhecido ser originário do Reino Antigo possuindo um texto bem elaborado contendo 228 expressões pode indicar que o início de sua construção aconteceu muito antes, podendo ter sido acrescentado e modificado com o tempo. O Texto das Pirâmides continuou sendo modificado chegando a mais completa versão com 712 expressões na pirâmide da de Pepi II (2278-2184 a.C.)<sup>6</sup>.

O presente trabalho irá tratar especificamente do conjunto funerário intitulado AmDuat, cujas principais noções se encontram no Texto das Pirâmides e o Livro dos dois

<sup>1</sup> As datas utilizadas neste trabalho são baseadas na cronologia proposta por Ian Shaw (2003).

<sup>2</sup> BUDGE, E. A. **O livro Egípcio dos Mortos**. 6 ed. São Paulo: Pensamento, 2006, p. 14-15

<sup>3</sup> CARDOSO, C. F. S. **O Egito Antigo**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 91.

<sup>4</sup> Fazem parte do *corpus* de textos reais funerários neste trabalho as composições: Textos das Pirâmides, Textos dos Sarcófagos e Livro dos Mortos.

<sup>5</sup> FAUKNER, R. O. **The Ancient Egyptian Pyramid Texts**. Osford: University Press, 1969. Tradução por LÓPEZ, F., THODE, R. Los textos de Las Pirâmides. Madrid, 2003. Disponível em: <<http://www.egiptologia.org/pdfs/LosTextosdelasPiramides.pdf>>. Acesso em: 04 de Setembro de 2013. 14:16

<sup>6</sup> *Ibid, loc. cit.*

Caminhos<sup>7</sup>. O AmDuat foi encontrado gravado nas paredes de túmulos da realeza ou de particulares do Reino Novo e Época Tardia. Este texto mostra, pela primeira vez no Reino Novo<sup>8</sup>, a geografia da Duat<sup>9</sup>, o submundo egípcio temido durante muito tempo, através da viagem do deus sol<sup>10</sup> através deste local durante as 12 horas da noite para renascer no dia assim como o sol faz todas as manhãs.<sup>11</sup> Cada hora da noite é uma divisão do texto pela qual os passageiros da barca de Rá precisam passar para chegar ao dia e cada hora é ilustrada com cenas dos acontecimentos. Foi o primeiro de um grupo de vários textos que abordaram o tema do Submundo no Reino Novo, mas apenas o AmDuat, O Livro da Portas e o Livro das Cavernas mostraram o caminho de Rá pelo submundo e sua topografia<sup>12</sup>. Todos estes livros mostram sua versão do submundo e a divindade solar em sua viagem, mas não são iguais ou possuem a mesma base. Os dois últimos adotam uma visão mais obscura da Duat com diferentes abordagens e divisões. Estes textos serão mais bem explorados ao fim do segundo capítulo. Outros textos abordam a Duat, mas por serem muito diferentes não serão citados nesse trabalho.<sup>13</sup>

Foi utilizado pela primeira vez no Reino Novo, na XVIII (1650-1550 a.C.) dinastia no sarcófago do faraó Tutmés I (1504-1492 a.C.) com fragmentos da 12ª divisão, a utilização do texto foi ordenada por sua filha, a rainha Ratshepsut (1473-1458 a.C.)<sup>14</sup>. Tuthmosis foi o terceiro faraó do Reino Novo, seus antecessores foram Ahmés (1550-1525 a.C.) e seu filho Amenhotep I (1525-1504 a.C.). O primeiro fez parte da retomada do poder por parte dos egípcios e continuou sua política internacional. Tuthmosis “foi o primeiro faraó a ser enterrado no Vale dos Reis, situado à margem esquerda do Nilo, diante da cidade de Tebas, a capital”<sup>15</sup>, pratica que passou a ser repetida desde então. A partir de então o AmDuat foi

---

<sup>7</sup> O termo “livro” é muitas vezes utilizados para se referir às composições textuais do Egito Antigo, porém, não existiam nesta época livros como conhecemos hoje.

<sup>8</sup> LÓPEZ, F. e THODE, R. Introducción. El Libro Del Amduat. Disponível em: <<http://www.egiptologia.org/textos/amduat/>>

<sup>9</sup> *dwAt*, submundo. “Originalmente o Lugar do crepúsculo matinal, popularmente conhecido como “a Duat” (...)” (GARDNER, 2007, p. 487)

<sup>10</sup> Nos principais autores utilizados para tratar do AmDuat, o deus solar é considerado Rá.

<sup>11</sup> LÓPEZ, F. e THODE, R. Introducción. El Libro Del Amduat. Disponível em: <<http://www.egiptologia.org/textos/amduat/>>

<sup>12</sup> Ibid.

<sup>13</sup> O Livro da Terra e Livro da noite.

<sup>14</sup> MOJSOV, B. The Ancient Egypt Underworld in the Tomb of Sety I: Sacred Books of Eternal Life. **The Massachusetts Review**, Egypt, v. 42, n. 4, p. 489-506, winter 2001/2002, p. 494

<sup>15</sup> CARDOSO, *op. cit.*, 2004, p. 65

utilizado, no Reino Novo, por diversos reis até Ramses IX (1126-1108), parte da decadente XX dinastia no fim do período e por particulares.<sup>16</sup>

O AmDuat pode ser encontrado na versão reduzida<sup>17</sup> e extensa nas paredes dos sarcófagos, em alguns, como no de Amenhotep I, ambas as versões eram reproduzidas. A primeira apresenta apenas textos enquanto a segunda vem acompanhada de ilustrações. A primeira reprodução das versões curta e ampliada completas encontra-se no túmulo de Thutmosis III (1479-1425 a.C.), segundo faraó a utilizar o texto. O autor Keith C. Seele estudou essas versões e apresentou suas principais características em seu curto artigo, “*A rare Grammatical Construction in a Neglected Egyptian Text*”.<sup>18</sup>

O autor sustenta que a versão curta pode ter sido a mais antiga, escrita originalmente em papiro e não era igual a encontrada no Reino Novo do que discorda Mojsov (Winter, 2001/2002), para ele o texto nunca foi escrito em papiro<sup>19</sup>. Manassa cita o “Papiro do AmDuat” no Terceiro Período Intermediário<sup>20</sup>. Para Seele, o AmDuat não possuía o mesmo objetivo, não era usado da mesma forma quando foi composto. Ele apóia essa idéia com a interpretação do texto como um “mistura confusa de elementos heterogêneos”<sup>21</sup>. A versão longa do AmDuat contém trechos de uma escrita com tom misterioso e vinhetas ilustrativas teria ficado menos compreensível com o passar do tempo, distanciando-se do original que possuiria instruções para o escriba. Esta interpretação não será defendida nesse trabalho e a versão analisada será a versão extensa. Certamente a versão curta é menos detalhada, mas os elementos principais contidos da versão completa estão presentes; a escrita é feita de forma mais clara e da esquerda para a direita.<sup>22</sup>

---

<sup>16</sup>LÓPEZ, F. e THODE, R. Introducción. El Libro Del Amduat. Disponível em: <<http://www.egiptologia.org/textos/amduat/>>

<sup>17</sup> A versão reduzida não contém ilustrações e pode ser encontrada em tumbas e em papiro. É uma espécie de resumo, com nomes importantes e notas sobre o uso do livro: HORNUNG, E., ABT, T. *The Egyptian Amduat – The Book of the Hidden Chamber*. Tradução de: David Warburton. Zurich, 2007. Introdução. Disponível em: <<http://www.livinghumanheritage.org/Amduat%20Hidden%20Chamber.html>>. Acesso em: 06 de set. de 2013, 02:46.

<sup>18</sup> SEELE, K. A Rare Grammatical Construction in a Neglected Egyptian Text. **Journal of Near Eastern Studies**. Chicago: The University of Chicago Press, Oct. 1949 v. 8, n. 4, p. 359-354, 1949. Disponível em: [www.jstor.org/stable/542902](http://www.jstor.org/stable/542902) Acesso em: 06 de Fevereiro de 2013 08:13,

<sup>19</sup> “It was never written on funerary papyri.”: Ibid, p.495:

<sup>20</sup> MANASSA, C. *The Late Egyptian Underworld: Sarcophagi and Related Texts from Nectanebid Period*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2007, p.67.

<sup>21</sup> “confused mingling of heterogeneous elements”: SEELE, op. cit., Oct. 1949, Pag. 360.

<sup>22</sup> Ibid, loc. cit.

Outro apontamento no trabalho de Seele é a permanência do AmDuat com poucas mudanças durante o tempo de sua utilização, diferente de outros textos. Manassa<sup>23</sup> (2007) afirma o contrário: as cópias do AmDuat utilizadas na Época Tardia, são muito diferentes das utilizadas no Reino Novo. Para Seele, as variações são encontradas em palavras ou sinais individuais em uma palavra que não causam grandes modificações no texto, omissões e interpolações também aconteceram, mas um texto básico foi mantido e pode apontar a existência de um texto ou um grupo de textos que serviam de base para as cópias.<sup>24</sup>

As 12 horas do AmDuat são a parte noturna de um dia dividido em 24 horas pelos egípcios e, em cada hora, é descrito um acontecimento pelo qual passa o deus sol e sua comitiva em sua barca. Geralmente sua comitiva é composta pelo Abridor de Caminhos (Upuaut), Sai, A Senhora da Barca, A Carne de Rá, onde Rá possui uma cabeça de carneiro com o símbolo do *ba*<sup>25</sup>, Horus das Cortesias, O Touro da Verdade, O Vigia, Hu e o Guia da Barca<sup>26</sup>. Nas variações alguns deuses podem fazer parte da tripulação e a própria barca sofre mudanças. O deus sol só terá chegado na Duat a partir da segunda hora da noite, no final da primeira hora está localizada a porta de entrada para Duat. A segunda e terceira hora mostram uma característica nova da Duat, um lugar de abundância, com campos e rios onde Rá distribuía porções de terra para seus habitantes. Na quarta hora os viajantes passam pela misteriosa “Câmara do Oeste”, no caminho da Necrópole de Imhet na Terra de Sokar<sup>27</sup>. Lugar onde é preciso ter cuidado com seus habitantes. A barca de Rá passa a ser puxada por sete deuses e deusas através das areias da Caverna Misteriosa de Sokar, continuando o caminho anterior durante a hora seguinte. O corpo do deus sol se une com o de Osíris na sexta hora e dessa forma ele pode derrotar a serpente Apofis (Ou Apep) na sétima hora, trazendo os

<sup>23</sup> MANASSA, *op. cit.*, 2007, p. 71.

<sup>24</sup> *Ibid*, p. 361.

<sup>25</sup> O egípcio dividia o homem em diferentes partes de elementos corpóreos e não corpóreos. Budge (2006) faz uma divisão em nove partes: o corpo físico, *khat*; o duplo, *ka*; a alma, *ba*; a sombra, *khaibit*; o coração, *ab*; a alma espiritual, *khu*; o poder, *sekhem*; o nome, *ren* e o corpo espiritual, *sahu*. João (2008) o divide em seis: *ka*, *ba*, corpo, sombra, nome e coração. Os quatro primeiros são os mais citados nessa trabalho. João (2008, p. 68) descreve o *ka* como a “força vital” do indivíduo ou seu “princípio de sustento”, o *ba* como “o elemento principal da personalidade do egípcio”, o que o diferencia dos outros. Dá ao morto mobilidade e existe tanto nos deuses quanto nos homens e seres inanimados. Budge (2006, p.34-35) descreve o *ka* como “individualidade ou personalidade abstrata”, possuía a forma e características de quem pertencia e poderia movimentar-se fora do corpo, ele precisa de alimento para seu sustento o que fazia através das oferendas. O *ba* é descrito por este autor como “alma do coração”, é ligado ao *ka* e partilha com eles as oferendas, pode existir na forma material ou imaterial. A sombra está ligada ao *ba* e se alimenta das oferendas da mesma forma podendo se locomover fora do corpo.

<sup>26</sup> Disponível em: <http://www.egiptologia.org/textos/amduat/>

<sup>27</sup> Necrópoles Imhet: necrópole existente na Duat, um local de enterramento. *imHt* – submundo (GARDNER, 2007, p. 553) Sokar é o guardião desta necrópole. Ambos serão vistos novamente no último capítulo.

mortos à vida na hora seguinte e submetendo os inimigos de Osíris na outra. Na décima hora pode ser visto o que acontecia com as almas daqueles que morriam no Nilo. Estes, apesar de não terem sido submetidos a um sepultamento apropriado, são abençoados por suas águas e podem ter uma boa vida no pós-morte. A décima primeira hora é feita de preparações para o amanhecer e a consequente ressurreição de Rá junto ao falecido no amanhecer do fim da décima segunda hora<sup>28</sup>.

O AmDuat possui algumas particularidades que serão tratadas nesse trabalho. Como já foi dito, ele inaugura um novo tipo de abordagem para os textos funerários, principalmente reais. Até então fazia parte do *corpus* oficial da realeza três conjuntos de textos que foram utilizados, cada um ao seu tempo, pelos faraós até mesmo durante a utilização do AmDuat. “Os Textos das Pirâmides”, os “Textos dos Sarcófagos” e o “Livro dos Mortos” possuíam a mesma base contínua. A diferença entre os três não se encontra apenas no conteúdo, mas na sua utilização.

O Texto das Pirâmides era de uso exclusivo dos faraós durante o Reino Antigo, apenas eles tinham o direito a ressurreição e a vida junto aos deuses. A salvação do faraó garantia a salvação do povo cuja imortalidade era vivida da mesma forma que sua vida terrena.<sup>29</sup> Durante o Primeiro Período Intermediário, quando o poder deixa de estar nas mãos dos faraós egípcios, o homem comum tem a chance de mostrar suas próprias preocupações com sua vida após a morte o que foi refletido nos Textos dos Sarcófagos, presente também no Reino Médio, que além de ser utilizado pela realeza, passa ser usado por alguns grupos mais importantes da sociedade e ainda eram escritos em sarcófagos. Da mesma forma, o Livro dos Mortos mostra uma abertura ainda maior em relação à sua utilização. Foi utilizado pela primeira vez do Segundo Período Intermediário e depois, largamente, no Reino Novo. Poderia ser adquirido por qualquer um disposto a pagar por ele o que era facilitado pela sua nova forma de utilização, o papiro. O Texto dos Sarcófagos e Livro dos Mortos surgiram em um Período Intermediário o que pode indicar que foi graças à mudança de poder deste período que foi possível mais uma ampliação na distribuição do conjunto de textos funerários oficial utilizado inicialmente disponível apenas para a realeza.

---

<sup>28</sup> Resumo retirado de: MOJSOV, *op. cit.*, winter 2001/2002, p. 496-496.

<sup>29</sup> **JOÃO, M. T. D. Dos Textos das Pirâmides aos Textos dos Sarcófagos: A “Democratização” da Imortalidade como Processo Sócio-Político.** 2008. 103-179 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008. Disponível em: <[http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2008\\_JOAO\\_Maria\\_Thereza\\_David-S.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2008_JOAO_Maria_Thereza_David-S.pdf)>. Acesso em: 04 de setembro de 2013. 15:10, p. 76

O AmDuat rompe a tradição funerária e é introduzido em meio a um seleto grupo de textos oficiais. Ele possui um tema e uma estrutura diferente do tradicional apesar de conter o mesmo principal objetivo: garantir a ressurreição do falecido na outra vida junto aos deuses. Na maior parte do Segundo Período Intermediário o poder político do Egito está nas mãos de estrangeiros quem mantém um contato constante do Egito com o Oriente Próximo<sup>30</sup>. Neste momento o egípcio tem a chance de fazer o que em condições habituais seria dificultado favorecendo a criação de tal texto. Estas duas hipóteses serão trabalhadas ao longo do trabalho.

Assim, o AmDuat apresenta algumas interessantes características: primeiramente, é um texto funerário utilizado por faraós que não faz parte de nenhuma forma da tradição oficial real; segundo, ele faz pela primeira vez uma descrição detalhada do submundo egípcio e da viagem de Rá pela noite, da mesma forma que a aborda o Duat de forma diferente da vista até então; por fim, dadas as características é possível que ele tenha sido criado no período anterior, onde a conjuntura política era mais favorável.

Os capítulos deste trabalho serão explorados de forma a defender estas possíveis características. O primeiro capítulo ira localizar e contextualizar o AmDuat no tempo limitando-se ao Segundo Período Intermediário e Reino Novo período de sua utilização e possível criação. Serão dadas as características sociais, políticas, econômicas e os acontecimentos relevantes.

No segundo capítulo, será introduzida a idéia de literatura na realidade egípcia, aqui a literatura egípcia será abordada até o Reino Novo. O Terceiro capítulo irá tratar apenas das três maiores composições funerárias reais, O Texto das Pirâmides, Textos dos Sarcófagos e Livro dos Mortos, além dos textos sobre o submundo utilizados no Reino Novo. O objetivo do segundo capítulos, além de iniciar o conceito de literatura, será mostrar como acontecia a lógica da modificação, distribuição e evolução literária através dos períodos e as idéias que continham. No terceiro capítulo o conjunto oficial será mais bem explorado para que seja possível identificar uma tradição e, desta forma, separar o AmDuat desta. Finalmente, serão citados os outros textos com o mesmo tema do Duat, mas surgidos um pouco depois, com suas características principais e exemplos, da mesma forma que os textos anteriores.

No capítulo final, haverá uma análise específica sobre o AmDuat, partindo deste para retomar as idéias exploradas nos capítulos anteriores e organizar as hipóteses recentemente

---

<sup>30</sup> CARDOSO, *op. cit.*, 2004, p.58.

introduzidas. Será observada a forma com que a Duat é abordada, as características do texto e as informações que ele contém, seus objetivos e como as imagens são utilizadas.

## **CAPÍTULO I – Contexto Histórico - Segundo Período Intermediário e Reino Novo.**

Como já foi mencionado, este trabalho defende que o momento de criação do AmDuat seja o período anterior, Segundo Período Intermediário (1640-1532), quando mais uma vez o Egito fica dividido, agora sob o poder de líderes estrangeiros enfraquecendo suas instituições e a rigidez do Estado em relação às suas normas, abrindo espaço para o egípcio pensar ou fazer o que não poderia em condições habituais.

**Tabela 1 - Datas e Dinastias dos Períodos no Egito Antigo**<sup>31</sup>

<b>Período</b>	<b>Dinastias</b>	<b>Datas antes de Cristo</b>
<b>Reino Antigo</b>	III a VIII	2686 – 2160
<b>Primeiro Período Intermediário</b>	IX, X parte da XI	2160 – 2055
<b>Reino Médio</b>	Parte da XI, XII a XIV	2055 – 1650
<b>Segundo Período intermediário</b>	XV a XVII	1650 – 1550
<b>Reino Novo</b>	XVIII a XX	1550 – 1069
<b>Terceiro Período Intermediário</b>	XXI a XXIV; parte da XV	1069 – 664
<b>Época Tardia</b>	Parte da XXV; XXVI a XXX	664 – 332

Este capítulo irá abordar três aspectos específicos que juntos defenderão esta hipótese e localizarão o AmDuat em seu tempo.

Na religião egípcia as crenças funerárias e, conseqüentemente, tudo aquilo que estava ligado a elas formavam um conjunto muito importante. A religião e o aspecto divino do faraó eram fundamentais para manter a coesão e o poder do Estado e a forma com que ele era tratado no pós-morte estava diretamente ligada à sua vida junto aos deuses. Assim, o primeiro aspecto será a relação entre religião e poder no Estado egípcio além de como os textos funerários se inserem nessa relação tentando explicar a rigidez com que estes textos eram

<sup>31</sup> Tabela baseada na cronologia de Ian Shaw : SHAW, I. (Ed.). **The Oxford History of Ancient Egypt**. New York: Oxford University Press. 2003, p. 480-489.

tratados considerando a conservação do mesmo texto, com algumas modificações, no decorrer das dinastias e em cada período no *corpus* oficial.

Em seguida os Períodos Intermediários serão abordados de forma a expor as mudanças ocorridas no Estado principalmente do âmbito político e administrativo para que possa ser comparada com as mesmas características agora colocadas nas dinastias egípcias seguindo a realidade usual. Durante esses períodos o Egito passava por uma mudança no governo onde o poder unificado do faraó era perdido para outros governantes, por diferentes motivos.<sup>32</sup>

Por fim, iremos compreender melhor o momento em que o AmDuat foi utilizado e se houve vestígios do período passado que permaneceram. O Reino Novo foi um período muito rico em trabalhos artísticos, textos e documentos, muitos destes se mantêm mais do que nos períodos anteriores, por isso a quantidade de informação sobre ele é muito maior do que até então. Aqui, faremos um resumo deste período e suas características com o foco na retomada do poder por Ahmés na XVIII dinastia e como o Estado se reorganizou. Do mesmo modo, a religião do período será caracterizada com Amon-Rá como deus dinástico e a tentativa, com Akhenaton, de ascender Aton como deus principal.

### *Religião e poder*

O AmDuat passou a fazer parte de um corpus funerário real ao lado de textos tradicionais e diretamente ligados uns aos outros como uma composição com diferenças e semelhanças com os anteriores e servindo ao mesmo propósito: a garantia do renascimento após a morte e tudo o que era necessário para tal. Isso aconteceu em uma civilização em que a religião era fundamental para dar suporte a autoridade absoluta do monarca além de manter a unidade e estabilidade do país, sua ordem<sup>33</sup>. Os rituais funerários afirmavam a ligação do faraó com os deuses, sendo ele próprio um deus que deveria se juntar aos outros no pós-morte, elevando a importância dos mesmos e colocando-os sob grande cuidado. A religião e o que a cercava era, da mesma forma que as outras facetas do Estado, adaptável às circunstâncias, o que explica as constantes mudanças nessa área durante as dinastias e

---

<sup>32</sup> No Primeiro Período Intermediário o poder fica nas mãos dos monarcas locais, no Segundo por estrangeiros chamados de hicsos e no Terceiro governantes egípcios de dinastias paralelas, nem todos com o título de faraó. (CARDOSO, 2004, p.58/75)

<sup>33</sup> KEMP, B. J. *El Antiguo Egipto: Anatomía de una Civilización*. Barcelona: Crítica, 1996, p. 233.

períodos egípcios<sup>34</sup>. Um exemplo desta “adaptação” é a absorção de cultos populares pelo culto oficial. Isso acontece pela primeira vez no Reino Antigo, quando Osíris, de culto popular, passa a fazer parte do culto real nos Textos das Pirâmides.<sup>35</sup>

Os egípcios acreditavam no poder da palavra escrita, o que está gravado torna-se real. Por isso as paredes dos túmulos tomadas por inscrições, dos templos e palácio e por isso os grandes títulos dos faraós. De acordo com João, “Os egípcios acreditavam em um poder que seria inerente às palavras – pelo simples fato de algo estar escrito, significa que iria tornar-se realidade.”<sup>36</sup> Assim, não seria necessário que o dono no túmulo conhecesse as palavras das composições, mas que ele as possuísse de alguma forma.

A presença da religião durante o reinado de um faraó como base de legitimação pode ser encontrada concretamente em diferentes momentos<sup>37</sup>. Parte das fontes escritas egípcias que sobreviveram ao tempo são de cunho político, decretos relacionados a decisões para o país ou na relação com outros, de guerra ou de paz, descrições e biografias que contavam sobre acontecimentos político, muitos estavam permeados pela religião e ações dos deuses, como ordens ou permissões. Durante o Reino Novo, forma-se em Tebas uma teocracia sacerdotal liderada por um oráculo de Amon-Rá.<sup>38</sup> Na mesma forma que o faraó era considerado um ser superior ao seu povo, o Egito era superior aos outros países. Por ser governado pelo próprio deus ou um homem divino era diferente dos outros em importância e como não compartilhavam da mesma realidade os países estrangeiros deveriam estar subordinados a ele.<sup>39</sup>

A religião no Egito estava ligada à dinastia atual, um determinado culto era apropriado, por diferentes motivos, por uma dinastia e um deus estaria diretamente ligado a ela e ao faraó legitimando-os. Isso aconteceria quer o Egito estivesse unido por um único faraó ou estivesse dividido entre as regiões com cada uma delas escolhendo seu próprio deus dinástico. Um deus dinástico poderia existir durante um curto período com dinastias locais ou durante dinastias consecutivas, como Amon-Rá foi deus dinástico durante o Reino Novo. Este costume estava tão enraizado na política egípcia que durante o Segundo Período Intermediário

---

<sup>34</sup> Ibid, p.234.

<sup>35</sup> SMITH, W. S. The Old Kingdom in Egypt and the Beginning of the First Intermediate Period. In. EDWARDS, I.E S., GADD, C J., HAMMOND, N.G.L. (Ed.) **The Cambridge Ancient History: Early History of the Middle East**. 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. 1v. Part 2, p. 303.

<sup>36</sup> JOÃO, *op. cit*, 2008, p. 144

<sup>37</sup> O autor Gralha (2002, p 101-102) enumerou esses elementos baseado na escrita, iconografia e arquitetura.

<sup>38</sup> GRALHA, J. C. M. **Deuses, Faraós e o Poder: Legitimidade e Imagem do Deus Dinástico e do Monarca no Egito Antigo (1550-1070)**. Rio de Janeiro: Barroso Produções Editoriais, 2002, p. 36.

<sup>39</sup> CARDOSO, C.F. Sete Olhares Sobre a Antiguidade, s/e, s/l, s/d, p.23.

as duas dinastias dominadas por estrangeiros, familiarizados com a cultura local, escolheram para si um deus dinástico e uma cidade para este deus. Vale ressaltar que o culto oficial presente nos palácios e templos com seus elaborados conjuntos de mitos não correspondiam inteiramente à religião e à lógica religiosa popular.<sup>40</sup> O egípcio comum mesmo cultuando os mesmos deuses dos sacerdotes nos templos, o fazia de forma diferente, toda explicação cosmológica oficial que era vista como necessária para a religião raramente seria compreendida por todos, além disso, existiam elementos dos cultos populares que não se encontravam no oficial, como o culto aos animais sagrados.

No geral o faraó era o filho do deus, que mudava de acordo com a dinastia vigente. O que acontecia era a “teogamia”<sup>41</sup>, forma de explicar e validar uma escolha política, a escolha do rei. Nela, o herdeiro do trono não nasceria do rei e da rainha, mas dela e do deus que no momento da concepção tomaria a forma do rei. Assim, o faraó só seria legitimado se nascesse de uma rainha ou casasse-se com um membro feminino da família real. Quando isso não era possível o aspirante a rei ou rainha encontrava uma forma de se legitimar e receber o título de “Filho” do deus. A idéia de divindade do faraó estava constantemente presente na iconografia e textos como uma forma de tornar este um fato real e constantemente presente na vida dos egípcios, sua explicação, assim como a explicação de tudo o que estava relacionado à divindade, era constantemente feita através de mitos.<sup>42</sup>

Foi durante as primeiras dinastias em que a tradição da divindade do rei passou a existir, ele era o mediador entre os deuses e as pessoas além de ser responsável por ambos.<sup>43</sup> O mito do nascimento do faraó como filho de Rá nasce na mesma época, o título “Filho de Rá” é usado a partir do reino de Khafra (2558-2532 a.C.) na IV dinastia<sup>44</sup>. Essa tradição perdurou durante os diferentes períodos do Egito antigo, mas a relação do faraó como deus divino e a humanidade deu-se de forma diferente durante os reinos egípcios. No Reino Antigo o rei era a própria reencarnação de Hórus, fazendo dele o deus na Terra. Indícios dessa percepção podem ser encontrados no Dinástico Primitivo onde o deus estaria integrado na pessoa do faraó<sup>45</sup>. No início desse período o nome do faraó era relacionado ao de Horus e *nebty*, que se refere às duas deusas tutelares do Egito, Nekhbit e Wadjet. Outro termo

<sup>40</sup> CARDOSO, *op. cit.*, 2004, p. 88-89

<sup>41</sup> GRALHA, *op. cit.*, 2002, p. 89-90

<sup>42</sup> GRALHA, *op. cit.*, 2002, p. 87.

<sup>43</sup> MALEK, J. The Old Kingdom (c.2686-2160 BG). In. SHAW, I. (Ed.). **The Oxford History of Ancient Egypt**. New York: Oxford University Press, 2003, p.92.

<sup>44</sup> *Ibid, loc. cit.*

<sup>45</sup> CARDOSO, *op. cit.*, 2004, p. 51

utilizado era *netjer* e referia-se tanto para deuses como faraós, porém era geralmente precedido da palavra *nefer* para se referir aos faraós, o que significa “deus-júnior”<sup>46</sup>. Essa concepção é modificada com o surgimento o mito do nascimento divino colocando o rei como Filho de Rá, diminuindo sua importância divina. No Texto das Pirâmides essa nova visão fica clara na Expressão 309 da pirâmide de Unas, rei do final da V dinastia:<sup>47</sup>

O rei serve o Deus-Sol

“Unas é o “secretário” dos deuses, por de trás da mansão de Rá,  
Nascido do Desejo-dos-deuses, quem está na proa da barca de Rá,  
Unas agacha-se diante dele,  
Unas abre suas caixas,  
Unas abre seus decretos,  
Unas sela seus despachos,  
Unas faz o que Unas é mandado.”

A decadência da autoridade do faraó continuou e no Reino Médio ele estava mais próximo dos homens e de suas necessidades, sem ter perdido sua divindade. Nos seis hinos direcionados a Sesostris III<sup>48</sup> as boas características do faraó são destacadas, dentre elas a sua grande capacidade militar, o cuidado com seu povo e sua ligação com os deuses. No pequeno trecho seguinte ele é visto como compassivo com seu povo:

“Juventude singular que luta por suas fronteiras  
Sem deixar seus sujeitos se cansarem.  
Quem deixa o povo dormir até a luz do dia,  
As juventudes podem estar sonolentas, seu coração os protege.  
Cujos comandos fez seus limites,  
Cujas palavras juntaram os Dois Litorais.”

No Reino Novo o faraó conheceu o auge do seu poder como Filho de Amon-Rá. O monarca era similar ao deus de forma superior à similaridade que existia no Reino Antigo.

<sup>46</sup> MALEK, *op. cit.*, 2003, p. 92.

<sup>47</sup> LICHTHEIM, M. **Ancient Egyptian Literature: The Old and Middle Kingdoms**. Berkeley, Los Angeles, London: University California Press, 2006, v.1., p. 39.

<sup>48</sup> *Ibid*, p. 199.

### *Os Períodos Intermediários*

Durante a história do Egito Antigo, mais especificamente entre o Reino Antigo e a Época Tardia, o Egito passou por momentos de anarquia, quando o poder não estava centralizado nas mãos do monarca e a organização do Estado nos campos político, social e econômico estava comprometida. Estes períodos são chamados de Períodos Intermediários, pois aconteciam entre um período e outro (ver Tabela I) e tem-se registro de três deles.

Todos os períodos significaram uma ruptura no poder real egípcio, de uma forma ou de outra, e possuem semelhanças como o fato de terem começado logo após problemas na monarquia e na centralização do poder nos períodos anteriores, fatores naturais como más colheitas e fatores de relações exteriores também são vistos como causas. Já no Reino Médio surgem problemas de tomada e sucessão de poder e desde a XIII dinastia os Hicsos se movimentam para dominar o Norte do país, mas só estarão no poder quando formarem a XV dinastia.

No fim do Reino Antigo a autoridade faraônica sofre uma decadência levando o Egito à anarquia e descentralização. No Primeiro Período Intermediário, o poder passa a ficar nas mãos dos nomarcas. Estes eram os governantes dos nomos, unidades do território egípcio formadas em função da irrigação. Com a desorganização, as defesas egípcias ficaram deficientes facilitando a invasão de parte do Delta por nômades asiáticos<sup>49</sup>, mas sem que estes fossem capazes de tomar o poder o que aconteceu no Período Intermediário seguinte. Em relação à religião no geral, durante este período ela passou a acontecer de forma semelhante a anterior a unificação<sup>50</sup>, cada região restaurou o poder dos seus deuses locais retomando a sua importância anterior como se representassem o próprio deus dinástico, mas agora local.

Os hicsos, como Manethon chamou, eram os soberanos estrangeiros asiáticos que tomaram o poder e formaram a XV e XVI dinastia, os egípcios os chamavam de *hekau-kassut* “os chefes dos países estrangeiros”. O termo *hekau-kassut* foi empregado posteriormente para denominar outros estrangeiros de origem asiática fora destas dinastias. Estes estrangeiros eram compostos em sua maioria de semitas<sup>51</sup>. Como o Delta oriental já se encontrava

---

<sup>49</sup> CARDOSO, *op. cit.*, 2004,p.53.

<sup>50</sup> HAYES, W. C. The Middle Kingdom in Egypt: Internal History from the Rise of the Heracleopolitans to the Death of Ammenemes III. In. EDWARDS, I.E S., GADD, C J., HAMMOND, N.G.L. (Ed.) **The Cambridge Ancient History: Early History of the Middle East**. 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. 1v. Part 2, p. 518.

<sup>51</sup> CARDOSO, C. F. S. Sete Olhares Sobre a Antiguidade, s/d, p.51

densamente povoado por asiáticos foi neste local que a dominação dos Hicsos se iniciou, mais especificamente em Avaris. O grande contato com a cultura egípcia fez com que os hicsos acabassem por absorvê-la continuando atitudes tradicionais egípcias como escolher um deus dinástico para o seu governo. No Terceiro Período Intermediário o Egito, que está dividido desde o fim do período anterior, continua a dividir-se com as dinastias acontecendo paralelamente e sem seguir um padrão, há ainda dinastias estrangeiras lideradas por líbios, XXII, e núbios, XXV.

A literatura é um fator claramente presente nas transições entre um Reino e um Período Intermediário. Basta lembrar-nos das três maiores composições funerárias reais que preencheram e decoraram as paredes das pirâmides e tumbas reais, permitindo aquele que o conhecesse alcançar vida eterna ao lado dos deuses, desde o Reino Antigo e que modificou a cada reino subsequente: Os Textos das Pirâmides, Os Textos dos Sarcófagos e por último o Livro dos Mortos. A substituição de cada um destes textos reais pelo outro não significava apenas uma mudança no texto, pois ela não é feita de forma regrada com cada texto existindo apenas em um período específico, a maior mudança teria sido a abertura na sua utilização. No Reino Antigo os textos e ritos funerários eram privilégio apenas da realeza, quando no Período Intermediário já podem ser utilizados por funcionários reais de maior importância que poderiam arcar com as grandes despesas. No Reino Novo o texto funerário, que é agora majoritariamente o Livro dos Mortos, era encontrado em papiro facilitando sua troca e podendo ser comprado por todos que possuíssem condições para isso. Com o texto disponível em papiro e a autonomia financeira sendo progressivamente alcançada pelos egípcios, uma parte da população muito maior passa a ter acesso àquilo que garantiria sua vida entre os deuses.

O Período Intermediário que aqui mais nos interessa é o segundo, pelo fato de ser anterior ao período de utilização do AmDuat. A tomada do poder pelos Hicsos não foi feita totalmente através de conflitos bélicos. Como foi comentado, este povo já se encontrava no Delta muito antes da XV dinastia. Já no Primeiro Período Intermediário havia evidências de estrangeiros de origem asiática em Tell el-Dab'a, em Avaris<sup>52</sup>, porém há uma dificuldade de identificar suas origens. O constante contato com a cultura egípcia modificou com o tempo a cultura estrangeira fazendo com que os registros de sua passagem como construções e cerâmica possuísse características de ambas o que foi acelerado pelo rápido desenvolvimento

---

<sup>52</sup> BOURRIAU, J. The Second Intermediate Period (c.1650-1550). In., SHAW, I. (Ed.). **The Oxford History of Ancient Egypt**. New York: Oxford University Press. 2003, p. 176

cultural em el-Dab'a.<sup>53</sup> A evidência mais clara que comprova a ligação desta cidade com os hicsos se encontra na tumba de Nehesy, alto oficial e, por um período, rei de Avaris durante a XIII ou XIV dinastia. Nela, Nehesy é colocado como filho de Rá e Seth e é descrito como rei de Avaris<sup>54</sup>. A expansão do poder hicsos começou em Avaris, mas não terminou nela. Ter o domínio do Delta não era suficiente para conseguir e manter o controle sobre todo o país, era preciso ter controle sobre todo o Nilo. Para isso, o próximo passo dos Hicsos foi o mesmo dado por que todos o que buscavam este mesmo objetivo: ter o controle de Menfis<sup>55</sup>.

O constante aumento de poder pelos Hicsos e sua expansão pelo Egito encontrou alguma resistência da parte egípcia o que resultou em conflito, destruição e subjogação de grupos nativos. Com o poder estabelecido o hicsos impuseram altas taxas aos reinados do sul, contudo sua administração não foi tão rígida<sup>56</sup>. Após o término do período, com a dinastia egípcia e a centralização restabelecida, os egípcios passaram a tratar o episódio Hicsos como uma fase obscura pela qual o país passou<sup>57</sup>, pensamento compreensível originário de um grupo que perdera seu poder. Contudo, o período hicsos não foi de todo conflituoso e isso pode ser explicado pela forma com que eles levaram seu governo, ao invés de impor suas instituições e cultura mantiveram muito da realidade egípcia tanto na política quanto na religião. Utilizavam a escrita hieroglífica e nomenclaturas reais egípcias. Estabeleceram uma religião oficial e escolheram como deus dinástico Seth de Avaris, sua cidade capital.

O culto de Seth é originário do Alto Egito e foi implantado no nordeste do delta por volta da IV dinastia.<sup>58</sup> Hayes vê a possibilidade de Seth ter sido reconhecido pelos Hicsos como um de seus deuses asiáticos<sup>59</sup>. Contudo, Rá continua presente na nomenclatura dos reis estrangeiros<sup>60</sup> assim como seu culto e o de outros deuses ainda persistia<sup>61</sup>. Durante esse período o Egito aumentou seu contato com o exterior, particularmente a Ásia ocidental, e conseguiu acelerar sua condição tecnológica aproximando-se da de outros países<sup>62</sup>. As

---

<sup>53</sup> *Ibid, loc. cit.*

<sup>54</sup> *Ibid*, p 177.

<sup>55</sup> *Ibid*, p.183.

<sup>56</sup> HAYES, T.G.H. Egypt: From the Expulsion of the Hiksos to Amenophis I. In. EDWARDS, I.E S., GADD, C J., HAMMOND, N.G.L., SOLLBERGER (Ed.). **The Cambridge Ancient History: History of the Middle East and the Aegean Region**. 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, 2v. Part 1, p.55

<sup>57</sup> GRIMAL, N. **História do Egito Antigo**. 1 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2012, p. 198

<sup>58</sup> HAYES, *op. cit.*, 2008, 2v. Part 1, p. 56

<sup>59</sup> *Ibid, loc. cit.*

<sup>60</sup> GRIMAL, *op. cit.*, 2012, p.197.

<sup>61</sup> GRALHA, *op. cit.*, 2002, p.42

<sup>62</sup> CARDOSO, *op. cit.*, 2004, p.58-60.

mudanças apresentadas pelos Hicsos e continuadas no Reino Novo alcançam níveis além dos citados. Shaw resume estas mudanças

“Sobre a ponte estabelecida pelos Hicsos e mantida pelos faraós do Reino Novo lá fluíram para o Vale do Nilo em quantidade sem precedentes novas linhagens de sangue, novos conceitos religiosos e filosóficos e novos estilos artísticos e de media, assim como inovações históricas de natureza mais prática.<sup>63</sup>”

Durante a XVI dinastia dos hicsos em Avaris formou-se a XVII dinastia em Tebas originária de um ramo local tebano da XIII dinastia egípcia<sup>64</sup>. Enquanto em Avaris Apofis I (1555) encontrava-se no poder, em Tebas governava um rei chamado Antef VII (--) que manteve uma relação de paz com os hicsos durante o seu reinado<sup>65</sup>. Esta paz durou apenas por um tempo, os conflitos começaram pouco depois, no reinado de Taa<sup>66</sup> (c. 1560) e duram até a expulsão total dos estrangeiros por Ahmés I (1550-1525). Com a vitória de Ahmés, Avaris sofre um grande êxodo e destruição de tudo o que foi construído nas XV e XVI dinastias, assim como acontece em Menfis. Assim, há um rompimento cultural entre o reinado dos Hicsos e a XVIII dinastia. Contudo, o culto a Seth permanece e se expande no Reino Novo<sup>67</sup>.

James (2008)<sup>68</sup> utiliza a fonte “Story of Apophis and Seqenenre” para falar sobre a situação do Egito no período em que Apofis (c.1555) está à frente de Avaris e Seqenenre (1560) de Tebas. De acordo com a fonte, os conflitos entre Hicsos e egípcios na XVII dinastia foram resultado da simples provocação hicsa. Segundo ele, é possível, contudo, constatar a situação do Egito no fim da dominação hicsa. Neste momento, o país encontra-se dividido e compelido a pagar tributos à Avaris. O início dos conflitos entre Tebas e Avaris está registrado na estela de Kamose. Nele, este rei pede apoio ao principado de Kush, o que nega, alegando que a situação do Egito no momento é estável e de paz. A relação amigável entre Avaris e Kush, que de acordo com James<sup>69</sup> era tributária, pode ser comprovada por uma carta

<sup>63</sup>: “Over the bridge established by the Hyksos and maintained by the pharaohs of the New Kingdom there flowed into the Nile Valley in unprecedented quantity new blood strains, new religious and philosophical concepts, and new artistic stiles and media, as well as epoch-making innovations of a more practical nature.”: HAYES, *op. cit.*, 2008, 2v. Part 1, p.56-57.

<sup>64</sup> GRIMAL, *op. cit.*, 2012, p. 198.

<sup>65</sup> *Ibid*, p. 200.

<sup>66</sup> Ou Seqenenra.

<sup>67</sup> BOURRIAU, *op. cit.*, 2003, p. 202.

<sup>68</sup> JAMES, T.G.H. Egypt: From the Expulsion of the Hiksos to Amenophis I. In. EDWARDS, I.E S., GADD, C J., HAMMOND, N.G.L., SOLLBERGER (Ed.). **The Cambridge Ancient History: History of the Middle East and the Aegean Region**. 3 ed. Cambridge: Cambridge Univerdity Press, 2008. 2v. Part 1, p.

<sup>69</sup> JAMES, *op.cit.*, 2008. 2v. Part 1, p. 297

enviada por Apófis ao príncipe de Kush após o ataque de Kamose. Na carta, que foi interceptada por Kamose, Apofis pedia para que o príncipe de Kush atacasse o Egito<sup>70</sup>. O autor afirma que esta paz era apenas superficial e que o ataque de Kamose contra os Hicsos foi motivado principalmente por orgulho<sup>71</sup>. Ele ainda considera possível que este ataque não tenha sido esperado pelos Hicsos, o que foi o principal elemento para seu sucesso<sup>72</sup>.

Kamose deu início a expulsão dos hicsos. Suas campanhas não obtiveram sequência imediata<sup>73</sup>, mas foram continuadas pelo primeiro rei do que foi considerado o Reino Novo. Sobre este ponto, existe uma divergência entre os autores utilizados nesta monografia. Inicialmente, o nome Amosis é a versão grega de Ahmés, o que faz com que as duas versões do nome sejam utilizadas por diferentes autores. Entretanto, alguns autores colocam duas personalidades com o mesmo nome, ou com as versões Amosis e Ahmés, como duas pessoas diferentes. O autor utilizado como base para a cronologia das dinastias e reinos egípcios, Shaw, coloca como primeiro rei do Reino Novo, Ahmés<sup>74</sup>, o que é adotado por Bryan, Gralha e Cardoso. James e Grimal consideram Amosis<sup>75</sup> como primeiro rei. James ainda cita Ahmés, porém como oficial que participou e liderou as expedições contra os Hicsos e durante todo reinado de Amosis e até Hatshepsut. Em um trecho de seu trabalho, James cita que após as expedições contra Avaris, Apofis considera Ahmés o substituto de Amosis<sup>76</sup>. Na “Autobiografia de Ahmés, Filho de Abana”, traduzida no segundo livro de Lichtheim sobre literatura egípcia, Ahmés é descrito como o Comandante de Tripulação<sup>77</sup>, filho do soldado que serviu ao rei do Alto Egito Seqenenre. Ahmés escreve na primeira pessoa dizendo que serviu “na época do Senhor das Duas Terras, Nebpehtire, o justificado.” De acordo com a nota da autora e a cronologia de Shaw, este é Ahmés<sup>78</sup>, fundador da VIII dinastia. Neste trabalho trataremos apenas Ahmés como primeiro rei do Reino Novo.

Durante a XVII dinastia, Tebas teve seu contato com o Baixo Egito cortado ficando proibida de ter acesso aos centros de ensino dos escribas em Menfis que durante o reinado Hicsos acabaram por florescer ainda mais. Durante este tempo a criação de novos textos

---

<sup>70</sup> *Ibid, loc. cit.*

<sup>71</sup> JAMES, *op. cit.*, 2008, 2v, Part 1, p. 290.

<sup>72</sup> *Ibid*, p. 292.

<sup>73</sup> *Ibid*, p. 293.

<sup>74</sup> Ahmose em inglês.

<sup>75</sup> James (2008): Amosis; Grimal (2012): Ahmosis.

<sup>76</sup> “For Apophis, Amosis was now substituted”: JAMES, *op. cit.*, 2008, 2v, Part 1, p. 295

<sup>77</sup> “Crew Commander”: LICHTHEIM, M. **Ancient Egyptian Literature: The new Kingdom**. Berkeley, Los Angeles, London: University California Press, 2006. v.2., p. 12.

<sup>78</sup> LICHTHEIM, *op. cit.* 2006. 1v.,p.14.

funerários não avançou em Tebas, assim, Tebas apresentou uma evolução em outro âmbito. Graças a falta de recursos, houve uma mudança na construção dos sarcófagos.<sup>79</sup>

Outra herança do Segundo Período Intermediário que pode ser encontrada no Reino Novo resulta do conflito entre Tebas e Avaris. A vitória de Tebas vitoriosa ao fim do período fez com que o culto a Amon se fortalecesse e foi o motivo pelo qual os faraós da XVIII dinastias fossem provenientes deste local. Com Amon como deus de Tebas e Seth como deus de Avaris, a guerra entre as duas cidades pode ser encarada como uma batalha entre Amon e Seth<sup>80</sup>, o que se torna ainda mais característico pelo fato de Seth ter sido o deus que representava o caos e a desordem, da mesma forma como os egípcios viam os Hicsos no momento, e Amon a ordem, os dois deuses eram antagônicos assim como os povos. Assim como Tebas Amon consegue a vitória sobre Seth e passa a ser o deus dinástico do Reino Novo, também chamado de Amon-Rá.

### *O Reino Novo*

O primeiro monarca da XVII dinastia, Ahmés, estava à frente da expulsão dos hicsos e iniciou a reorganização do país, principalmente nas relações exteriores. Parte de sua política é seguida por seu filho Amenhotep I (1525-1504 a.C.)<sup>81</sup>. Com Thutmés I o AmDuat é utilizado pela primeira vez, ao que se tem conhecimento, e com ele surge outra novidade no âmbito funerário, Thutmés I (1504-1492 a.; C.) é enterrado no Vale dos Reis, na capital Tebas, seguido por outros túmulos reais e templos funerários. Esta era uma localização estratégica uma vez que as tumbas sendo escavadas nas colinas do deserto dificultavam os saques, que não era raros dada a quantidade de riquezas que o faraó “levava” consigo após a morte.<sup>82</sup>

O exato momento em que os Hicsos foram expulsos varia de acordo com cada autor, contudo todos eles colocam esse momento no reinado de Ahmés. James (2008)<sup>83</sup> cita os escritos deixados por Ahmés onde ele comenta sobre as expedições feitas à Avaris até sua derrota, porém não há nada relacionado ao restante do Delta. James interpreta essa ausência

<sup>79</sup> BOURRIAU, OP. CIT., 2003, p. 193.

<sup>80</sup> “Exemplo disto pode ser encontrado em um papiro da XIX<sup>a</sup> dinastia, mas que se refere ao conflito da XVII<sup>a</sup> – A *Querela de Apepi e Sekenenra* (Papiro Sillier I: BM n° 10185). A narrativa parece demonstrar uma batalha mítica entre o monarca de Tebas e o soberano dos hicsos, tendo seus deuses dinásticos respectivos à frente deste conflito (...)”: GRALHA, *op. cit.*, 2002, p.43.

<sup>81</sup> CARDOSO, *op. cit.*, 2004, p. 65.

<sup>82</sup> *Ibid, loc. cit.*

<sup>83</sup> JAMES, *op. cit.*, 2008. 2v. Part 1, p. 295

como uma indicação de que o Delta apoiava os Hicsos, devido a ameaça que eles representavam, e sua expulsão por Ahmés terminaria com essa ameaça ficando desnecessária uma expedição militar contra o Delta. Para garantir a reunificação, Ahmés tomou algumas medidas. O saque a Avaris foi a primeira delas e existe discordâncias entre autores sobre as seguintes. A seguir Ahmés fez uma campanha ao sul da Palestina e, após isso, em Buhen, na Núbia; ao voltar para o Egito precisa finalizar dois levantes, um grupo de estrangeiro vindo no norte e um levante liderado por um egípcio seguido por aqueles que eram contrários ao atual reinado. No fim de seu reinado, Ahmés começou uma série de construções nos grandes centros de culto: Menfis, Karnak, Heliópolis, Abidos e nos limites do Egito em Avaris e Buhen<sup>84</sup>. Além das expedições militares, Ahmés iniciou um projeto de construções por todo Egito começando por Avaris e Menfis. Para Avaris havia um projeto mais ambicioso, transformá-la em um grande centro para a utilização do governo, provavelmente comercial de acordo com Ryan<sup>85</sup>. No final de seu reino, ainda em seu projeto de construções, Ahmés dedicou-se aos monumentos dos templos destinados aos deuses do Reino Médio, Ptah, Amon, Montu, Osiris. Contribuiu principalmente para o culto de Amon em Karnak.<sup>86</sup>

Após Ahmés tornar os limites do país seguros novamente e com Kush subjogado, era preciso cuidar dos assuntos internos ligados, principalmente à administração, agricultura, comércio e religião que foram modificados ou prejudicados durante o Segundo Período Intermediário. Para manter o controle do Egito, Ahmés substituiu a administração dos nomos por pessoas de sua confiança. Ele tinha o costume de recompensar os serviços prestados, assegurando a lealdade de seus aliados. Em relação à agricultura, durante o Segundo período Intermediário o sistema de irrigação ficou sem controle, prejudicando as plantações.<sup>87</sup>

Durante o Reino Novo o Egito apresentou uma abertura às influências estrangeiras como não havia conhecido até então, ocasionando grandes avanços na arte, comércio e guerra. Esse contato com o exterior consistiu em um processo com início na XII dinastia e que foi acelerado com a expulsão dos Hicsos, o que voltou a atenção do Egito para o leste<sup>88</sup>. No início da XVIII dinastia não aconteceram mudanças dramáticas na vida ou cultura no Egito.<sup>89</sup> A recuperação da economia foi lenta, contudo muitas foram as mudanças feitas. O Egito passou

---

<sup>84</sup> BOURRIAU, *op. cit.*, 2003, p. 203-204.

<sup>85</sup> BRYAN, B.M. The 18<sup>th</sup> Dynasty before the Amarna Period (c.1550-1352). In. SHAW, I. (Ed.). **The Oxford History of Ancient Egypt**. New York: Oxford University Press. 2003, p. 208.

<sup>86</sup> BRYAN, *op. cit.*, 2003, p. 209.

<sup>87</sup> JAMES, *op. cit.*, 2008. 2v. Part 1, p. 300-301

<sup>88</sup> *Ibid*, p. 302

<sup>89</sup> *Ibid*, p. 302-303

a importar material do exterior, a construção de templos e a difusão do culto de Amon-Rá aumentou assim como as práticas funerárias se desenvolveram e os padrões e execuções artísticas melhoraram.

Alguns aspectos referentes à realeza egípcia sofreram modificações no início da XVIII dinastia por Ahmés e seus sucessores. Após Amenhotep I, a XVII dinastia passou a ter algumas características definidas. O culto principal passa a ser o de Amon de Karnak, local que recebe grande atenção em seu reinado, com devoção por parte dos faraós. As expedições militares à Núbia continuaram e obtiveram sucesso. Os ganhos militares oriundos destas expedições foram fundamentais para a recuperação econômica do Egito. A família real passa a ser nuclear e fechada e a organização administrativa está muito mais desenvolvida formada por relações colaterais e famílias com grande influência e poder. Amenhotep I, filho de Ahmés, continua a lógica seguida no reinado do pai e começa novas expedições militares além de terminar os seus projetos de construção e começar novos.

No Reino Antigo o faraó era visto como filho legítimo de Rá em sentido literal, explicando assim sua deificação, mas ter Rá como divindade suprema trazia alguns problemas práticos. Havia uma dificuldade em representá-lo por possuir forma fixa, seu culto era feito ao ar livre graças a sua localização e visibilidade e como a religião egípcia e seus cultos reais eram exclusivos era necessário mantê-los em segredo o que gerava um ar de mistério e grandeza o que não era possível se o culto fosse aberto<sup>90</sup>. No Reino Novo alguns dos problemas são solucionados com a adoção de Amón como deus sol, também chamado de Amón-Rá tornando a ligação com o deus anterior ainda mais precisa, sua imagem não estava presa a uma forma fixa e era mais bem identificado pelo homem comum. O trecho a seguir tirado de um hino a Amon-Rá da estela de Nebre deixa claro essa identificação com o homem comum e a pobreza e a ligação com Tebas:

“(...) Você é Amun, o Senhor do silêncio,  
 Quem atende a voz do pobre;  
 Você vem para me resgatar,  
 Para dar fôlego àquele que está miserável,  
 Para me resgatar do cativoiro.  
 (...)  
 Você é Amon-Rá, Senhor de Tebas,  
 Quem o resgata que está no *dat*;  
 Pois você é ele que é (misericordioso),  
 Quando alguém apela a você,

---

<sup>90</sup> KEMP, *op. cit.*, 1996, p.250-252.

Você é ele que vem de longe.”<sup>91</sup>

Como deus dinástico Amon precisava ser semelhante ao deus primordial possuindo suas características, tudo o que era direcionado ao deus sol passa a ser direcionado a Amon, até mesmo o mito de nascimento do faraó é revisado sendo representado como este deus.<sup>92</sup> Nas “Orações de Paheri”, escriba no reinado de Thutmose I a Oração para Oferendas, encontrada no texto mortuário de sua tumba, mostra essas características:

“Uma oferenda dada pelo Rei (para) Amon,  
Rei da eternidade, senhor da eternidade,  
Governante, senhor das duas grandes plumas,  
Único, primordial, mais antigo,  
Primeiro, sem [igual],  
[Criador] dos homens e deuses,  
Chama viva que veio de Num,  
[Criador] da luz para a humanidade; (...)”<sup>93</sup>

Assim, o faraó continua sendo o Rei das Duas Terras, mas agora é também filho de Amon-Rá. Como Amón era a divindade de Tebas, houve uma ascensão desta cidade no período assim como de seus sacerdotes. O sacerdócio estava crescendo política e economicamente em todo o Egito, apesar das tentativas monárquicas de impedir esse crescimento, dentre este grupo os de Tebas teve uma mudança privilegiada.<sup>94</sup> As atribuições e responsabilidades do monarca aumentam junto com suas tarefas, dentre delas estava o cuidado com a relação do Egito com outros países, uma vez que seu isolamento acabara de vez desde o episódio com os hicsos. A lógica de poder antiga que trazia a autoridade absoluta do faraó continua no Reino Novo, o faraó agora experimenta um grande poder pessoal. Contudo, a hierarquia deixa de funcionar de forma única, pois a sociedade está mais plural e o egípcio passa a lentamente emancipar-se economicamente como será explicado no próximo capítulo com a abertura dos textos funerários reais para a população em geral.<sup>95</sup>

Outro grupo de funcionários reais passa a receber cada vez mais poder do faraó graças a necessidade de ajuda na administração<sup>96</sup>, o principal componente deste grupo era o *tjati* que pode ser comparado com os atuais primeiro ministros. Antes cargo único agora se duplica,

<sup>91</sup> LICHTHEIM, *op. cit.*, 2006. v.2., p. 105.

<sup>92</sup> KEMP, *op. cit.*, 1996, p. 252.

<sup>93</sup> LICHTHEIM, *op. cit.*, 2006. v.2., p. 16

<sup>94</sup> CARDOSO, *op. cit.*, 2004, p.61.

<sup>95</sup> KEMP, *op. cit.*, 1996, p. 234.

<sup>96</sup> CARDOSO, *op. cit.*, 2004, p. 63

além de Tebas passa a estar presente em Heliópolis com grandes atribuições judiciárias e financeiras, fragmentando um pouco o poder do faraó. As instituições subordinadas ao faraó passam a ser mais consistentes e independentes. Ministros, soldados e sacerdotes fazem parte desta hierarquia como instrumento do rei e à frente do palácio e templo, marcos materiais da instituição desde o Império Antigo. A grande diferença é a forma com que essa relação se dá, antes eram partes de um mesmo sistema, agora estão totalmente institucionalizadas e com maior coerência resultando em um equilíbrio de forças.<sup>97</sup>

A atribuição de grandes poderes a outras instituições e pessoas além do rei não diminui o poder real. A teocracia faraônica alcançando seu ápice no Reino Novo. O monarca era divino, estava intrinsecamente ligado ao deus supremo sendo cultuado em vida, um caso extremo mostra o faraó Akhenaton representado cultuando a si próprio<sup>98</sup>, mas este é um caso à parte que será retomado. Tudo aquilo que reforçava este poder experimentou um crescimento e refinamento, a arquitetura através dos templos, agora ligados a Amon-Rá, muito mais sofisticados; dos túmulos reais que passam a ser construídos no Vale dos Reis; toda a arte ligada a ritos funerários e a religião além dos próprios textos mais elaborados, todos possuíam agora maior riqueza e sofisticação.<sup>99</sup>

A cidade de Tebas resume muito bem essa característica, ela era uma cidade basicamente cerimonial e sagrada, local onde os faraós frequentemente passavam seus dias. Reunia uma grande importância religiosa, dedicava-se às festas religiosas e fazia o culto à monarquia divina. Além de ser o local de onde a crença de Amon como deus superior já existia, também é a cidade de origem das famílias dos faraós da XVIII dinastia o que aumenta seu prestígio. A cidade foi totalmente reformada durante esta dinastia e sofreu um grande aumento populacional passando a ter um tamanho muito maior do que apresentava no Reino Médio sendo considerada uma das maiores populações do mundo antigo<sup>100</sup>. Além de abrigar o novo local de sepultamento dos reis, possuía entre suas construções o grande templo de Amon em Karnak onde se encontrava um palácio real em seu território, esse templo é um tipo de construção de grandes proporções o que agora é prioridade para o Estado. Também abrigava o templo de Luxor que era dedicado à relação entre o faraó e Amon com cenas do nascimento do faraó. Ambos os templos eram utilizados em festas religiosas.<sup>101</sup>

---

<sup>97</sup> KEMP, *op. cit.*, 1996, p. 233-234

<sup>98</sup> CARDOSO, *op. cit.*, 2004, p. 70.

<sup>99</sup> GRALHA, *op. cit.*, 2002, p.25

<sup>100</sup> KEMP, *op. cit.*, 1996, p. 257-257

<sup>101</sup> KEMP, *op. cit.*, 1996 p. 262.

De acordo com Cardoso (2004), a XVII dinastia foi a mais conhecida e famosa podendo ser dividida em três partes, o seu crescimento, seu auge e sua decadência com uma pequena recuperação. Durante essa decadência ocorreu uma crise religiosa do reinado de Akenathon (1352-1336 a. C.), movimento efêmero que durou por volta de duas décadas de 1352 a 1336 e ficou conhecido como o período Amarniano<sup>102</sup>. Essa crise foi causada pela ascensão do deus Aton, o disco visível do sol, como deus supremo e único. As divindades agora eram apenas Aton e o próprio faraó.<sup>103</sup> O culto a Aton pode ser também encontrado do reinado de Thutmés IV, mas sem muita expressividade, ele atinge sua forma radical com Akenathon, antes chamado de Amenhotep IV que muda seu nome graças mudança do deus supremo de Amon para Aton. Com o objetivo de torná-lo deus único o faraó tenta proscriver todos os outros deuses tradicionais com seus cultos e mitos. Esta mudança do deus dinástico não ocorre imediatamente, Amenhotep IV passa dois anos de seu reinado seguindo a tradição de Amon antes da reforma religiosa<sup>104</sup>.

Segundo Cardoso<sup>105</sup> “Sem prejuízo de uma possível inclinação mística sincera de Akhenaton, a nova religião tinha intenções políticas claras, de exaltação e de deificação do rei, filho do sol: o faraó foi inclusive representado adorando a si mesmo!”, como na teocracia egípcia a religião era fundamental para a validação e organização do faraó e do Estado, um novo deus não favorecia apenas ao próprio deus, mas também ao monarca. Durante este reinado, a população não fazia parte do culto do deus dinástico e o testemunhava poucas vezes, outros mitos não foram colocados do lugar dos anteriores e a única ligação que havia entre os homens e o deus era o próprio faraó<sup>106</sup>. Dentre algumas das adaptações necessárias, Aton passa a ser considerado um deus primordial absorvendo todas as suas características tradicionais e é construída para ela uma cidade própria, Ahhet-Aton, pois era costume relacionar o deus dinástico à uma cidade.<sup>107</sup>

O culto a Aton não parece ter sido muito difundido apesar de que não há informações suficientes para medir sua extensão<sup>108</sup>, no próprio reinado de Akhenaton havia a sobrevivência de cultos anteriores. Durante a construção de Amarna os operários reunidos em

---

<sup>102</sup> GRALHA, *op.cit.* 2002, p. 52

<sup>103</sup> *Ibid*, p. 53.

<sup>104</sup> “É apenas no segundo ano de seu reinado que Amenhotep IV dá a Aton o lugar que Amon-Rá ocupava. Antes ele havia empreendido um programa de construção tradicional.”: GRIMAL, *op. cit.*, 2012, p.132

<sup>105</sup> CARDOSO, *op. cit.*, 2004, p. 70

<sup>106</sup> GRALHA, *op. cit.*, 2002, p. 53; GRIMAL, *op. cit.*, 2012, p. 234-235.

<sup>107</sup> GRALHA, *op. cit.*, 2002, p 53.

<sup>108</sup> GRALHA, *op. cit.*, 2002, p.135.

sua vila construíam seus próprios templos e neste local existem referências a Amon e Amon-Rá além dos deuses que significavam proteção para aos trabalhadores, sem que Aton tenha sido esquecido por estes grupos,<sup>109</sup> o que ilustra a pouca difusão do culto e sua breve duração. Também não se sabe quando exatamente ele acabou, mas o próprio Tutankhaton, sucessor de Akhenaton, muda seu nome para Tutankhamon ilustrando a volta do culto de Amon. Já no reinado de Seth I não existem mais vestígios desta reforma.

---

<sup>109</sup> KEMP, *op. cit.*, 1996, p.383

## CAPÍTULO II – Literatura no Egito Antigo

Este capítulo será dedicado a fazer uma recapitulação da literatura egípcia desde o Reino Antigo até o Reino Novo onde foi utilizado pela primeira vez o AmDuat. Aqui será abordada a literatura presente na esfera privada e real excluindo-se as compilações funerárias, Texto das Pirâmides, dos Sarcófagos, Livro dos Mortos e livros sobre o submundo que serão abordados no próximo capítulo.

A autora consultada como base para este capítulo é a Miriam Lichtheim (2006)<sup>110</sup> e os dois primeiros livros de sua coleção sobre a Literatura do Egito Antigo. Seus livros datam do final da década de 70 ao início da de 80. Novos trabalhos foram produzidos e algumas de suas idéias questionadas o que não diminui a sua relevância ou valor para o estudo do tema em questão.

Desde a década de 20 do século passado a literatura egípcia, ou a existência ou não de uma literatura egípcia, vem sendo discutida por estudiosos do assunto e por mais que avanços tenham sido feitos a questão se mantém até hoje. O primeiro autor, com competência na língua egípcia e seus escritos, a tratar do assunto de forma eficiente foi Adolf Herman, em seu texto em 1927 *Literatur der Alten Ägypter* que dava ênfase ao refinamento estilístico de alguns textos. Até 1970 sua visão foi a base do entendimento dos egiptologistas sobre o assunto: a civilização egípcia cujos textos tinham como objetivo preservar suas estruturas e classes, reunir regras sociais e religiosas não conhecia literatura no moderno conceito da palavra. A partir da década de 70 passou-se a ser questionado que tipos de composições seriam considerados literatura, para isso textos individuais eram analisados separadamente e serviam de modelo para a identificação de um discurso literário. O autor que começou a questionar a visão anterior foi Jan Assmann, ele entendeu que a literatura egípcia possuía um discurso cultural próprio e que suas características não se comparavam aos textos contemporâneos não literários. A questão agora seria definir quais textos seriam literários e quais não. Assmann foi seguido por diversos estudiosos que tentaram resolver este problema. No primeiro volume de seu *Book of Readings*, publicado no mesmo ano do questionamento de Assmann, 1974, Lichtheim define os gêneros literários egípcios, suas principais características

---

<sup>110</sup> LICHTHEIM, *op. cit.*, 2006, 1v; LICHTHEIM, *op. cit.* 2006, 2v. As informações retiradas de outros autores serão especificadas em notas.

nessa tarefa foram a análise filológica dos textos e a inserção dos mesmos em seu contexto histórico e cultural.<sup>111</sup>

Loprieno (2006)<sup>112</sup> levanta uma questão não resolvida da obra de Lichtheim, ela não especifica o que define um texto como literário, o que deve ser levado em conta para identificá-lo. Em 1996, seguindo a linha de pesquisa dos anos 80 e 90 que dizia que a ficção sobrepujava a função na literatura egípcia, o trabalho editado pelo próprio Loprieno continha um de seus artigos *Defining Egyptian Literature: Ancient Texts e Modern Theories*<sup>113</sup>, sua solução para o problema traçando três critérios para a identificação de textos literários egípcios. Neste artigo, o autor também discorda da utilização do “estilo oracional” por Lichtheim, afirmando que as características que o define não são suficientes para determinar a natureza literária de um texto. Dentre os seus critérios estão a ficcionalidade; a intertextualização, teoria que coloca o texto como parte de um “universo de textos” com os quais ele se relaciona dialeticamente e não como a criação original de um autor e a recepção que vê a necessidade de leitores para as obras.

Duas outras questões se fazem importantes de serem citadas: o que propiciou o surgimento do discurso literário e a datação. Após 1970 esse surgimento passou a ser visto como um fenômeno contíguo que não estava ligada nem ao nascimento da estrutura política egípcia, nem ao surgimento da “consciência individual”, que só aconteceu no Reino Médio<sup>114</sup>.

Para identificar a data de um trabalho é necessário levar em consideração algumas características. Primeiro as datas implícitas, as que podem ser encontradas facilmente nos textos, geralmente se referindo a nome de reis e reinos e as explícitas, que surgem a partir do conhecimento das mudanças na escrita durante os períodos egípcios. Se essas considerações não forem suficientes ou se mostrarem conflitantes é preciso identificar a configuração interna de um texto<sup>115</sup>. Os padrões utilizados pelos egiptologistas para datação também mudaram com o passar do tempo. Antes da década de 70 era privilegiada a idade mencionada do texto, fazendo uma tentativa de conectar as características mencionadas, como indivíduos ou fatos, com as presentes na civilização egípcia. Na década de 70 foi utilizado o critério da linguagem

---

<sup>111</sup> As informações deste parágrafo foram baseadas em: LICHTHEIM, *op. cit.*, 2006, p. xxiii-xxxi.

<sup>112</sup> LOPRIENO, A. *Defining Egyptian Literature: Ancient Texts and Modern Theories*. In: LOPRIENO, A. (Ed.). **Ancient Egyptian Literature: History and Forms**. Leiden, New York, Köln: E. J. Brill, 1996. p. 39-58. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&id=fq5ViNRi7zoC&q=literature#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 30 de Agosto de 2013 21:22

<sup>113</sup> LOPRIENO, *op. cit.*, 2006, p. 39-59.

<sup>114</sup> LICHTHEIM, *op. cit.*, 2006, 1v., p.xxvii.

<sup>115</sup> LICHTHEIM, *op. cit.* 1v., p. xxviii-xxix

e das décadas de 80 a 90 privilegiou-se o contexto histórico ambíguo em que os textos foram utilizados às características supostamente presentes na época em que foram escritos. Essa mudança de paradigma ocorreu, pois ao utilizar um manuscrito de uma época anterior percebe-se que as idéias contidas nele ainda estão ligadas à cultura contemporânea à sua utilização.

Retornando à Lichtheim, ela divide os textos egípcios em três estilos: prosa, poesia e o que ela chama de “estilo oracional”, compreendido entre os anteriores. A prosa possui um movimento linear constante, com uma variação que não deixa espaço para o surgimento de orações ritmadas ou outras características da poesia. No “estilo oracional” as orações são estruturadas simetricamente e utiliza o discurso direto. A poesia egípcia diferencia-se dos outros gêneros principalmente pela repetição de uma linha com intervalos regulares. A semelhança entre esses dois últimos estilos é a utilização do sistema métrico. Os gêneros literários que serão descritos a seguir, podem conter mais de um estilo, por exemplo, as Instruções e os Catálogos de Virtudes eram escritos no “estilo oracional”, mas em Instruções para Merikare (Instruction to Merikare), a presença de um hino ao criador insere a poesia no texto.

A literatura no mundo antigo era feita com um propósito que não o da arte ou expressão como vemos hoje, possuía uma função mais prática. Foi desta forma que a literatura egípcia começou a se formar no início da Era Dinástica (3000 – 2686 a.C.). O que existia não chegava perto de composições literárias, eram listas de oferendas (Offering List), identificação, títulos escritos em túmulos privados de oficiais de alta patente que possuíam riquezas. Assim, foi a partir da esfera privada e de motivos religiosos que a literatura egípcia começou a ganhar contorno. Essa lista ganhou grandes proporções e foi substituída por uma oração para as oferendas (Prayer for Offerings) que passou a ser o principal texto dos túmulos em torno do qual todas as outras inscrições giravam.

É neste contexto que surgem as Autobiografias (Autobiography). Escritas em forma de narração elas exaltavam o Egito e o faraó mostrando como o dono da autobiografia foi útil e fez parte dos acontecimentos do seu país. Foi na quinta dinastia que as características essenciais da autobiografia foram fixadas e na sexta dinastia ela estava completa. Sua principal função era mostrar como uma pessoa era digna e merecedora de ingressar no mundo dos deuses através das boas ações e vida justa que levou, essa característica será encontrada na maioria dos textos funerários dos períodos seguintes. Os dois exemplos seguintes de

autobiografia são os mais importantes do Reino Antigo, por mostrar a autobiografia como um texto literário completo.

A autobiografia de Weni é um dos principais exemplos do gênero no período, é a partir daí que a autobiografia mostra um crescimento importante para tornar-se um gênero literário. Ela é escrita em sua maior parte na forma narrativa e contém uma oração para as oferendas. Durante todo o texto o autor relata momentos de sua vida onde seus serviços foram exigidos por sua majestade e como ele os completou de forma satisfatória. Ele mostra o seu valor através da confiança que os reis tiveram nele a cima de outros nobres ou oficiais enquanto trabalhava nos reinados de Teti (2345-2323 a.C.), Pepi I(2321-2287 a.C.) e Mernere(2287-2278 a.C.). A autobiografia se inicia com uma linha horizontal contendo uma oração para oferendas seguida de 51 colunas verticais esculpidas na parede da capela da tumba.

A autobiografia de Weni.<sup>116</sup>

“(…) Quando houve uma acusação secreta no harém real contra a rainha Weret-yamtes, sua majestade me fez entrar para ouvir (isto) sozinho. Nenhum juiz chefe e vizir, nenhum oficial estava lá, apenas eu sozinho: porque eu era merecedor, porque eu estava arraigado no coração de sua majestade; porque sua majestade preencheu seu coração comigo. Nunca antes alguém como eu ouviu um segredo do harem do rei; mas sua majestade me fez ouvir-lo, porque eu era merecedor no coração de sua majestade além de qualquer um de seus oficiais, além de qualquer um de seus nobres, além de qualquer um de seus servos.” (…)

Weni torna-se o governador do Alto Egito.<sup>117</sup>

“(…) Eu governei o alto Egito por ele em paz, desta forma ninguém atacou seu companheiro. Eu fiz cada tarefa. Eu contei tudo o que é contável para a residência no Alto Egito duas vezes e cada serviço que é contável para a residência nesse Alto Egito duas vezes. Eu fiz um trabalho perfeito nesse Alto Egito. Eu agi inteiramente a fim de que sua majestade me elogiasse por isso.”

Assim como a autobiografia, cresce a lista de virtudes que a acompanhava, mas seguindo um estilo diferente. Este catálogo de virtudes enumerava as virtudes praticadas e os erros que não foram cometidos, possuía um valor mágico, como um feitiço para entrar no outro mundo. A partir deste catálogo e da autobiografia é possível ter uma idéia dos valores

---

<sup>116</sup> LICHTHEIM, *op. cit.*, 2006. 1. v., p. 18.

<sup>117</sup> *Ibid*, p. 21.

passados em uma sociedade e a relação entre o real e o ideal mostrado pelos textos. A autobiografia de Harkuff <sup>118</sup> apresenta algumas diferenças da anterior. A maior parte é escrita em prosa, mas inclui um catálogo de virtudes e orações para oferendas, o que passa a ser padrão nas seguintes. O catálogo está no formato entre a poesia e a prosa, o estilo oracional. Ela começa com uma oração para as oferendas que contém um catálogo de virtudes e ao fim a narração das tarefas mais relevantes que fizera. Essa é a autobiografia mais famosa dos oficiais do período e, assim como Weni, Harkhuf serviu a Pepi II, Mernere, além de ter governado o Alto Egito. Estruturada em 58 linhas escritas da fachada da tumba.

“Uma oferenda a qual o rei dá e Osiris, senhor de Busiris: possa Ele viajar em paz nos caminhos sagrados do Oeste, viajando neles como um honrado. Possa ele ascender ao deus, senhor do céu, como um honrado por (deus, senhor do céu). O Conde, Camareiro, Administrador de Nekhen, Prefeito de Nekheb, Único Companheiro, Sacerdote-leitor, honrado por Osiris, Harkhuf.”

“Eu vim aqui da minha cidade,  
 Eu descendi do meu *nome*:  
 Eu construí uma casa, levantei (suas) portas,  
 Eu cavei uma piscina, plantei sicômoros.  
 O rei me elogia,  
 Meu pai fez um testamento para mim,  
 Eu era um merecedor -  
 Amado por seu pai,  
 Elogiado por sua mãe,  
 Quem todos os seus irmãos amavam.  
 Eu deu pão ao faminto,  
 Vestes ao nu,  
 Eu trouxe o naufrago para a terra.  
 (...)  
 Eu era quem falou justamente, quem repetiu o que era apreciado,  
 Eu nunca falei maldosamente contra nenhum homem a seu superior,  
 Por desejar ficar bem com o grande deus.  
 [Nunca julguei entre dois competidores]  
 De forma que privasse um filho ou o legado de seu pai.”

As Instruções (Instructions) são o segundo maior gênero do Reino Antigo. Com ele há o problema da atribuição do autor ou época, pois ao contrário dos anteriores as instruções são direcionadas para uma determinada pessoa, o que pode não estar de acordo com a linguagem, o estilo, o método de composição ou o pensamento revelado, que são outros aspectos que devem ser levados em conta ao identificar e datar um texto antigo. Essas instruções são

---

<sup>118</sup> *Ibid*, p. 23.

compostas de listas de ensinamentos a serem passados para aquele a quem era direcionado. Esses ensinamentos mostravam como ser uma pessoa correta e poderiam indicar como deveria se limpar, agir em relação a amigos, família ou convidados, também poderiam ser curtas ou longas. O próximo exemplo será um fragmento das instruções do Príncipe Hardjedef (Instructions of Hardjedef)<sup>119</sup>, mais antiga instrução encontrada, não se sabe sua verdadeira extensão, pois apenas este início é conhecido. Neste texto pode-se ver o problema da data e autoria discutido anteriormente, a autora considera como um trabalho pseudográfico datado aproximadamente na V dinastia.

“Início das instruções pelo Hereditário Príncipe Conde, filho de rei,  
 Hardjedef, para seu filho, seu lactente, cujo nome é Au-ig-re. [Ele] diz.  
 Limpe-se diante de seus (próprios) olhos  
 A fim de que outro não o limpe.  
 Quando você prosperar, encontrada sua casa,  
 Tome uma mulher amável, um filho nascerá de você. (?)  
 É para o filho que você constrói uma casa,  
 Quando você faz um lugar para si mesmo.  
 Faça boa sua moradia no cemitério,  
 Faça merecedora sua posição no Oeste.  
 Dado que a morte nos faz humilde,  
 Dado que a vida nos exalta,  
 A casa da morte é para vida.  
 Busque para si próprio campos bem regados,  
 ---.  
 Selecione para ele um pedaço de terra entre seus campos,  
 Bem regado todo ano,  
 Ele o beneficia mais do que seu próprio filho,  
 Prefira-o mesmo ao seu [herdeiro].”

O Primeiro Período Intermediário (2160-2055 a.C.) foi marcado por um declínio na economia e uma revolução social, os reis eram agora locais e esse conjunto de fatores favoreceu a invasão do Delta por nômades asiáticos. A situação do Egito neste período não significou uma decadência na arte ou na escrita egípcia. Pessoas comuns passaram a fazer seus próprios monumentos funerários ou estes eram feitos por artesões menores o que resultou em uma arte crua, bastante diferente da arte do período anterior feita pelos melhores artesões do rei. Essa grande quantidade de trabalhos feitos por pessoas comuns pode ser um reflexo de um reino liderado por estrangeiros e, conseqüentemente, uma rigidez menor na manutenção de padrões.

---

<sup>119</sup> *Ibid*, p. 58-59.

As inscrições biográficas passam a mostrar um individualismo presente tanto em nobres quanto em pessoas comuns. A autobiografia passa a ser escrita também em estelas e por estas terem tamanhos limitados, as autobiografias tornam-se mais curtas, mas ainda contendo uma oração para as oferendas além de uma breve cena formando um pequeno memorial. Tornou-se um costume levar esse memorial até Abidos, onde estaria mais perto de Osiris. O outro maior trabalho do período foi a “Instrução para o Rei Meriake”, que como as instruções anteriores a autora acredita ter sido pseudográfica em relação ao autor, provavelmente feita a mando do rei, pois está de acordo com a época e situações. Também quebra a tradição desse tipo de trabalho por ser uma instrução real. Possui o valor de um testamento passado para o filho do rei ensinando-o como ser um bom líder e é famosa por sua alta moralidade e progresso literário e intelectual, mostra um grande desenvolvimento em relação as instruções anteriores.

A estela do soldado Qedes de Gebelein <sup>120</sup> resume as características mais comuns das inscrições biográficas do Primeiro Período Intermediário. Possui uma imagem de Qedes sua mãe e seu filho, uma oração para oferendas e é bem curta com apenas duas linhas horizontais e quatro verticais.

“Uma oferenda a qual o rei oferece (e) Anubis, ele quem está sobre sua montanha e no lugar de embalsamento: uma oferenda para o honrado Qedes, quem diz: eu fui um cidadão merecedor quem agiu com seu braço, o principal de toda a sua tropa. Eu adquiri bois e cabras. Eu adquiri celeiros da cevada do Alto Egito. Eu adquiri título ao [grande] Campo. Eu fiz um barco de 30 (côvados) e um pequeno barco que transportou os sem barco na estação da inundação. Eu adquiri estes na casa de meu pai Iti; (mas) foi minha mãe Ibeb que adquiriu eles para mim. Eu ultrapassei esta cidade inteira com rapidez – seus Núbios e seus Alto Egípcios.”

Nas Instruções para o Rei Merikare <sup>121</sup>, o nome de seu pai está danificado, mas conclui-se, a partir de fragmentos do nome, que seja o rei Khety, nome muito usado da nona/décima dinastia por muitos reis. Aqui está presente uma atitude que não foi encontrada anteriormente: as instruções feitas por membros da realeza. A autora também o classifica como provável pseudográfico, mas pertencente à época de que se trata contendo fatos históricos. No trecho: “Rei Khety, o justificado, previsto no ensinamento (...)” <sup>122</sup> seguido de

---

<sup>120</sup> *Ibid*, p. 90

<sup>121</sup> *Ibid*, p. 97

<sup>122</sup> “King Khety, the justified, laid down in teaching (...)”: *Ibid*, p. 105.

outras instruções, é uma referência a outro trabalho do mesmo gênero feito anteriormente à Merikare, ainda sim, a falta de maiores preocupações da forma com que foi escrito indica que A Instrução para o Rei Merikare, foi uma das primeiras de seu tipo. O texto cobre diferentes assuntos: como lidar com uma rebelião; como tratar nobres e comuns justamente; levantar tropas; as situações pelas quais o rei anterior passara e como as resolvera, entre outros. Ao fim da instrução, o autor procura enfatizar a importância de suas palavras e como eles devem ser seguidas.

“Não negligencie meu discurso,  
 Cujas leis submetem todas as leis da realeza,  
 Que instrui a você, que você deve governar a terra,  
 E possa você me alcançar com ninguém para acusá-lo!  
 (...)  
 Possa você ser chamado “ele que findou o tempo de dificuldade”  
 Por aqueles que vem depois na Casa de Kherty  
 Pensando no que veio hoje.  
 Eis, eu lhe contei o melhor dos meus pensamentos,  
 Aja de acordo com o que é posto diante de ti!”

O Reino Médio (2055 – 1650 a.C.) é considerado a era clássica egípcia ao que se refere ao número e variedade de textos e gêneros. Os maiores trabalhos do período foram as autobiografias em estelas pertencentes a oficiais e artistas. Estavam na forma narrativa, possuíam o catálogo de virtudes e orações mais elaboradas do que as anteriores, também poderiam incluir hinos aos deuses e louvores ao rei. Os testamentos reais reaparecem e as instruções ganham nova forma. Por volta do segundo milênio a.C. os autores passam a lidar com o tema do mal e da dicotomia ordem versus caos, que não continua no período seguinte. As instruções incluem lamentações sobre a situação do país, a natureza humana, e a destruição da ordem. O assunto é lidado de forma problemática, é usada a repetição de par de opostos para ilustrar o caos e a ordem. Os egípcios começam a usar a arte da escrita, um tipo de retórica utilizada para defender a justiça usando elementos da escrita como metáfora.

Neste período o rei ainda é um deus, mas passa a ser um deus mais justo cuja função é trazer a justiça e a verdade de Maat. Assim, surgem as inscrições relacionadas a personagens históricos em monumentos públicos que expressam o dogma da divindade do rei e seu papel como o líder a serviço do deus a frente de uma nação em guerra. Os textos em forma de poema são encontrados nos Hinos (Hymns), escritos em pedra ou papiro que são dedicados aos deuses ou aos reis. Com os Contos em Prosa (Prose Tales) nota-se um maior refinamento

na escrita da ficção, com histórias elaboradas de diferentes formas e tamanhos. O largamente copiado Hino para Osiris é um exemplo de poesia egípcia que é formado de 30 linhas métrica, aproximadamente. As Profecias de Neferti, que apesar de citarem o Rei Snefru, quarta dinastia, é um romance histórico com características de um trabalho da décima segunda dinastia escrito para exaltar o rei Amenemhet I, o texto ilustra o uso do tema ordem versus caos característico do Reino Médio.

#### Hino à Osiris.<sup>123</sup>

“Recitação. O tesoureiro-representante/substituto Sobk-iry, nascido da dama Senu, o justificado diz:  
 Salve, Osíris, filho de Nut!  
 Com dois chifres, altura da coroa,  
 Dada coroa e alegria diante dos Nove Deuses,  
 De cujo temor a Atum coloca-se no coração dos homens, deuses, espíritos e mortos,  
 Cujas lideranças foram dadas em On;  
 Grande de presença em Djedu,  
 Senhor do medo em Dois-Montes;  
 Grande de terror em Rostay,  
 Senhor do temor em Hnes.  
 Senhor do poder em Tenent,  
 Grande de amor sobre a terra;  
 Senhor da fama no palácio,  
 Grande de glória em Abydos;  
 Cujos triunfos foram dados diante da assembleia dos Nove Deuses .  
 Para quem massacre foi feito no grande muro de Herwer.”

#### As profecias de Neferti.<sup>124</sup>

“Um estranho pássaro irá reproduzir-se no pântano no Delta,  
 Tendo feito seu ninho ao lado do povo,  
 O povo tendo-o deixado aproximar por negligência.  
 Então perecem aquelas coisas agradáveis,  
 Os lagos de peixes cheios de comedores de peixe<sup>125</sup>.  
 Abundantes de comedores de peixe,  
 Repleto de peixes e aves,  
 Toda felicidade desaparece,  
 A terra está curvada em aflição,  
 Devido àqueles alimentadores,  
 Asiáticos que vagueiam pela terra,  
 Inimigos surgiram no Leste,  
 Asiáticos desceram ao Egito.  
 (...)”

<sup>123</sup> *Ibid*, p. 203

<sup>124</sup> *Ibid*, p.141/143

<sup>125</sup> “Fish-eaters“

Então um rei virá do sul,  
 Ameny o justificado, pelo nome,  
 Filho de uma mulher de Ta-Seti, criança do Alto Egito.  
 Ele tomará a coroa branca;  
 Ele se juntará aos Dois Poderosos,  
 Ele agradecerá aos Dois Deuses com o que eles desejam,  
 (...)  
 Então ordem retornará a seu lugar,  
 Enquanto Caos é afastado.  
 Regozije ele que deve observar, ele quem deve atender ao rei!  
 E ele que é sábio irá fazer a libação por mim,  
 Quando ele vir realizado o que eu tenho dito.”

O Segundo Período Intermediário (1650 – 1550 a.C.) não é contemplado pela autora em sua obra.

O período do Reino Novo (1550 – 1069 a.C.) possui maior quantidade de textos e restos arqueológicos do que os períodos analisados anteriormente o que disponibiliza maior material para estudo de sua literatura. Existem continuidades e novidades tanto no campo particular quanto no real. As Autobiografias, Instruções, Orações, Hinos, Contos e Poemas continuam, mas com diferenças e surgem os novos gêneros dos Textos Escolares (School Texts) e Poemas de Amor (Love Lyrics), assim como um novo estilo, o poema narrativo.

Os textos reais aumentam de quantidade, tamanho e diversidade, os temas são variados e característicos da era imperial como, por exemplo, a Estela Poética de Thutmose II (Poetical Stela of Thutmose II), que se trata de um hino à vitória, o Inscrições sobre Construção de Amenhotep II (Building Inscriptions of Amenhotep II) onde o rei mostra o seu amor por grandes monumentos arquitetônicos. No Estela da Fronteira (Boundary Stelae), Amenhotep IV consagra a adoção de Aton como o deus único, o culto a Aton iniciara com Djehutmés IV, mas ganha contornos radicais levando até mesmo o rei a mudar seu nome para Akhenaton.

Uma das grandes mudanças nos gêneros anteriores foi o surgimento de uma nova forma de poesia como O Poema é um Poema Narrativo (The Poem is a narrative Poem) no texto Inscrições da Batalha de Kadesh de Ramses II (Kadesh battle inscriptions of Ramses II)<sup>126</sup>, um épico que torna a poesia não só celebrar ou instruir, mas para narrar, o Poema é um complemento do Boletim na primeira parte.

“Sua majestade foi um senhor vigoroso,  
 Ativo e sem igual;  
 Seus braços poderosos, seu coração corajoso,

<sup>126</sup> LICHTHEIM, *op. cit.*, 2006. 2. v., p. 62-63.

Sua força como Mont em sua hora.  
 De perfeita forma como Atum,  
 Aclamado quando sua beleza é vista;  
 Vitorioso sobre todas as terras,  
 Astuto em lançar uma briga.  
 Muro forte ao redor de seus soldados,  
 Seu escudo no dia da batalha;  
 Um arqueiro sem igual,  
 Que prevalece sobre vastos números,  
 Head on he charges a multitude  
 Seu coração confiando sua força  
 De coração corajoso na hora do combate,  
 Como a chama quando consome.”

Os Hinos aos Deuses (Himns to the Gods) escritos tanto em monumentos quanto em papiros, refletem características da religiosidade no Reino Novo, a visão imanente dos deuses passa a ser uma visão transcendental e a maior parte dos hinos é direcionada ao deus sol em suas diferentes manifestações. Outra característica da época é a “piedade pessoal”<sup>127</sup> que pode ser encontrada nos Hinos Penitenciais (Penitential Hymns), em hinos e orações escritas em papiros e nas instruções. De acordo com Lichtheim, essa piedade evolui da religiosidade mais social dos períodos anteriores, tem como características o individualismo, a intimidade e a humildade. Os contos, *Tales*, também evoluem, ganhando novos temas, aumentando de tamanho e complexidade. As novidades do período são os poemas de amor, bem elaborados apesar de não parecerem em suas traduções, com metáforas, jogo de palavras e palavras raras feitos por artesão com grandes habilidades, e os Textos escolares. (School Texts), textos utilizados na educação e treino de escribas.

---

<sup>127</sup> João define “piedade pessoal” *grosso modo* como “as relações entre indivíduo e divindades” (JOÃO, op. cit., p. 107). A “piedade pessoal” no Reino Novo acontece agora com uma ligação mais direta entre os indivíduos e as divindades com menor necessidade da interferência do faraó. (Ibid, p.108).

### CAPITULO III - Literatura Funerária Real

A literatura presente nos monumentos reais passou por uma evolução mais lenta do que a literatura em construções privadas. A autobiografia real demorou a existir, como visto anteriormente, e no final Reino Antigo eram encontrados apenas breves registros de eventos singulares, registros analíticos e decretos, textos totalmente funcionais, sem maior preocupação com a forma escrita. A imaginação poética era encontrada na esfera mortuária com os textos funerários utilizados pelos faraós para garantirem seu lugar na outra vida.<sup>128</sup> A literatura funerária oficial pode ser resumida em três grandes compilações, cada uma majoritariamente utilizada em períodos diferentes e com modificações, mas que seguiam os mesmos objetivos. Eram o Texto das Pirâmides do Reino Antigo, seguido pelos Textos dos Sarcófagos no Primeiro Período Intermediário e início do Reino Médio e o Livro dos mortos no Segundo Período Intermediário e Reino Novo.

Os Textos das Pirâmides foi a primeira grande composição religiosa do Antigo Egito de que se há conhecimento. Foi utilizado entre a V e a VIII dinastias, o grupo mais antigo pertence à pirâmide de Unas, último faraó da V dinastia, contendo 228 expressões, a partir deste os textos foram sendo reutilizados e acrescidos de novas composições durante todo o Reino Antigo. Todo o texto passa por alguns estágios: o despertar do sono da morte, a ascensão ao céu e a admissão à companhia dos deuses em sua nova vida<sup>129</sup>.

Da mesma forma que as outras composições funerárias os encantamentos objetivavam a ressurreição do falecido e o bem estar na outra vida ao lado dos deuses. Esses encantamentos abordavam diferentes matizes e todas elas constituíam formas de se alcançar esse objetivo, como os poderes recebidos pelo falecido necessários para passar por dificuldades no caminho e igualar-se aos deuses. Nele, assim como nos textos funerários seguintes, o falecido recebe de volta suas faculdades físicas e mentais que são perdidas na morte<sup>130</sup>. O Ritual da Abertura da Boca, no início dos Textos das Pirâmides demonstram o retorno dessas faculdades. De acordo com João<sup>131</sup>:

“Breasted divide os Textos das Pirâmides em seis temas principais, no tocante à forma com o qual se apresentam os encantamentos: ritual mortuário e ritual de oferendas funerárias da tumba; encantamentos mágicos;

<sup>128</sup> LICHTHEIM, *op. cit.*, 2006, 1v., p.7.

<sup>129</sup> LICHTHEIM, *op. cit.*, 2006, 1v., p. 30.

<sup>130</sup> JOÃO, *op. cit.*, 2008, p.69

<sup>131</sup> *Ibid*, p. 76.

rituais antigos de veneração; hinos religiosos antigos; fragmentos de mitos antigos e, por fim, orações e petições em benefício do rei morto.”

A sua culminância acontece nas últimas expressões onde o falecido literalmente come os deuses. Na expressão 273 e 274<sup>132</sup> “O rei se alimenta dos deuses”, Unas é descrito banquetecendo-se dos deuses:

“Unas é o touro dos céus  
 Quem possui raiva no coração,  
 Quem vive do ser de cada deus,  
 Que come suas entranhas  
 Quando eles chegam, seus corpos cheios de mágica  
 Da Ilha da Chama.  
 (...)  
 Unas come suas mágicas, engole seus espíritos:  
 Seus grandes são para sua refeição matinal,  
 Seus médios para sua refeição vespertina,  
 Seus pequenos para sua refeição noturna,  
 E os machos e fêmeas mais velhos para seu combustível.  
 Os grandes no céu do norte acendem o fogo para ele  
 Para o contentamento das caldeiras com o quadril dos velhos,  
 Para os moradores do céu servirem Unas,  
 E os potes são polidos para ele com suas pernas femininas.”

Todo o texto está escrito no estilo oracional e em linguagem arcaica, mas por se tratar de um conjunto de feitiços com um grande propósito, algumas vezes o escriba poderia levar o seu escrito ao nível da poesia por acreditar no poder mágico que a palavra possuía<sup>133</sup>. Assim era utilizado um recurso conhecido do egípcio, a repetição, que atribuía maior poder ao feitiço. A poesia pode ser encontrada nas expressões mais curtas, por serem mais unificadas e consistentes, as mais longas eram repetitivas e difusas. Isso pode mostrar a importância desses escritos que traduzem um sistema religioso muito mais antigo. Outra característica presente neste conjunto de textos e nos textos egípcios em geral é a constante contradição e sobreposição de idéias, mitos antigos eram vinculados aos novos, mesmo se a idéia de ambos não fosse concordante. Eles não eram deixados de lado pelo medo do esquecimento e “um profundo senso de tradição”<sup>134</sup> do egípcio.

Nos Textos é possível perceber que suas idéias parecem ser muito mais antigas do que a época em que foi escrita, pois possui elementos de crenças anteriores ao Alto Egito e

<sup>132</sup> LICHTHEIM, *op. cit.*, 2006, 1v., p. 36-37.

<sup>133</sup> LICHTHEIM, *op. cit.*, 2006, 1v., p. 30.

<sup>134</sup> Idem, p.203 “A deeply ingrained sense of tradition (...)”

Delta<sup>135</sup>, algumas passagens podem ser encontradas em estelas ou mastabas das primeiras dinastias egípcias.

A principal doutrina religiosa dos Textos das Pirâmides é referente a Osíris. Unas chega a ser chamado de Osíris Unas<sup>136</sup>. Rá e outros deuses mais antigos também possuem referências nos textos<sup>137</sup>. Osíris é responsável pela ressurreição de Anúbis, com quem era muitas vezes relacionado em sua forma de chacal<sup>138</sup>. Osíris não esteve sempre presente nos textos funerários reais. Inicialmente era um deus de culto popular que foi incorporado com o tempo ao culto oficial posicionando-se no lugar de Rá em importância para o alcance da imortalidade. A soberania da ressurreição de Osíris sobre o nascimento matinal de Rá permanece no Texto das Pirâmides, dos Sarcófagos, Livro dos Mortos e só volta a ser modificado no AmDuat. Osíris, na literatura funerária, era uma divindade secundária ligado ao mundo inferior cuja função era auxiliar, a de defender Rá no submundo<sup>139</sup>. Ambos os cultos já existiam antes do Texto das Pirâmides e Rá como deus oficial surge anteriormente ao culto de Osíris. A partir do Texto das Pirâmides a crença de que no após a morte o falecido é recebido no reino de Osíris passa a ganhar força e alcance.<sup>140</sup>

A interpretação dos encantamentos é uma tarefa difícil pela complexidade dos textos, assim como fazer uma relação entre eles.<sup>141</sup> Com isso, a ordem das declarações é motivo de discussão entre os pesquisadores da área. Lichtheim<sup>142</sup> mantém o padrão utilizado por Kurt Sethe, que numerou os textos começando pela câmara do sarcófago, e terminando nos corredores finais, de dentro para fora, contudo, admite que o problema da ordem requiera um estudo adicional. Styles (2005/2006)<sup>143</sup> dividiu em seu artigo os principais grupos que discutem essa questão, os que acreditam que não há ordem, os que acreditam que há uma ordem parcial e os que afirmam que há uma ordem, mas com discordância em relação a qual. Na década de 1990 I.E.S. Edward e Shaw Nicholson lideram duas correntes que não acreditam na ordem e na década de 2000, Rosalie David segue essa idéia. Para James Breasted apenas o ritual funerário e o de oferendas possuem ordem e Samuel A. B. Mercer

<sup>135</sup> SMITH, *op. cit.*, 2008. 1v. Part 2. p. 202

<sup>136</sup> MALEK, *op. cit.*, 2003, p. 102.

<sup>137</sup> Ibid, loc. cit.

<sup>138</sup> SMITH, *op. cit.*, 2008. 1v. Part 2. p. 202

<sup>139</sup> JOÃO, *op. cit.*, 2008, p. 73.

<sup>140</sup> MALEK, *op. cit.*, 2003, p. 103.

<sup>141</sup> JOÃO, *op. cit.*, 2008, p. 88.

<sup>142</sup> LICHTHEIM, *op. cit.*, 2006, 1v., p. 29.

<sup>143</sup> STYLES, J. A. The Problem of Order in the Pyramid: A Quantitative Approach. **Journal of the American Research Center in Egypt**, American Research Center in Egypt, v. 42, p. 13-32, 2005/2006. Disponível em: [www.jstor.org/stable/27651792](http://www.jstor.org/stable/27651792) Acesso em: 06 de Fevereiro de 2013 08:07

encontra um mínimo de classificação e ordem na sequência dos textos. Kurth Seth, em 1889, ordena os textos da forma em que foram escritos, de dentro para fora e Siegfried Sehot acredita na ordem contrária, a ordem litúrgica.

Seguindo a escolha de Lichtheim, serão dadas como exemplo as expressões número 20 “O ritual de abertura da boca” da pirâmide de Pepi II e Aba, que tem como objetivo devolver ao falecido a capacidade de falar e observar, e a expressão final, 759 da pirâmide da rainha Neit. Ambos os fragmentos foram retirados da tradução baseada nos trabalhos de Faulkner, Seth, Piankoff e Jéquier<sup>144</sup>.

“Oh rei, eu vim em tua boca, porque sou Horus; golpeei tua boca por ti, porque sou seu amado filho. Separei tua boca por ti. [Anuncio à sua mãe quando chora por Ele, te anuncio à Ella que está unida à ele. Tua boca está em perfeito estado (?), porque eu a uni] a teus ossos [por ti]. Recita quatro vezes: oh Osíris Rei, eu separo tua boca por ti como o... Do Olho de Horus – pata dianteira.”<sup>145</sup>

“Oh rei, veja o que tenho feito por ti; liberei-te do que te obstruía, nunca te entregarei a teu atacante, tenho-te protegido de Nwt-k-nu por meio do poder de repulsão (?), que há em meu rosto.”<sup>146</sup>

A escrita estava inicialmente nas mãos do poder político central uma vez que era utilizada basicamente com função administrativa. O seu uso começou a se expandir, ainda no início do Reino Antigo, com o aumento da importância do âmbito religioso, que passa a integrar a escrita.<sup>147</sup> No Primeiro Período Intermediário inscrição nos sarcófagos de encantamentos para a proteção do morto no submundo passou a ser costume de pessoas bem providas e de fora da realeza.<sup>148</sup> Esse costume pode ser parcialmente explicado pelo aumento da riqueza e independência pessoal deste grupo e consequente absorção da escrita.<sup>149</sup> Os Textos dos Sarcófagos dão continuidade à tradição real de textos funerários, são inspirados diretamente dos Textos das Pirâmides e algumas de suas partes são copiadas deste<sup>150</sup>. Entretanto, sua ligação com o Texto anterior não o impedem de possuir conceitos e materiais que ainda não haviam sido utilizados. O Texto dos Sarcófagos é aqui considerado um texto

<sup>144</sup> FAULKNER, *op. cit.*, 1969.

<sup>145</sup> *Ibid*, p. 3

<sup>146</sup> *Ibid*, p. 237

<sup>147</sup> JOÃO, *op. cit.*, 2008, p.82-83

<sup>148</sup> LICHTHEIM, *op. cit.*, 2006. v.1., p. 131.

<sup>149</sup> JOÃO, *op. cit.*, 2008, p. 84.

<sup>150</sup> LICHTHEIM, *op. cit.*, 2006. v.1, p.131.

funerário real, pois foi utilizado por faraós, mas suas origens, como visto, estão fora da realeza. De acordo com Hayes<sup>151</sup> esse conjunto de encantamentos é encontrado entre a VI e o fim da XII dinastias que significam meados do Reino Antigo até o Início do Reino Médio.

Alguns de seus conceitos são antigos e populares, outros tem origens provinciais pertencentes a seu próprio período<sup>152</sup>. Certo conjunto de declarações nos Textos dos Sarcófagos tinha como objetivo “reunir a família de um homem no reino da morte”<sup>153</sup>, ou seja, não era designado apenas para garantir a vida de uma pessoa, mas de toda sua família, até mesmo de seus servos e amigos. No Primeiro Período Intermediário, as relações interpessoais alcançavam um grande destaque no âmbito funerário, a família era vista como base da organização social. Este desejo já existia na VI dinastia e pode ser observado através de seus túmulos os quais não eram construídos apenas para comportar uma pessoa, mas várias. Havia espaço para toda a família em um túmulo<sup>154</sup>.

O falecido passa a ter opções de destino no pós-morte e todas elas coexistem. Ele poderia se juntar a Rá no céu, a Osíris no submundo ou ter sua múmia ressuscitada de seu túmulo, todas formas de receber uma nova vida. Aqui, o corpo, aquele que recebera de volta o seu *ba*, ganha um grande cuidado em relação a sua preservação. Com o destino junto a Rá e Osiris adiciona-se a vida como estrela ao lado de Thot, as tradições lunar, solar e osiriana são encontradas no Texto dos Sarcófagos.<sup>155</sup> O elemento mágico passa a ter mais importância do que no Texto das Pirâmides, a mágica passa a ser parte fundamental para alcançar a imortalidade.<sup>156</sup> De acordo com Lesko<sup>157</sup>, o Texto dos Sarcófagos possui 1185 encantamentos, número superior ao dos Textos das Pirâmides.

As pequenas composições escritas em sarcófagos anteriores aos Textos dos Sarcófagos possuíam uma característica que mais tarde estaria presente nestes textos. Elas mostravam preocupações comuns como o medo da fome ou sede e o desejo de se reunir com a família<sup>158</sup>. João faz um estudo mais detalhado desses medos em sua dissertação, a autora lista os

---

<sup>151</sup> HAYES, *op. cit.*, 2008, 1v. Part 2, p.522.

<sup>152</sup> SEIDLMAYER, S. The Old Kingdom (c.4000-3200BC). In. SHAW, I. (Ed.). **The Oxford History of Ancient Egypt**. New York: Oxford University Press. 2003, p.115

<sup>153</sup> SEIDLMAYER, *op. cit.*, 2003, p. 115-116.

<sup>154</sup> CALLENDER, G. The Middle Kingdom Renaissance (c. 2055-1650 BC). In., SHAW, I. (Ed.). **The Oxford History of Ancient Egypt**. New York: Oxford University Press. 2003, p. 116.

<sup>155</sup> JOÃO, *op. cit.*, 2008, p. 81.

<sup>156</sup> *Ibid*, p.143.

<sup>157</sup> LESKO, *op. cit.*, 1977, p. 2.

<sup>158</sup> LICHTHEIM, 2006, P.131

principais<sup>159</sup> e como eles são tratados nos Textos dos Sarcófagos<sup>160</sup>. Nele, muitos dos encantamentos eram direcionados a proteção dos perigos do outro mundo agora muito mais presentes do que nos Textos das Pirâmides, cuja preocupação central não se encontrava nestes perigos citados de forma isolada, e eram em sua maior parte referentes a cobras e animais venenosos.<sup>161</sup> Aqui, como acontece mais tarde no AmDuat, a serpente Apófis passa a ser o maior inimigo do outro mundo ameaçando Rá em sua barca. Dentre os outros medos estava a privação de alimentos obrigando o falecido a comer e beber seus excrementos e urina o que o deixaria impuro e incapaz de ter nova vida no outro mundo. Os animais perigosos continuam a ser cobras e serpentes, medo existente no povo egípcio pela existência destes animais no deserto, junto com porcos e crocodilos. Para livrar-se dos demônios existentes do outro mundo era preciso conhecer os seus nomes, a importância do conhecimento dos nomes dos inimigos aparece em outras composições inclusive no AmDuat. Era necessário, também, impedir que o coração “pesasse” ou “falasse contra” o falecido no outro mundo o que poderia impedir sua permanência.<sup>162</sup> Esses e outros medos refletiam o medo maior de morrer novamente, eles eram impedimentos para o caminho seguro até a vida entre os deuses.

Poucos exemplares do Texto dos Sarcófagos são provenientes do Período Intermediário e todos pertencem pessoas pertencentes aos altos níveis da sociedade<sup>163</sup>. O uso de ambos os textos, dos Sarcófagos e das Pirâmides, cessaram em meados da XII dinastia<sup>164</sup>. As idéias contidas refletiam medos comuns como sentir fome e sede, estas características são encontradas nos Textos dos Sarcófagos onde as reflexões não condizem com as pertencentes à realeza e por não possuir um ponto de vista uniforme é menos coerente. Os encantamentos reproduzidos abaixo são mais coerentes e consistem em um discurso do deus sol onde ele toma crédito pelos benefícios da criação e o segundo são palavras do morto que está para entrar no céu.

“Palavras ditas por Ele-cujo-nome-está-escondido, o Senhor-de-Todos, enquanto ele fala diante daqueles que silenciam a tempestade, na navegação da corte.

---

<sup>159</sup> Encontrados em uma divisão do Texto dos Sarcófagos chamada Livro dos Dois Caminhos.

<sup>160</sup> JOÃO, *op. cit.*, 2008, p. 158-168

<sup>161</sup> *Ibid*, p. 168

<sup>162</sup> *Ibid*, p. 166

<sup>163</sup> CALLENDER, *op. cit.*, 2003 p. 115

<sup>164</sup> *Ibid*, p. 169.

Saúdem em paz! Eu repito à você as boas ações as que meu próprio coração fez para mim de dentro da serpente, para silenciar o conflito. Eu fiz os quatro atos no portal da terra da luz:

Eu fiz os quatro ventos, que o homem deve respirar em seu tempo. Este é um dos atos.

Eu fiz a grande inundação, que o humilde deve se beneficiar disse como o grande. Este é um dos atos.

(...)

Eu fiz cada homem como seu companheiro; e eu não comandeí que eles fizessem o errado. São seus corações que desobedecem ao que eu disse. Este é um dos atos.”

(...)

O falecido fala

“Senhor da terra da luz, criador da luz, quem ilumina o céu com sua beleza; eu sou ele em seu nome! Faça-me um caminho, que eu possa ver Num e Amum! Pois eu sou aquele espírito equipado (akh) que passa pelos guardas. Eles não falam por medo de Ele-cujo-nome-esta-escondido, quem está no meu corpo. Eu o conheço, eu não o ignoro! Eu estou equipado e efetivo em abrir seu portal!

Como para qualquer pessoa que conhece seu feitiço, ele será como Rá no céu do leste, como Osiris no submundo. Ele descera ao círculo de fogo, sem que a chama nunca o toque!”<sup>165</sup>

Nos Textos dos Sarcófagos encontra-se um grupo de encantamentos com tema peculiar à literatura até então: o “Livro dos Dois Caminhos”<sup>166</sup>. Este é o primeiro de um grupo de textos que surgirá em sua maioria do Reino Novo e que tem como principal característica ser um guia pelo submundo além de mostrar sua topografia. Seus encantamentos são acompanhados por um mapa que mostrava dois caminhos até o outro mundo junto a Osiris: o caminho azul, “caminho das águas” e o preto da terra. Era importante para o falecido saber o nome das localidades e de seus habitantes para passar em segurança. Ele navegava com Rá em sua barca através das portas guardadas por demônios.<sup>167</sup> Sua localização dentro do sarcófago estava geralmente no fundo na direção de seus pés.<sup>168</sup>

O texto é apresentado como dois caminhos formando um mapa que ocupa por volta de um terço de todo o livro e é dividido em nove seções. O livro possui quatro versões, com duas delas muito distintas o que faz com que suas cópias, obviamente, possuam diferenças. São

<sup>165</sup> LICHTHEIM, *op.cit.*, 2006, 1v., p.131-132.

<sup>166</sup> Esse nome foi dado por Schack-Schackenburg, que publicou fotos e cópias sobre o texto em 1903. (LESKO, 1972, p.3)

<sup>167</sup> JOÃO, *op. cit.*, 2008, p. 81-82

<sup>168</sup> *Ibid*, p. 158-159

nessas nove sessões que ficam claras as diferentes tradições religiosas de todo o Texto dos Sarcófagos e de acordo com Lesko, as tradições de Rá, Osiris e Thot se completam.<sup>169</sup>

Ao contrario do Texto dos Sarcófagos, que é encontrado em localidades diferentes, o Livro dos Dois caminhos possui exemplares apenas em El-Barsha, necrópoles de Hermópolis, local cujo deus principal era Thot. A tradição lunar está presente no início deste texto onde o falecido se juntaria a Thot no céu como uma de suas estrelas. Lesko conclui que a inclusão de Thot no Livro dos Dois Caminhos apenas na cidade deste deus foi proposital, uma forma dos sacerdotes de Thot de disseminar sua própria vertente religiosa.<sup>170</sup>

Seguindo a tradição dos textos funerários reais, o “Livro dos Mortos”, ou “Capítulos do sair à luz” ( REU NU PERT EM HRU) como era conhecido pelos egípcios em seu tempo, é um “retrabalho” e uma “expansão” do Texto dos Sarcófagos além de significar uma maior abertura dos escritos funerário para a maior parte da população. Agora, aquele que puder custear uma cópia em papiro poderá simplesmente colocar o seu nome na cópia pronta ou mandar fazer uma para si<sup>171</sup>. Uma de suas primeiras versões conhecida data da XVI dinastia (1650-1580 a.C.), do sarcófago da rainha Mentuhotep de Tebas, esposa de Djehuty<sup>172</sup>. O Livro dos Mortos é organizado de forma diferente dos textos anteriores, ele possui uma imagem, com um texto acompanhado de uma vinheta. Em relação à ordem, os capítulos são numerados seguindo uma sequência fixa, mas apesar de possuir certa ordem não há um plano preciso de progressão. Parte da composição é feita de atos rituais que acontecem antes e após o sepultamento, é basicamente um livro de magia o que sempre foi considerada legítima durante os períodos do Antigo Egito, magia e moralidade estavam ligadas, era uma forma humilde de se aproximas dos deuses<sup>173</sup>. Chapot (2007)<sup>174</sup> aponta uma novidade presente no Livro dos Mortos: o julgamento pelo qual o falecido passa antes de obter permissão para se juntar a Osíris no outro mundo. Este julgamento acontece no capítulo 125 e possui uma ilustração deste momento. Na imagem o morto tem seu coração pesado com a pena de Maat

<sup>169</sup> LESKO, L. H. **The Ancient Egyptian Book of Two Ways**. Berkeley, Los Angeles, London: University California Press, 1977. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&id=jsnl24Ba7z4C&q=duat#v=onepage&q=duat&f=false> Acesso em: 30 de Agosto de 2013, 18:03:30, p. 4

<sup>170</sup> LESKO, *op. cit.*, 1972, p. 3.

<sup>171</sup> LICHTHEIM, *op. cit.*, 2006, 2v.,p.119.

<sup>172</sup> BOURRIAU, *op. cit.*, 2003, p. 193

<sup>173</sup> LICHTHEIM, *op. cit.*, 2006, 2v.,p.119.

<sup>174</sup> CHAPOT, Gisela. **O Senhor da Ordenação: um estudo da relação entre o faraó Akhenaton e as oferendas divinas e funerárias durante a reforma de Amarna (1353-1335 a.C.)**. 2007. 284-300 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007. Disponível em: <[http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2007\\_CHAPOT\\_Gisela-S.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2007_CHAPOT_Gisela-S.pdf)>. Aceddo em: 04 de setembro de 2013, 15:04, p, 161.

enquanto Thot registra o resultado da pesagem. Atrás de Thot está o crocodilo que devora aqueles que tiverem o coração mais pesado que Maat. Após a pesagem, o falecido vai ao encontro de Osíris em seu trono. O capítulo 125 contém uma confissão negativa em forma de lista, onde o falecido diz tudo aqui que ele não fez de mal durante sua vida.

A maior parte do Livro é dedicada aos mortos ao que acontece na outra vida. Seus objetivos, além da ressurreição e do poder de gozar da vida eterna no reino de Osiris e entrar na barca de milhões de anos ou em qualquer outra morada, incluem todas as habilidades e provisões necessárias para outra vida. Durante os capítulos o falecido ganha a capacidade de lidar com os seres do outro mundo, seja amigo ou inimigo; permissão para frequentar qualquer lugar da forma que preferisse; conseguir provisões e preservar seus restos mumificados que permaneceram em seu túmulo<sup>175</sup>.

Capítulo 23 do texto básico da XVIII a XX dinastias:

“A abertura da boca  
Fórmula para abrir a boca de N para ele na necrópole. Ele dirá:

Minha boca é aberta por Ptah,  
As amarras da minha boca são desfeitas pelo deus da minha cidade.  
Thoth veio totalmente equipado com feitiços,  
Ele desfaz as amarras de Seth da minha boca.  
Atum me deu minhas mãos,  
Elas são colocadas como guardiãs.

Minha boca é dada a mim,  
Minha boca é aberta por Ptah  
Com o cinzel de metal  
Com o qual ele abriu a boca dos deuses.  
Eu sou Sakhmet-Wadjet que habita no oeste do céu,  
Eu sou Sahyt entre as almas de On.

Que para qualquer feitiço, qualquer feitiço dito contra mim,  
Os deuses se levantarão contra eles,  
A Ennead inteira, a Ennead inteira!”<sup>176</sup>

Ainda no Reino Novo, outros textos abordavam unicamente o tema do submundo, o Duat. Os textos são o AmDuat, o Livro das Cavernas e o Livro das Portas, cada um com sua própria visão do submundo. O primeiro livro a se ter registro data da XVIII dinastia, o

<sup>175</sup> BUDGE, *op. cit.* 2006.

<sup>176</sup> LICHTHEIM, *op. cit.*, 2006, 2v., p. 120.

AmDuat, ele é o primeiro a tentar mostrar a geografia do submundo e seus detalhes no Reino Novo, narra a viagem que o falecido faz com a divindade solar em sua barca pelo Duat até o seu renascimento no dia, proporcionando ao ele o renascer todos os dias assim como o sol.

O Livro das Portas<sup>177</sup> pode ser encontrado na XVIII a XX dinastias, tem objetivo similar ao AmDuat e possui semelhanças com o mesmo. O texto se concentra no atravessar das 12 portas do Duat. Possui alguma semelhança com os encantamentos 144 e 145 do livro dos mortos, o que já foi motivo de confusão para alguns estudiosos do assunto. A sequência segue a contagem das portas, mas em alguns túmulos as divisões encontram-se espalhadas pelas paredes sem ordem aparente, ou que ainda não foi encontrada. O Livro das Portas possui algumas diferenças básicas com o AmDuat. As divisões são separadas por portas que são protegidas por três seres, o falecido precisa conhecer tanto o nome dos seres quanto o das portas, o AmDuat é dividido apenas em horas; na barca de Rá, o número de componentes é menor; a descrição do juízo dos mortos e do curso do sol não está dividida em registros, mas se encontram no centro e no fim da composição, o AmDuat é todo dividido em registros; ao invés de anotações referentes ao uso do livro há observações sobre as oferendas localizadas em locais diferentes das anotações.

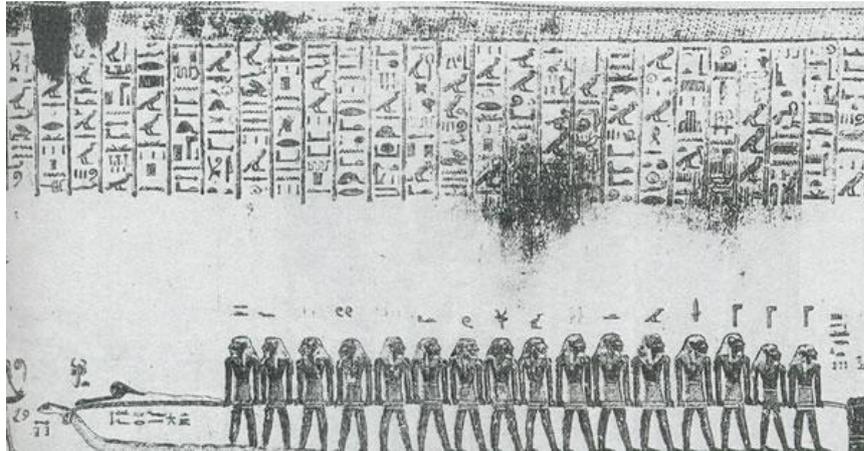
Sua estrutura é composta de divisões que não condizem com as horas, a primeira hora se passa no prólogo, e a última divisão contém apenas uma representação simbolizando o movimento eterno do sol. A maior parte das divisões é composta de registros e em cada registro é geralmente encontrado um texto diante da porta, o nome dos componentes da cena, e outras inscrições ou textos.

O seguinte exemplo é parte do primeiro registro da décima divisão, décima primeira hora. A imagem e o primeiro texto são do registro superior da divisão, e o segundo texto está localizado acima dos deuses segurando a corda.

---

<sup>177</sup> Disponível em: < <http://www.egiptologia.org/textos/puertas/>>

Figura 1 - Décima Divisão, Registro Superior do Livro das Portas.<sup>178</sup>



“Eles são assim, se levantam diante de Rá quando Ele aparece e os alcança. Eles dizem a Rá:  
Rá ascende, O Do Horizonte é poderoso, veja, nós abatemos a atada Apep. Tu não te aproximas de teus inimigos, Oh Rá. Teus inimigos não se aproximam de ti, Oh Rá. Tua santidade tem surgido nos anéis da Envolvente, enquanto Apep é aniquilada deitando em seu sangue, sendo executada. Rá entra em sua hora de descanso (ra aha r wnwt Htpyt). Logo este Grande Deus continua depois de que suas ataduras (em Apep) tem sido tensionadas.”

“Eles são assim, detém as cordas (sdfw) desta malvada. Eles dizem a Rá: Rá viaja, Ele Do Horizonte passa. Veja, as lâminas são introduzidas na Cara Maligna. Apep está em suas ataduras.”<sup>179</sup>

O nome Livro das Cavernas<sup>180</sup> não era utilizado pelos egípcios, é uma invenção moderna baseado na divisão de covas ou caverna do Mais Além, o livro em questão não possuía nome que tenha sido descoberto. Neste livro, a ênfase é dada nas recompensas e castigos do além e a destruição dos inimigos do sol, dos três livros este é o que dá a descrição mais sombria do Duat, refletindo o medo que os egípcios tinham do local. O livro está dividido em dois por duas imagens do deus sol com cabeça de carneiro, e cada metade possui três divisões. Nas duas primeiras divisões, as representações estão separadas dos textos e estão juntas nas posteriores, na segunda metade as divisões apresentam várias litanias. Esse também é um livro que possui mais textos do que imagens. Apesar de ser a viagem de Rá pela

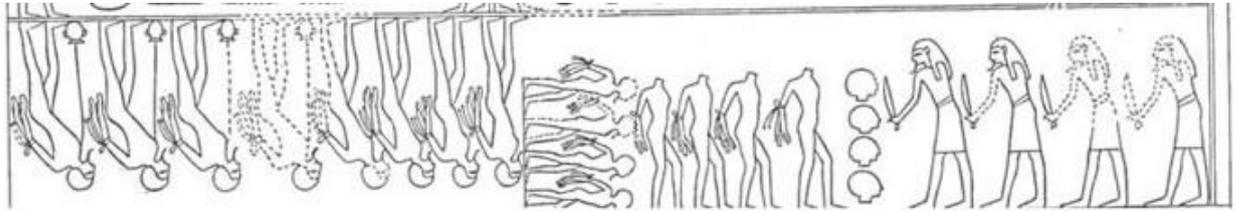
<sup>178</sup> Disponível em: <<http://www.egiptologia.org/textos/puertas/10/>>

<sup>179</sup> *Ibid.*

<sup>180</sup> Disponível em: <<http://www.egiptologia.org/textos/cavernas/>>

Duat a barca de Rá só aparece nas últimas representações. O quinto registro ilustra o castigo dos inimigos, o primeiro texto é dirigido aos inimigos e o segundo aos deuses com facas.

Figura 2 - Segunda Divisão, Quinto Registro do Livro das Cavernas.



“Oh os decapitados, os degolados, que estão no lugar de destruição  
 Oh os jogados abaixo, desprovidos de Ba, no lugar e destruição  
 Oh os invertidos, os atados que estão no lugar de destruição  
 Oh os invertidos, os que sangram de corações arrancados, no lugar de destruição  
 Oh os inimigos do Regente da Duat, Osiris para a cabeça do Ocidente, veja, eu os envio para a destruição, eu os envio ao nada.”

“Oh os castigados que estão no lugar de execução de Osiris causando vossa mutilação, que atuam como [os que criaram para o massacre] os que formaram para (?) ... Porque sois os que causam dano e cometem mal no Ocidente. Porque sois os inimigos, não existem e não existis. Veja, eu entro entre vos para castigar-vos, eu os envio ao lugar de destruição de maneira que vossos bós não se projetem.”<sup>181</sup>

<sup>181</sup> Disponível em: < <http://www.egiptologia.org/textos/cavernas/02/> >

## CAPÍTULO IV – O AmDuat

A cópia mais antiga encontrada do AmDuat data do início do Reino Novo, no túmulo de Thutmés I (1504-1492 a. C.) contendo apenas o fragmento da 12ª divisão. Durante o Reino Novo 14 faraós exibiram diferentes trechos do AmDuat em seus túmulos junto com outros textos (Tabela I) além de também ser encontrada em tumbas de particulares e de faraós na Época Tardia<sup>182</sup>. A quantidade de horas transcritas varia, seja da versão completa ou reduzida. A tradução do AmDuat utilizada neste trabalho é a feita em espanhol por Francisco Lópes e Rosa Thode e disponibilizada em seu site.<sup>183</sup> Estes autores, por sua vez, basearam-se no livro de Alexandre Piankoff: *The Tomb of Ramesses*<sup>184</sup>, e de Marshall Clagett: *Ancient Egyptian Science*<sup>185</sup>, menos utilizado. É colocado em nota o importante aviso de que as traduções dos nomes de divindade, repetidas aqui, devem ser tomadas apenas como referências e não literais<sup>186</sup>.

Schweizer<sup>187</sup> descreve o caminho de Rá pelo submundo com uma “árdua jornada” onde este deus está acompanhado de um grupo de divindades, constantemente modificado, que busca por Rá para servi-lo e participar de seu renascimento. Eles o adoram e louvam em sua passagem por cada hora da Duat, protegendo-o do perigo sempre presente ao qual este autor dá destaque. A proteção ao Duat precisa ser feita em diferentes âmbitos, primeiro do conhecimento externo. É constantemente reforçado entre os textos do AmDuat que este é um local oculto e de difícil acesso, só aqueles poucos que o conhecem podem se beneficiar do renascimento que ele proporciona. Além disso, precisa ser protegido dos próprios perigos que o cerca<sup>188</sup>, papel esse representado por Rá e os deuses que o protegem.

---

<sup>182</sup> A Época Tardia não será abordada neste trabalho.

<sup>183</sup> Disponível em: <<http://www.egiptologia.org>>

<sup>184</sup> Alexandre Piankoff: *The Tomb of Ramesses VI*. Egyptian Religious Texts and Representations (Bollingen Series, 40, 1 and 2). 2 Bde. New York: Pantheon, 1954

<sup>185</sup> Clagett, Marshall. *Ancient Egyptian Science*. Vol I. American Philological Society. Philadelphia 1989.

<sup>186</sup> Disponível em: <http://www.egiptologia.org/textos/amduat/traduccion.htm>

<sup>187</sup> SCHWEIZER, SCHWEIZER, A. **The Sungod's Journey Through the Netherworld**. New York: Cornell University Press, 2010, p. 17-19

<sup>188</sup> *Ibid*, p. 26

Tabela 2 - Faraós do Reino Novo e utilização do AmDuat.

<b>Dinastia XVII (1550-1295)<sup>189</sup></b>		
<b>Monarca (nome de nascimento)</b>	<b>Período</b>	<b>Horas do AmDuat utilizadas<sup>190</sup></b>
Ahmés <sup>191</sup>	1550-1525	
Amonhotep I	1525-1504	
Thutmés I	1504-1492	Fragmentos da 12ª hora
Thutmés II	1492-1479	
Thutmés III	1479-1425	Versão reduzida completa
Hathshepsut	1473-1458	
Amonhotep II	1427-1400	Versão estendida e reduzida completas
Thutmés IV	1400-1390	
Amonhotep III	1390-1352	Versão estendida e reduzida completas
Amonhotep IV/Akhenaton	1352-1336	
Smenkhara/Nefertiti	1338-1336	
Tutankhamon	1336-1327	Fragmento da 1ª hora
Ay	1327-1323	Fragmento da 1ª hora
Horemheb	1323-1295	
<b>Dinastia XIX (1295-1186)</b>		
Ramsés I	1295-1294	
Séthi I	1294-1279	10ª à 11ª
Ramsés II	1279-1213	1ª, 2ª, 4ª, 5ª, 6ª, 7ª, 8ª (?) e 12ª
Mer-em-Ptah	1213-1203	3ª, 4ª, 5ª, 10ª e 11ª
Amenmes	1203-1200?	
Séthi II	1200-1194	2ª, 3ª, 4ª e 5ª
Siptah	1194-1188	
Tausra	1188-1186	
<b>Dinastia XX (1186-1069)</b>		
Séthinakhte	1186-1184	
Ramsés III	1184-1153	4ª e 5ª
Ramsés IV	1153-1147	1ª à 11ª
Ramsés V	1147-1143	1ª à 11ª
Ramsés VI	1143-1136	
Ramsés VII	1136-1129	
Ramsés VIII	1129-1126	
Ramsés IX	1126-1108	2ª, 3ª e 4ª (?)
Ramsés X	1108-1199	
Ramsés XI	1199-1069	

<sup>189</sup> Relação das dinastias, faraós e datas: SHAW, *op. cit.*, 2003, p. 484-485.

<sup>190</sup> Disponível em: <<http://www.egiptologia.org/textos/amduat/>>

<sup>191</sup> Versão dos nomes egípcios: GRIMAL, *op. cit.*, 2012, p.29.

Clagett em seu trabalho *Ancient Egyptian Science*<sup>192</sup>, comenta a cosmogonia do AmDuat e defende que suas bases vão além do sistema heliopolitano e as modificações feitas acompanhando o crescimento de Amon-Rá, como é frequentemente associado. O conceito de criação e morte dos deuses não se limita ao heliopolitano. Nele há a ideia de gerações sucessivas dos deuses com Aton, em seguida Shu e Tefnu, depois Geb e Nut e seus filhos Osíris, Ísis, Seth e Neft e morte de Osíris e sua ressurreição na Duat.

O autor explica que Rá ter criado a si mesmo na forma de Jepri estava presente na idéia heliopolitana de autogeração. O próprio Abismo primordial do qual o deus sol é criado está constantemente presente na Duat. Rá ressurge na forma de Jepri na Décima Segunda Hora e é capaz de fazer o mesmo com os que o acompanham como “manifestações de si mesmo”. Rá é o Deus primordial que cria os outros deuses e a humanidade, isto se confirma no AmDuat junto com a ideia do poder de criação da palavra. Rá, no AmDuat, está constantemente preocupado com o bem estar de seus habitantes e é através dele que recebem a vida todos os dias. Isto é feito através de suas palavras descritas como “palavras de ordem”. Na Oitava o poder das palavras é demonstrado quando Rá fala aos deuses e logo estes ganham vida e na Quarta Hora quando a escuridão domina a misteriosa caverna e Rá não pode ver as formas de seus deuses, estes ainda podem ouvir sua voz mostrando a importância de sua palavra. A presença de Sai e Hu, que representam Conceito e Ordem, na comitiva de Rá e o papel das palavras mágicas de Isis e o Mago Mais Antigo, carregando a barca ou derrotando os inimigos, confirmam este poder criador.

Contudo, na Duat não se encontra apenas o cadáver de Osiris, morto por Seth, mas da maioria dos outros deuses que estão a espera de Rá para que possa lhes trazer a vida. O próprio deus sol é tratado como “A carne de Rá”, que de acordo com Clagett significa seu cadáver, Rá está morto e ressuscitará na Décima Segunda Hora hora. Durante a Oitava Hora, ele chega a uma cidade chamada “Sarcófago dos Deuses” onde nas “cavernas misteriosas” estão as formas de Aton, Jepri, Shu, Tefnut, Geb, Nut, Osíris, Ísis, Hórus e um deus chamado “A forma da Múmia dos Deuses” além de outros.<sup>193</sup>

Como tem sido constantemente reforçado, o AmDuat narra a passagem do deus sol durante a metade noturna do dia. Os egípcios dividiam o dia em 24 horas, com 12 horas para a

---

<sup>192</sup> O livro de Marshall Clagett é utilizado como base para os Thode e Lópes ao falar sobre a cosmogonia da Duat. Disponível em: <<http://www.egiptologia.org/textos/amduat/>>

<sup>193</sup> *Ibid.*

noite<sup>194</sup>. Toomer<sup>195</sup> atribui a contagem egípcia da noite em dez horas aos doze decanos<sup>196</sup> visíveis à noite no verão. Um decano marca o fim da noite durante dez dias, a cada dez dias surge outro decano para substituir o anterior que passa a aparecer uma hora antes. Desta forma, ao chegar ao verão, doze decanos são vistos a noite, cada um com uma hora de diferença. Durante a noite a passagem do tempo era acompanhada pela movimentação das estrelas, constantemente presentes sob a forma de deuses-estrela no AmDuat. R.A. Wells (1993)<sup>197</sup> dedica um artigo sobre este assunto: a contagem das horas durante a noite através das estrelas e essa consequência nas divisões da Duat. Os egípcios utilizavam tanto as horas do equinócio, com duração igual para o dia e a noite, quanto as horas sazonais onde as noites são mais longas no inverno e mais curtas no verão<sup>198</sup>. O grande trecho do início do terceiro registro da Sétima Hora refere-se a imagem de Horus em seu trono divino e seu papel de colocá-las em movimento.

“Esta imagem é a de Horus em seu trono. Esta imagem é assim. O que tem que fazer na Duat é por as estrelas em movimento e produzir as posições das horas na Duat. A majestade de Horus da Duat fala aos deuses-estrelas: Que vossa carne esteja bem, que vossas formas cubram a vida, para que podeis estar em repouso em vossas estrelas. Que permaneceis diante este Rá do Horizonte, que está na Duat todos os dias. Vós estais em sua Comitiva e vossas estrelas estão ante ele para permitir-lhe atravessar, através do belo Oeste em paz. Vós sois realmente os que permaneceis na terra. Oh vós, vossas estrelas me (?) pertencem, eu que estou no céu! Realmente está satisfeito o Senhor do horizonte. A majestade de Horus da Duat fala as Horas que estão nesta cidade: Oh Horas que vens, Oh Horas estreladas, Oh horas que protegeis a Rá, que lutais em nome Dele do Horizonte. Toma vossas formas, leva vossas imagens, leva vossas cabeças, enquanto conduzes este Rá que está no horizonte até o belo Oeste em paz. Estes deuses e deusas conduzem e este Grande Deus até o caminho misterioso desta cidade.”<sup>199</sup>

A contagem era feita de diferentes formas e todas elas estavam ligadas ao aparecimento de uma estrela à noite com um determinado intervalo de tempo. Wells utiliza como exemplo a contagem do tempo nos templos solares da V dinastia. Neles era feito um sacrifício animal ao

<sup>194</sup> WELLS, R. A. Origin of the Hours and the Gates of the Duat. *Studien zur Altägyptischen Kultur*, bd. 20, p. 305-326, 1993. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/25150205](http://www.jstor.org/stable/25150205)>. Acesso em: 06 de Fevereiro de 2013 08:0, p. 306.

<sup>195</sup> TOOMER, J.R. Matemática e Astronomia. In. HARRIS, J. R. (Org). *O legado do Egito*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 60-62.

<sup>196</sup> “Os decanos são trinta e seis grupos de estrelas (constelações ou subdivisões de constelação). Cada um por seu turno, assinala o fim da noite por seu levante” IDEM, p. 60

<sup>197</sup> WELLS, *op. cit.*, 1993.

<sup>198</sup> *Ibid*, p. 305

<sup>199</sup> Disponível em: <<http://www.egiptologia.org/textos/amduat/07/>>

exato nascer do sol. Para isso era necessário saber quando seria este momento para que toda preparação e procissão fossem feitos a tempo. Wells afirma que para isso seria necessário basear-se em uma determinada estrela que apareceria uma ou algumas horas antes do sol em uma abertura no teto do templo. A escolha da estrela dependia de quanto tempo era necessário para a preparação. Como o aparecimento de cada estrela varia em tempo a cada dia, diferentes estrelas deveriam ser utilizadas e trocadas a cada intervalo de tempo.<sup>200</sup>

Na mitologia Rá, o deus sol, nas do corpo de Nut, a deusa correspondente ao céu. Para Wells, o corpo de Nut seria visível parcialmente em alguns momentos do ano, através da Via Láctea. Seu corpo estaria completo na Duat, “o submundo, o mundo no outro lado do horizonte”<sup>201</sup>. A passagem de Rá pela Duat equivaleria à passagem de Rá pelo corpo de Nut, e seu nascimento pela manhã<sup>202</sup>. No texto introdutório da Décima Segunda Hora Rá é dito sair dos coxas de Nut:

“A majestade deste Grande Deus descansa nesta caverna no Final da Escuridão Absoluta. Nascido será este Grande Deus em suas formas (xprw) de Jepri nesta caverna. Num e Nunet, Het e Hehet aparecem (wpr) nesta caverna no nascimento deste Grande Deus para que ele possa sair da Duat, baixar na Barca do Dia e sair das coxas de Nut.”<sup>203c</sup>

### *Estrutura*

Cada uma das 12 horas ou capítulos do AmDuat consiste em uma ilustração de uma seção da Duat com a procissão de Rá em sua barca com sua comitiva. Cada ilustração, que corresponde a uma hora, está dividida em três registros. No primeiro e terceiro registros encontram-se os habitantes da Duat, em sua maioria deuses, e no registro central está sempre Rá em sua barca junto de sua comitiva. Existe um pequeno padrão na composição das divisões e este vem acompanhado de algumas exceções, por exemplo, enquanto as divisões possuem três registros cada, a primeira hora possui quatro, os textos introdutórios e finais de cada hora podem não existir ou estarem presente na hora anterior. Em todas as divisões Rá sempre aparece do registro central navegando em sua barca pelas águas do rio da Duat,

<sup>200</sup> A cada dia uma estrela aparece com aproximadamente 3,56 minutos de diferença. Wells, *op.cit.*, 1993, p. 310-312

<sup>201</sup> Wells, *op. cit.*, 1993, p.319

<sup>202</sup> *Idem, loc. cit.*

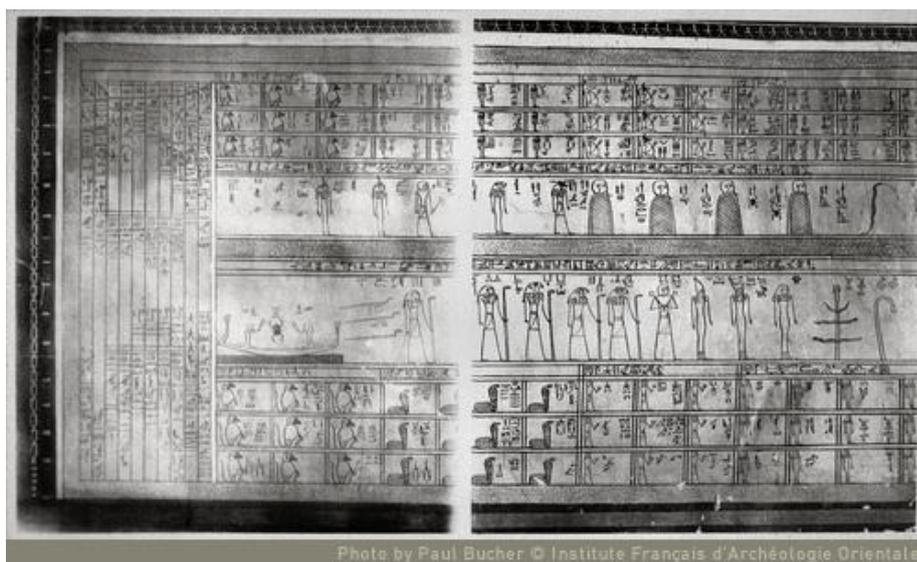
<sup>203</sup> Disponível em: < <http://www.egiptologia.org/textos/amduat/12/>>

contudo o rio só está completo da segunda e terceira divisões enquanto nas outras a barca, algumas vezes representada sendo puxada por uma corda, se localiza sobre um pequeno retângulo simulando a água.

A parte escrita do AmDuat é estruturada da seguinte forma: um texto introdutório, o nome dos deuses que compõem a procissão de Rá e uma linha, ou texto, explicativa sobre cada conjunto de deuses, um texto final. Esta organização também varia. Os textos que introduzem as imagens podem ser maiores ou menores, dependendo da divisão e do registro. A quantidade de horas reproduzidas na tumba e a escolha dessas horas variam, é possível encontrar cópias faltando apenas a última hora, momento em que Rá deixa a Duat renascendo mais uma vez no dia. A ordem com que as horas são colocadas não é fixa e os textos de cada hora podem estar escritos em outra.

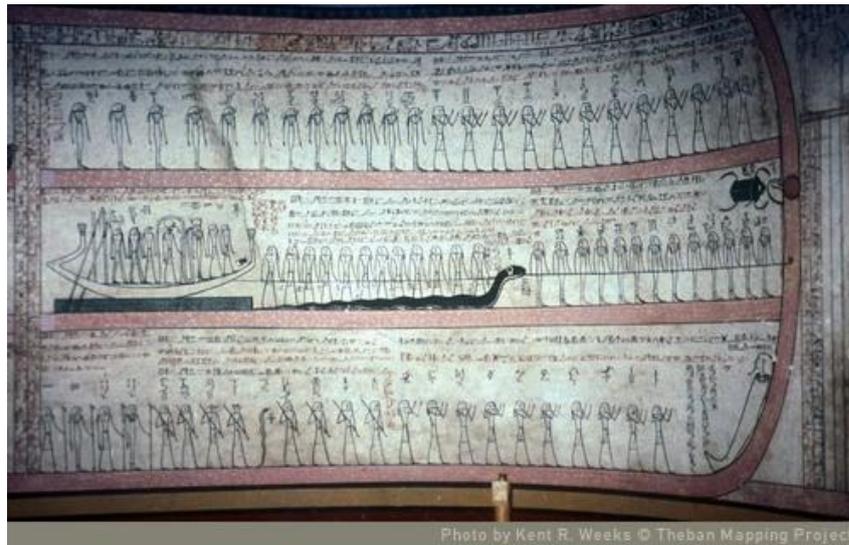
As imagens a seguir exemplificam essa organização. Está presente a ilustração de cada hora com as divisões, texto introdutório e final. Nelas pode-se ver a barca de Rá navegando sobre uma pequena área representando a água e sendo puxada por uma corda na segunda imagem. Os textos estão presentes dentro dos registros assim como por fora, em torno das imagens. Apenas alguns detalhes são omitidos devido a escolha do fotógrafo. A primeira figura corresponde à Primeira Hora do AmDuat com o texto introdutório à esquerda e as quatro divisões. Da extremidade direita um deus de cada linha não aparece na fotografia. A imagem da Décima Segunda Hora está completa exceto por alguns detalhes nas extremidades, nela Rá está finalmente saindo da Duat para renascer no dia.

Figura 3: Introdução e primeira hora do AmDuat. Tumba de Amenhotep<sup>204</sup>



<sup>204</sup> Disponível em: <<http://www.thebanmappingproject.com/database/image.asp?ID=12154>>

Figura 4: 12ª hora do AmDuat. Tumba de Thutmes III.<sup>205</sup>



Nas figuras acima pode-se perceber que cada componente da imagem é acompanhado de uma inscrição e cada conjunto de componentes tem sobre ele um texto mais extenso. Estas inscrições compreendem seus títulos ou nomes e uma introdução sobre estes personagens. É importante ressaltar que estes textos ajudam a contar a trajetória de Rá pelo Duat junto com as grandes inscrições iniciais e finais de cada divisão. Os deuses presentes em cada divisão pertencem àquela hora e possuem um determinado papel na viagem de Rá, ligando este deus com o que acontece na Duat. A função de cada conjunto de deuses e suas características encontram-se descritas sobre eles.

Durante a primeira hora, Rá prepara-se para entrar no Duat ordenando que a porta chamada “A devoradora de Tudo” se abra. Os primeiros deuses, os nome babuínos, possuem a seguinte descrição:

“ Os nomes dos deuses que abrem as portas para o Grande Ba:  
 Benti  
 Ifi  
 Dehdeh<sup>206</sup>  
 O Coração da Terra  
 O que Ora  
 O que Abre a Terra  
 O Ba da Terra  
 O que foi visto por Rá”

<sup>205</sup> Disponível em: <<http://www.thebanmappingproject.com/database/image.asp?ID=18212>>

<sup>206</sup> Nem todos os nomes foram traduzidos.

Os textos mais extensos referem-se à sua imagem abaixo da mesma forma que as curtas linhas, mas com maiores detalhes. Descrevem os deuses, suas ações e funções na Duat durante aquela hora e principalmente em relação a Rá e aos deuses maiores que estão presentes, como Osiris. Estes textos geralmente terminam com uma frase explicando a função daquele grupo de deuses e com o aviso de que aquele aquelas informações não sofrerá problemas. O texto seguinte possui esses dois elementos. Na terceira hora Rá e sua comitiva já se encontram na Duat, o primeiro registro descreve seus deuses da seguinte forma:

“O nomes de Eles estão assim na Duat na carne de seus próprios corpos. Seus Bas falam em nome deles e suas imagens (ou sombras) descansam neles. Depois de que este Grande Deus os chamou, eles o falam, o adoram. Lamentam-se depois que ele passa. Isto é o que tem que fazer na Duat, castigar o adversário, fazer com que Nun cubra a vida para produzir inundação para fazer com que o vento salgue a terra que os provêm. Eles rugem quando castigam o adversário. O que os conhece enquanto passa por eles, seus rugidos não os alcançará, não cairá em suas armadilhas.”

Nome do primeiro conjunto de deuses referente ao texto anterior.

“O que está sobre sua arena  
 Dyebeb-neter  
 Anúbis  
 Alegre de Voz  
 O que traz  
 A que traz  
 O que Mata os Inimigos  
 Pedy-Aha  
 Anubis de Tebas  
 O que Traz o Olho Apaziguador dos Deuses  
 Grande de Invocações”<sup>207</sup>

As divindades na Duat não são seguidas apenas de textos descritivos como o anterior, existe certa comunicação entre elas e Rá. Palavras de ordem de Rá, palavras de adoração à Rá, decretos desde “Grande Deus”<sup>208</sup> ou expressões ditas por ou para outros deuses compõem os textos de cada hora. As ações feitas pelos presentes em uma determinada divisão e que são simuladas nas imagens podem vir acompanhadas de suas descrições, o texto explica o que está acontecendo naquele momento durante o seu acontecimento. No primeiro fragmento, Rá

<sup>207</sup> Disponível em: <<http://www.egiptologia.org/textos/amduat/03/>>

<sup>208</sup> Rá

fala às divindades das águas do rio da Duat, no segundo os deuses da Duat falam à ele, o ultimo descreve a ação de Rá em sua barca.

Texto referente ao segundo grupo de deuses do primeiro registro da Quinta Hora:

“Palavras ditas por este Grande Deus:

Que mantenhas (o rumo em) vossas águas, que vigies vossas margens quando chega a inundação aos que estão no Abismo. Que amarrem as margens da Grande Inundação! Vossas águas não secarão, que vossas margens sejam altas e não nuas! Faço o gesto de submissão diante do que cruza a água (?), de forma que eu possa passar por vós em paz.”<sup>209</sup>

Segundo texto do segundo registro da quinta hora:

“Em paz, em paz” senhor da vida! Em paz, tu, paz do Oeste! Em paz, tu, abridor da terra. (...) ó Rá! Tu falas a Osiris, Tu chamas à Terra de Sokar, para que Horus sobre sua arena possa vir. Ver a Jepri, oh Rá! Ver a Rá, oh Jepri! A corda de reboque que trouxestes, a corda é levada por Jepri para que possa ajudar a Rá, para que possa fazer direito os misteriosos caminhos de Rá, Horus do Horizonte. O céu está em paz, em paz! Rá está ligado ao belo Oeste.”<sup>210</sup>

Primeira inscrição do segundo registro da Nona Hora:

“Este deus descansa de suas andanças (variação de seu remar) nesta cidade e sua tripulação descansa com sua barca e sua imagem secreta de Serpente Envolve. Este Grande Deus dá ordens aos deuses que estão nesta cidade.”<sup>211</sup>

Os textos que se encontram ao redor no conjunto de imagens de cada divisão oferecem maiores informações sobre aquele momento. Ligam-se à totalidade de acontecimentos ali presentes sem estar preso a apenas um grupo de personagens. Todos os textos introdutórios presentes nas doze divisões possuem informações sobre o local onde Rá acaba de entrar, assim como os nomes ligados à ele. Indica o tamanho da caverna ou cidade<sup>212</sup>, nomeia a porta, o local e a deusa correspondente àquela hora. Alguns deles acrescentam o que acontece durante esta hora e as ações de Rá. Apenas a Primeira, Segunda e Terceira Hora possuem um grande texto final. Nesses textos estão presentes palavras ditas por Rá ou pelos deuses da Duat, os que se encontram naquela determinada hora. A localidade e a presença destes textos também variam de acordo com a cópia do AmDuat, ou seja, a tumba em que ele foi transcrito,

<sup>209</sup> Disponível em: <<http://www.egiptologia.org/textos/amduat/05/>>

<sup>210</sup> *Ibid.*

<sup>211</sup> Disponível em: <<http://www.egiptologia.org/textos/amduat/09/>>

<sup>212</sup> Os locais referentes a cada hora podem ser cavernas, cidades, campos.

podendo estar ou não presentes. Da mesma forma, é comum que o texto inicial de uma divisão esteja presente do final da divisão anterior. Os dois trechos a seguir ilustrarão essas características:

#### Introdução da Terceira Hora do AmDuat:

“Este Grande Deus descansa onde os moradores do Campode Oferendas e navega pela Água de Osiris. Este campo tem 309 itrw<sup>213</sup> de largura.

Este Grande Deus dá ordens aos bas que estão na Comitiva de Osiris nesta cidade. O nome da [deusa] hora da Noite que conduz este Grande Deus [por esta caverna] é a que A que Corta em Pedacos os Bas. O nome da porta desta cidade é A que Agarra.

Este Grande Deus cuida dos deuses que estão na comitiva de Osiris. Ele os concede lotes neste campo. (Tem que) conhecer os bas. Em relação ao que conhece seus nomes, ele alcançará o lugar onde está Osiris. A água do campo lhe será dada nesta margem. A água do Senhor Único que cria as Oferendas é o nome deste campo.”<sup>214</sup>

#### Texto final da Segunda Hora.

“Palavras ditas pelos deuses da Duat quando este Grande Deus entra pela (ak.f) pela porta, A que traz se, descanso e navega pela água de Rá até Urnes...: Oh levanta, Grande Ba, a quem a Duat recebe (Ssp.n.n.s). oh Carne que pertences ao céu... tu vives sobre a terra, Oh Carne, glória a ti. venha Rá... em teu nome do Vivo que vem a existência da Duat, atravessa os campos, Oh Protetor... atas a serpente Hiu (hiw), golpeias a Cara Maligna.”<sup>215</sup>

Dentre os registros aparecem alguns textos comuns à introdução e texto final.

#### Texto do segundo Registro da Sexta Hora:

“Este Grande Deus viaja por esta cidade pela água; rema neste campo na proximidade do cadáver de Osiris. Este Grande Deus dá ordens aqueles deuses que estão ns campos. Ele atraca junto a essas misteriosas mansões que contém as imagens de Osiris. Este deus chama por cima destas misteriosas mansões. Depois de haver ouvido esta voz, o deus passa depois de haver gritado.

(...)

Estais satisfeitos com vossos campos, vós mesmo os une com o mistério de vossas coras, são felizes com vossa felicidade. Estais realmente satisfeitos com as oferendas que a invocação dos deuses concedeu. Sois realmente os que me protegem na terra os que castigam Apofis. Os Reis do Alto Egito, que proporcionaram oferendas, O Reis do Baixo Egito, e os espíritos, que

<sup>213</sup> Medida de comprimento egípcia com aproximadamente 10,5km.

<sup>214</sup> Disponível em: <<http://www.egiptologia.org/textos/amduat/03/>>

<sup>215</sup> Disponível em: <<http://www.egiptologia.org/textos/amduat/02/>>

estão na terra, são assim. Eles permanecem perto de suas cavernas, e ouvem a voz deste deus diariamente.”<sup>216</sup>

Diferente dos outros textos funerários a base da arte do AmDuat como um todo são as imagens<sup>217</sup>. Ele é constituído de um conjunto de doze imagens que vem acompanhadas de inscrições entre elas. Ele se diferencia neste aspecto dos outros textos funerário das tumbas reais utilizados aqui. Dentre eles o que mais utilizou este recurso foi o Livro dos Mortos que possui algumas ilustrações ao longo do texto, mas nada comparado ao AmDuat. As imagens narram a passagem de Rá em sua barca pela Duat com detalhes para cada uma das horas, todos aqueles que moram na Duat e o que ali fazem.

### *Narrativa*

Alguns elementos no caminho de Rá pela Duat são constantes durante as 12 horas da noite revelando características deste local e a função do “livro”. Anteriormente foi citado o quanto a Duat significa perigo para aqueles que nela adentram. Contudo, Rá pode passar por estes caminhos sem ser prejudicado graças a proteção que recebe dos deuses da Duat. Em todas as horas um conjunto de deuses fica responsável por castigar ou derrotar os inimigos. Estes inimigos variam entre a serpente Apep e outras serpentes antagonistas que estão presentes ao longo do caminho, os inimigos dos deuses que dominam a Duat, como Osiris, Hórus ou Rá e os mortos e “não existentes”. Os “não-existentes” são os seres do caos, aqueles que estão realmente mortos, não existem<sup>218</sup>. Apesar da visão assustadora da Duat, aqui ela é descrita através de campos, grandes cidades, rios e cavernas misteriosas. A lógica de sua geografia se assemelha com a do Egito, seus campos dependem das cheias do rio da Duat que são garantidas por Rá e seus deuses.

O AmDuat tem como função ser um meio para a ressurreição do falecido junto aos deuses. Aqui isto é feito acompanhando Rá pelo submundo para renascer como ele no dia. Para isso é preciso passar pelos perigos citados sem que a viagem seja interrompida. Durante as horas está presente, como foi mostrado anteriormente, o aviso de que é necessário conhecer os deuses e o que acontece em cada local para que aquele que por ali viaja não sofra nenhum

<sup>216</sup> Disponível em: <<http://www.egiptologia.org/textos/amduat/06/>>

<sup>217</sup> Na versão completa. A versão reduzida possui apenas textos.

<sup>218</sup> Nota 5 da 3ª hora. Disponível em: <<http://www.egiptologia.org/textos/amduat/03/>>

tipo de represália. Schweizer<sup>219</sup> aponta a importância dada pelos egípcios para o conhecimento da “natureza do deus e de coisas secretas em geral”<sup>220</sup>. Era preciso saber o que acontece no submundo e isso era possível através do conhecimento do AmDuat. O faraó Ramsés VI, dono da tumba cuja cópia do AmDuat serviu de base para maior parte desta tradução, chega a ser citado algumas vezes ao longo do texto apenas na Quarta Hora. As citações são incluídas e parecem um pouco fora de contexto:<sup>221</sup>

Textos localizados por cima dos últimos deuses do segundo registro, estes nunca foram completados:

“Eles são assim segundo a forma de seus corpos. Osíris o Rei, Senhor das Duas Terras, Ramsés VI está justificado.”

“Estas são as entradas de...”

“Senhor das diademas, Ramsés VI, entra por suas portas... protege Anúbis em sua forma que é...”

Texto do terceiro registro por cima dos deuses diante da barca que carrega uma serpente:

“Eles são assim segundo a imagem criada por Horus, eles estão na terra por este caminho da Necrópole Imhet de difícil acesso. Entrada para a primeira tumba na terra. Rei Osíris, Senhor das Duas Terras, Ramsés VI pe assim, grande como Rá quando viaja pela Duat.”

Texto do terceiro registro por cima da serpente de três cabeças:

“Está é a imagem misteriosa da Necrópole Imhet. Há luz nela cada dia no nascimento de Jepri, que sai quando as caras da serpente Menmenu (A Enguia) desaparecem diante de Jepri. Rei, Senhor das Duas Terras Ramsés VI.”

Durante a Primeira Hora da noite Rá e sua comitiva iniciam sua jornada pela Duat. Esta primeira cidade ou campo ainda não faz parte da Duat, ele o leva até sua porta de entrada. Ainda neste local, Rá concede aos seus habitantes lotes de terra neste campo e começa a mostrar sua preocupação com os habitantes da Duat. No texto final desta hora há uma passagem que mostra o papel de Rá neste local perigoso e misterioso: “O Oeste, cujas formas são misteriosas, está aberto para ti, para ti se abrem as portas da Grande Cidade. Tu dá luz a escuridão, tu permites respirar ao Lugar da Destruição”<sup>222</sup>. Rá ordena que esta porta

<sup>219</sup> SCHWEIZER, *op. cit.*, 1994, p. 23-24

<sup>220</sup> “...to have knowledge of the nature of a god and of secret things in general...”: *Ibid*, p.23.

<sup>221</sup> Disponível em: <<http://www.egiptologia.org/textos/amduat/04/>>

<sup>222</sup> Disponível em: <<http://www.egiptologia.org/textos/amduat/01/>>

oculta seja aberta. Schweizer destaca a presença de Seth, responsável pela morte de Osiris, na margem deste rio<sup>223</sup> representando os perigos que existem na Duat. Contudo, apesar do perigo sempre presente, existe ordem no submundo o que é indicado pela presença de Maat nas duas primeiras horas.<sup>224</sup>

Ao início da Segunda Hora Rá concede novamente parcelas de terra aos seus habitantes, e cuida dos que estão no campo levando, desta forma, para a morte os mesmos benefícios usufruídos em vida<sup>225</sup>. Esta divisão destaca a obtenção de alimentos e água seja para seus habitantes ou Rá e sua comitiva. Aqui Rá ainda os devolve a capacidade da respiração, impede que seus corpos se decomponham e oferece a esses deuses o que necessitam para viver. Como em todas as horas, nesta existe um ou mais grupos de deuses responsáveis por proteger os que habitam e passam pela Duat dos perigos que nela existem. São citadas pela primeira vez a serpente Hiu e a Cara Maligna, inimiga de Osíris que será derrotada na Sétima Hora na Caverna de Osíris.

Durante a Terceira Hora Rá encontra a Comitiva de Osíris com seus “*bas* misteriosos” a quem Rá garante oferendas, seus sentidos, a respiração, lotes de terra, água para estes lotes, entre outras dádivas. É nesta hora em que há a menção dos não existentes. O texto por cima do terceiro registro diz:

“Isto é que tem que fazer no Oeste: assar e cortar os *bas*, aprisionar as imagens (ou sombras), aniquilar aos que são os não-existentes, que pertencem a este Lugar de Aniquilação. Eles acendem as chamas, fazem com que os inimigos sejam queimados pelo o que há na ponta de suas espadas.”<sup>226</sup>

Rá ingressa na caverna misteriosa da Quarta Hora deixando para trás os campos e cidades. Agora, mesmo este deus precisa ter cuidado com seus habitantes ficando impossibilitado de ver suas formas, o que não diminui seu poder, pois estes ainda ouvem as ordens dadas por Rá. Sua barca passa a ser representada como uma serpente com duas cabeças, na proa e popa, através do fogo que sai da boca da primeira serpente Rá consegue atravessar este caminho. Nesta caverna se encontra a Necrópole Imhet, a Terra de Sokar e Anubis que é protegida pelos deuses que ali habitam. Sokar, deus da terra, foi inicialmente o

<sup>223</sup> SCHWEIZER, *op. cit.*, 1994, p 33, 34.

<sup>224</sup> *Ibid*, p. 37

<sup>225</sup> SCHWEIZER, *op. cit.*, 1994, p 50,51.

<sup>226</sup> Disponível em: < <http://www.egiptologia.org/textos/amduat/03/>>

deus da morte em Menfis e nos Textos das Pirâmides é identificado com Osiris.<sup>227</sup> A Caverna de Sokar está localizada na Quinta Hora onde ele surge dentro de um ovo protegido por algumas serpentes e Isis representada por uma grande cabeça feminina no segundo registro. Um grupo de deuses é responsável pela proteção das águas e Rá garante a Grande Inundação e os benefícios que vem com ela.

O principal acontecimento da Sexta Hora é a reunião do ba de Rá com seu corpo ou de Rá com Osiris<sup>228</sup>. Nesta hora ganham destaque os reis do Alto e Baixo Egito e Osiris com suas “Mansões Misteriosas” que carregam suas imagens. No mesmo registro em que se encontra Rá em sua barca, estão os deuses do Alto e Baixo Egito e o corpo de Jepri rodeado de serpentes que o protegem. Há um decreto de Rá dirigido aos reis do Alto e Baixo Egito que estão presente no primeiro registro, nele este deus legitima suas existências e ordens. No início do segundo registro as “Mansões” são citadas:

“Este Grande Deus viaja por esta cidade pela água; rema neste campo na proximidade do cadáver de Osiris. Este Grande Deus dá ordens a aqueles deuses que estão nos campos. Ele atraca junto a essas misteriosas mansões que contêm a imagem de Osiris. Este deus chama por cima dessas misteriosas mansões. Depois de ter ouvido seta voz, o deus passa depois de ter gritado.”<sup>229</sup>

Na hora seguinte Rá é protegido de Apófis, que é castigado diversas vezes, por Isis e o Mago Mais Antigo. Apófis é o eterno inimigo de Rá, é a serpente está sempre presente durante a sua jornada representando os maiores perigos.<sup>230</sup> O grande acontecimento desta hora é a derrota da serpente Cara Maligna (Neha-her). Sua derrota não acontece apenas através Rá, neste momento ele precisa de ajuda de outros deuses presentes na Duat. Osiris é saudado pela derrota de seus inimigos e ordena aos deuses que os castiguem. No último registro Hórus está em seu trono seguido de deuses representando as estrelas, ele as protege e cuida para que produzam as horas da Duat.

Sarcófago de Seus Deuses é o nome da cidade que se encontra na 8ª hora. Nela os registros superior e inferior estão divididos em cinco departamentos cada um com três ou quatro componentes. Cada compartimento é chamado de caverna e possui seu próprio nome, nela estão deuses cujas formas estão ocultas por Hórus. Rá passa pelos deuses desta hora

<sup>227</sup> SCHWEIZER, *op. cit.*, 1994, p. 78

<sup>228</sup> *Ibid*, p.120

<sup>229</sup> Disponível em: < <http://www.egiptologia.org/textos/amduat/06/>>

<sup>230</sup> Nota número 4 da 5ª hora. Disponível em: < <http://www.egiptologia.org/textos/amduat/05/>>

chamando por eles e trazendo-os de volta à vida. Durante toda a hora as roupas usadas pelos deuses são mencionadas e a imagem de cada uma delas está acompanhada o hieróglifo correspondente a roupa. Os deuses da Nona Hora são novamente providos com suas roupas por Rá. A ênfase é dada ao deus Osíris e a derrota de seus inimigos.

A salvação daqueles que morreram afogados no Nilo é feita na Décima Hora. Nela Hórus purifica suas almas impedindo que seus corpos apodreçam e se decomponham uma vez que os que perdem a vida no Nilo podem ter seus corpos carregados pela corrente impedindo que recebam um tratamento funerário adequado. No segundo registro a Cara Maligna é novamente citada, os deuses armados que protegem Rá tem a função de rechaçar esta serpente. No primeiro registro o ovo de Jepri é transportado por um escaravelho para que renasça na Décima Segunda Hora, quando Rá renasce na forma deste deus para sair ao leste.

A Décima Primeira Hora forma a “Montanha Oriental” onde são feitas as preparações para a saída de Rá na Décima Segunda. Os deuses que habitam esta hora tem como função elevar Rá ao céu, lamentar a sua partida e derrotar os inimigos deste deus e de Osíris. Sobre esta última tarefa, Hórus faz um discurso sobre os castigos que esperam estes inimigos na Duat. Na última hora da noite Rá renasce nas formas de Jepri e deixa o “abismo” através das pernas de Nut. Para renascer em sua nova forma, Rá atravessa serpente Vida dos Deus, sua comitiva e os deuses que rebocam sua barca fazem o mesmo renascendo do outro lado. A imagem desta hora possui a extremidade direita fechada indicando o fim da Duat<sup>231</sup>, nesta parede está o deus Shu de braços abertos, ele fecha a Duat, separa o céu da terra e da escuridão.

---

<sup>231</sup> Imagem em Anexo, p. 85.

## CONCLUSÃO

É possível encontrar as origens ideológicas do AmDuat em dois textos muito anteriores a ele. Primeiramente, nos Textos das Pirâmides existem menções ao submundo sendo regido por Osíris, contudo, essas menções colocam a Duat com o um local obscuro e perigoso, diferente dos perigos descritos e superados no AmDuat. Essa visão do local pode ser encontrada ainda no Livro dos Mortos, contemporâneo a ele. A segunda obra com ainda maiores semelhanças ao AmDuat é encontrada no Primeiro Período Intermediário, entre os encantamentos dos Textos dos Sarcófagos: o Livro dos Dois Caminhos. Nele encontramos uma das formas mais antigas em que é mostrado o caminho da divindade solar pelo submundo e sua utilização como um meio de ganhar nova vida ao lado dos deuses. Este é um dos vários caminhos que o falecido pode seguir nos Textos das Pirâmides para alcançar esse objetivo, além de ele próprio apresentar três diferentes tradições, a de Thot, Rá e Osíris. Essas semelhanças não parecem indicar que o AmDuat foi criado em uma época próxima aos textos citados, mas que essas idéias permaneceram e foram utilizadas em momento propício.

Este trabalho defende a sua criação no Segundo Período Intermediário. Essa conclusão é feita através do estudo das características deste período ligadas às características e condições do próprio AmDuat.

Os Textos das Pirâmides, dos Sarcófagos e o Livro dos Mortos seguem uma sequência de período de utilização e de ideias. Pode-se afirmar que um descende diretamente do outro e é inspirado no texto anterior. O AmDuat aparece como uma ruptura nesta sequência, ele passa a fazer parte dos textos funerários utilizados pela realeza, porém sem fazer parte desta tradição. Ele não descende diretamente dos textos anteriores, possuindo uma construção e ideologia diferentes. Seu mito principal é o do deus solar, é através dele que o falecido alcança sua nova vida. Nos Textos das Pirâmides, o mito de Rá é sobreposto pelo de Osíris, que continua como principal até o Livro dos Mortos. Rá ganha algum destaque novamente no Livro dos Dois Caminhos, dentre diferentes mitos.

Além de seguir um mito central diferente, a Duat ganha maior atenção e descrições detalhadas, sendo interpretada de uma forma menos obscura que as anteriores. A geografia da Duat se assemelha a do Egito e sua descrição ocupa um grande espaço e importância nos textos. Os perigos e mistérios do local ainda existem, mas não são uma grande ameaça para Rá e Osíris que, com ajuda de outros deuses da Duat, sempre são capazes de derrotá-los, permitindo que este seja um local seguro suficiente para que o falecido possa atravessá-lo.

Outra grande diferença entre o AmDuat e os outros textos funerários é a utilização de ilustrações. O AmDuat é totalmente ilustrado com seus textos fazendo referência às imagens em todas as horas. Isso não acontece em nenhum outro texto funerário anterior que possuem no máximo algumas ilustrações menores. O Livro dos Mortos é o que apresenta maior número de ilustrações, a cena do julgamento por Osíris é a maior delas, o que não é comparável à lógica de ilustrações do AmDuat.

Dadas as características, conclui-se que o AmDuat possa ter sido criado no Segundo Período Intermediário, uma vez que neste período o Egito encontra-se dividido e com suas instituições sob controle menos rígido devido à situação. O Período Intermediário não é longo o suficiente para que as dinastias se estabeleçam e o país volte a apresentar uma ordem como existente anteriormente. Permanece por volta de 100 anos com seu início e fim permeados por conflitos. Neste contexto, é mais provável que o egípcio tenha construído uma compilação de textos funerários como o AmDuat no Segundo Período Intermediário ao invés de tê-lo feito no Reino Novo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes:

### AmDuat:

Tradução de Francisco López e Rosa Thode. Disponível em:

<<http://www.egiptologia.org/textos/amduat/>>

### Texto das Pirâmides:

FAUKNER, R. O. **The Ancient Egyptian Pyramid Texts**. Osford: University Press, 1969.

Tradução por LÓPEZ, F., THODE, R. Los textos de Las Pirâmides. Madrid, 2003. Disponível em: <<http://www.egiptologia.org/pdfs/LosTextosdelasPiramides.pdf>>. Acesso em: 04 de Setembro de 2013. 14:16

### Livro das Portas:

Tradução de Enrique Fernández de Córdova. Disponível em:

<<http://www.egiptologia.org/textos/puertas/>>

### O livro das Cavernas:

Tradução de Enrique Fernández de Córdova. Disponível em:

<<http://www.egiptologia.org/textos/cavernas/05/>> Acesso em: 06 de set. 2013 14:20.

### Livro dos Mortos:

BUDGE, E. A. **O livro Egípcio dos Mortos**. 6 ed. São Paulo: Pensamento, 2006.

### O Livro dos Dois Caminhos:

LESKO, L. H. **The Ancient Egyptian Book of Two Ways**. Berkeley, Los Angeles, London: University California Press, 1977. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&id=jsnl24Ba7z4C&q=duat#v=onepage&q=duat&f=false> Acesso em: 30 de Agosto de 2013, 18:03:30

Bibliografia:

CARDOSO, C. F. S. **O Egito Antigo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. Sete Olhares Sobre a Antiguidade. , s/e, s/l, s/d, p. 11-224.

CHAPOT, Gisela. **O Senhor da Ordenação: um estudo da relação entre o faraó Akhenaton e as oferendas divinas e funerárias durante a reforma de Amarna (1353-1335 a.C.)**. 2007. 284-300 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

- EDWARDS, I.E.S., GADD, C.J., HAMMOND, N.G.L. (Ed.) **The Cambridge Ancient History: Early History of the Middle East**. 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. 1v. Part 2.
- EDWARDS, I.E.S., GADD, C.J., HAMMOND, N.G.L., SOLLBERGER (Ed.). **The Cambridge Ancient History: History of the Middle East and the Aegean Region**. 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. 2v. Part 1
- GRALHA, J. C. M. **Deuses, Faraós e o Poder: Legitimidade e Imagem do Deus Dinástico e do Monarca no Egito Antigo (1550-1070)**. Rio de Janeiro: Barroso Produções Editoriais, 2002.
- GRIMAL, N. **História do Egito Antigo**. 1 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2012.
- GARDINER, A. **Egyptian Grammar: Being an introduction to the study of Hieroglyphs**. 3 ed. Cambridge: University Press, 2007.
- HARRIS, J. R. (Org). **O legado do Egito**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- HORNUNG, E., ABT, T. **The Egyptian Amduat – The Book of the Hidden Chamber**. Tradução de: David Warburton. Zurich, 2007. Intruduction. Disponível em: <<http://www.livinghumanheritage.org/Amduat%20Hidden%20Chamber.html>>. Acesso em: 06 de set. de 2013, 02:46
- KEMP, B. J. **El Antiguo Egipto: Anatomía de una Civilización**. Barcelona: Crítica, 1996.
- JOÃO, M. T. D. **Dos Textos das Pirâmides aos Textos dos Sarcófagos: A “Democratização” da Imortalidade como Processo Sócio-Político**. 2008. 103-179 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008
- LICHTHEIM, M. **Ancient Egyptian Literature: The Old and Middle Kingdoms**. Berkeley, Los Angeles, London: University California Press, 2006. v.1.
- \_\_\_\_\_. **Ancient Egyptian Literature: The new Kingdom**. Berkeley, Los Angeles, London: University California Press, 2006. v.1.
- LOPRIENO, A. **Defining Egyptian Literature: Ancient Texts and Moderns Theories**. In: LOPRIENO, A. (Ed.). **Ancient Egyptian Literature: History and Forms**. Leiden, New York, Köln: E. J. Brill, 1996. p. 39-58. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&id=fq5ViNRi7zoC&q=literature#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 30 de ago. de 2013 21:22

- MANASSA, C. *The Late Egyptian Underworld: Sarcophagi and Related Texts from Nectanebid Period*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2007.
- MOJISOV, B. The Ancient Egypt Underworld in the Tomb of Sety I: Sacred Books of Eternal Life. **The Massachusetts Review**, Egypt, v. 42, n. 4, p. 489-506, winter 2001/2002.
- SCHWEIZER, A. **The Sun God's Journey Through the Netherworld**. New York: Cornell University Press, 2010.
- SEELE, K. A Rare Grammatical Construction in a Neglected Egyptian Text. **Journal of Near Eastern Studies**. Chicago: The University of Chicago Press, v. 8, n. 4, p. 359-354, 1949. Disponível em: [www.jstor.org/stable/542902](http://www.jstor.org/stable/542902) Acesso em: 06 de Fevereiro de 2013 08:13
- SHAW, I. (Ed.). **The Oxford History of Ancient Egypt**. New York: Oxford University Press. 2003.
- STYLES, J. A. The Problem of Order in the Pyramid: A Quantitative Approach. **Journal of the American Research Center in Egypt**, American Research Center in Egypt, v. 42, p. 13-32, 2005/2006. Disponível em: [www.jstor.org/stable/27651792](http://www.jstor.org/stable/27651792) Acesso em: 06 de fev. de 2013 08:07
- WELLS, R. A. Origin of the Hours and the Gates of the Duat. **Studien zur Altägyptischen Kultur**, bd. 20, p. 305-326, 1993. Disponível em: [www.jstor.org/stable/25150205](http://www.jstor.org/stable/25150205). Acesso em: 06 de fev. de 2013 08:03

Sites:

<http://www.egiptologia.org/>

<http://www.thebanmappingproject.com/>

<http://www.livinghumanheritage.org/>

## ANEXO

1. Original das fontes traduzidas e transcritas no trabalho.

### **Autobiografia de Weni.**

“(...) When there was a secret charge in the Royal harem against Queen Weretyamtes, his majesty made me go into hear (it) alone. No chief judge and vizier, no official was there, only I alone: because I was worth, because I was rooted in his majesty’s heart; because his majesty had filled his heart with me. (...) Never before had one like me heard a secret of the king’s harem; but his majesty made me hear it, because I was worth in his majesty heart beyond any official of his, beyond any noble of his, beyond any servant of his.” (...)

“Weni becomes the governor of Upper Egypt.”

“(...) I governed Upper Egypt for him in piece, so that no one attacked his fellow. I did every task. I counted everything that is countable for the residence in the Upper Egypt two times and every service that is countable for the residence in this Upper Egypt two times. I did a perfect job in this Upper Egypt. I acted throughout so that his majesty praised me for it.”

### **Autobiografia de Harkuff**

“An offering which the king gives and Osiris, lord of Busiris: May He journey in peace on the holy ways of the West, journeyng on them as one honored. May he ascend to the god, lord of heaven, as one honored by [the god, lord of heaven]. The Count, Chamberlain, Warden of Nekhen, Mayor of Nekheb, Sole Companion, Lector-priest, honored by Osiris, Harkhuf.”

“I have come here from my city,  
 I have descended from my nome:  
 I have built a house, set up (its) doors,  
 I have dug a pool, planted sycamores.  
 The king praise me,  
 My father made a will for me,  
 I was one worthy ---  
 One beloved of his father,

Praised by his mother,

Whom all his brothers loved.

(5) I gave bread to the hungry,

Clothing to the naked,

I brought the boatless to land.

(...)

I was one who spoke fairly, who repeated what was liked,

I never spoke evilly against any man to his superior,

For I wished to stand well with the great god.

Never did judge between two [contenders]

In a manner which deprived a son or his father legacy.”

“Beginning of the Instruction made by the Hereditary Prince Count, King’s Son, Hardjedef, for his son, his nursling, whose name is Au-ig-re. [He] says.

Cleanse yourself before your (own) eyes

Lest another cleanse you.

When you prosper, found your household,

Take a hearty wife, a son will be born you.

It is for the son you build a house,

When you make a place for yourself.

Make good your dwelling in the graveyard,

Make worthy your station in the West.

Given that death humbles us,

Given that life exalt us,

The house of death is for life.

Seek for yourself well-watered fields,

---

Choose for him a plot among your fields,

Well- watered every year,

He profits you more than your own son,

Prefer him even to your [heir].”

### **Estela do soldado Qedes**

“An offering which the king gives (and) Anubis, he who is upon his mountain and in the place of embalming: an offering for the honored Qedes, who says: I was a worthy citizen Who acted with his arm, the foremost of his whole troop. I acquired oxen and goats. I acquired granaries of Upper Egyptian barley. I acquired title to a [great] Field. I made a boat of 30 (cubits) and a small boat that ferried he boatless in the inundation season. I acquired these in the household of my father Iti; (but) is was my mother Ibeb who acquired them for me.

I surpassed this whole town in swiftness – its Nubians and its Upper Egyptians.”

### **Instrução para o Rei Merikare**

“ Do not neglect my speech,  
Which lays down all the laws of kingship,  
Which instructs to you, that you may rule the land,  
And may you reach me with none to accuse you!

(...)

May you be called ‘he who ended the time of trouble’,  
By those who come after in the House of Khety,  
In thinking of what has come today.  
Lo, I have told you the best of my thoughts,  
Act by what is set before you!”

### **Hino a Osiris**

“Recitation. The Deputy-treasurer Sobk-iry, born of the lady Senu, the justified says:

Hail, Osiris, son of Nut!  
Two-horned, tall of crown,  
Given crown and joy before the Nine Gods,  
Whose awe Atum set in the heart of men, gods, spirits, and dead,  
Whom rulership was given on On;  
Great of presence in Djedu,  
Lord of fear in Two-Mounds;  
Great of terror in Rostay,  
Lord of awe in Hnes.

Lord of power in Tenent,  
 Great of love upon earth;  
 Lord of fame in the palace,  
 Great of glory in Abydos;  
 Whom triumph was given before the assembled Nine Gods,  
 For whom slaughter was made in Herwer's great hall."

### **As profecias de Neferti**

(...)

" A strange bird will breed in the Delta marsh,  
 Having made its nest beside the people,  
 The people having let it approach by default.  
 Then perish those delightful things,  
 The fishponds full of fish-eaters,  
 Teeming with fish and fowl.  
 All happiness has vanished,  
 The land is bowed down in distress,  
 Owing to those feeders,  
 Asiatics who Roam the land.  
 Foes have risen in the East,  
 Asiatics have come down to Egypt.

(...)

Then a king will come from the South,  
 Ameny the justified, by name,  
 Son of a woman of Ta-Seti, child of Upper Egypt.  
 He will take the white crown;  
 He will join the two Mighty Ones,  
 He will please the Two Lords with what they wish,  
 With field-circler in his fist, oar in his grasp.

(...)

Then order will return to its seat,  
 While Chaos driven away.

Rejoice he who may behold, he who may attend the king!  
 And he who wise will libate for me,  
 When he sees fulfilled what I have spoken.”

### **As inscrições da batalha de Kadesh de Ramses II**

“His majesty was a youthful lord,  
 Active and without his like;  
 His arms mighty, his heart stout,  
 His strength like Mont in his hour.  
 Of perfect form like Atum,  
 Hailed when his beauty is seen;  
 Victorious over all lands,  
 Wily in launching a fight.  
 Strong wall around his soldiers,  
 Their shield on the day of battle;  
 A bowman without his equal,  
 Who prevails over vast numbers,  
 Head on he charges a multitude,  
 His heart trusting his strength;  
 Stout-hearted in the hour of combat,  
 Like the flame when it consumes.”

### **Textos dos Sarcófagos**

“Words spoken by Him-whose-name-are-hidden, the All-Lord, as He speaks before those who silence the storm, in the sailing of the court.

Hail in peace! I repeat to you the good deeds which my own heart did for me from within the serpent-coil, in order to silence strife. I did four good deeds within the portal of lightland:

I made the four winds, that man might breath in his time. This is one of the deeds.

I made the great inundation, that the humble might benefit by it like the great. This is one of the deeds.

I made every man like his fellow; and I did not command that they do wrong. It is their hearts that disobey what I have said. This is of the deeds.

I made their hearts are not disposed to forget the West, in order that sacred offerings be made to the gods of the nomes. This is one of the deeds.

I have creates the gods from my sweat, and the people from the tears of my eye.

(...)

Lord of lightland, maker of light, who lights the sky with his beauty. I am hi in his name! Make what for me, that I mat see Nun and Amun! For I am that equipped spirit (akh) who passes by the ‘guards’. They do not speak for fear of Him-whose-name-is-hidden, who is in my body. I know him, I do not ignore him! I am equipped and effective in opening his portal”

As for any person who knows this spell, he will be like Re in the eastern sky, like Osiris in the netherworld. He will go down to the circle of fire, without the flame touching him ever!”

### **A abertura da boca**

“Formula for opening N’s mouth for him in the necropolis. He shall say:

My mouth is opened by Ptah.

Me mouth’s bonds are loose by my city-god.

Thoth has come fully equipped with spells,

He looses the bonds os Seth from my mouth.

Atum has given me my hands,

They are placed as guardian.

My mouth is given to me,

My mouth is opened by Ptah

With that chisel of metal

With which he opened the mouth of the gods.

I am Sakhmet-Wadjet who dwells in the west of heaven,

I am Sahyt among the souls of On.

As for any spells, any spells spoken against me,

The gods shall rise up against them,  
The entire Ennead, the entire Ennead!”

### **As orações de Paheri**

“An offering given by the King (to) Amun  
Lord of Thrones-of-the-Two-Lands,  
King of eternity, lord of everlastingness,  
Sole one, primordial, eldest,  
Primeval, without [equal],  
[Creator] of man and gods,  
Living flame that came from Nun,  
[Maker] of light for mankind;(…)”

### **Hinos ao rei Sesostris II**

“Unique youth who fights for his frontiers,  
Not letting his subjects weary themselves,  
Who lets the people sleep till daylight,  
The youths may slumber, his heart protects them  
Whose commands made his borders,  
Whose words joined the Two Shores!”

### **Hino a Amon-Re**

“You are Amun, the Lord of the silent,  
Who comes at the voice of the poor;  
when I call to you in my distress,  
you come to rescue me,  
to give breath to him who is wretched,  
to rescue me from bondage.

You are Amen-Re, Lord of Thebes,  
Who rescues him who is [merciful],  
When one appeals to you,

You are who comes from afar”

### **As instruções do príncipe Hardjedef**

“Beginning of the Instruction made by the Hereditary Prince Count, King’s Son, Hardjedef, for his son, his nursling, whose name is Au-ig-re. [He] says.

Cleanse yourself before your (own) eyes

Lest another cleanse you.

When you prosper, found your household,

Take a hearty wife, a son will be born you.

It is for the son you build a house,

When you make a place for yourself.

Make good your dwelling in the graveyard,

Make worthy your station in the West.

Given that death humbles us,

Given that life exalt us,

The house of death is for life.

Seek for yourself well-watered fields,

---

Choose for him a plot among your fields,

Well- watered every year,

He profits you more than your own son,

Prefer him even to your [heir].”

### **O rei se alimenta dos deuses**

“Unas is the bull of heaven

Who rages in his heart,

Who lives on the being of every god,

Who eats their entrails

When they come, their bodies full of magic

From the Isle of Flame.

(...)

Unas eats their magic, swallows their spirits:

Their big ones are for his morning meal,  
 Their middle ones for his evening meal,  
 Their little ones for his night meal,  
 And the oldest males and females for his fuel.  
 The Great Ones in the northern sky light him fire  
 For the kettles' contents with the old ones' thighs,  
 For the sky-dwellers serve Unas,  
 And the pots are scraped for him with their women's legs."

### **20ª Declaração do Texto das Pirâmides.**

"Declaración 20 - (Pepi II)"

"Oh Rey, He venido em tu busca, porque soy Horus; He golpeado tu boca por ti, porque soy tu amado hijo. He separado tu boca por ti. [Le anuncio a su madre cuando llora por El, Le anuncio a ella que estaba unida a El. Tu boca está em perfecto estado (?), porque yo Le He unido] a tus huesos [por ti]. recita cuatro veces: Oh Osiris Rey, yo separo tu boca por ti com El... del Ojo de Horus – 1 pata delantera."

### **759ª Declaração do Texto das Pirâmides.**

"Oh Rey, mira lo que eh hecho por ti; Te He liberado de lo que te obstruía, nunca te entregaré a tu atacante, te He protegido de Nwt-k-nw por médio Del poder de repulsión (?) que hay em mi faz."

### **Primeiro registro da Décima divisão da Décima Primeira hora do Livro das Portas.**

"Ellos son así, se alzan delante de RA cuando Él aparece y les alcanza. Ellos dicen a RA: RA asciende, EL DEL HORIZONTE es poderoso, mira, nosotros hemos abatido a la atada APEP. Tú no te acercas a tus enemigos, Oh RA. Tus enemigos no se acercarán a ti, Oh RA. Tu santidad ha surgido en los anillos de la Envolvente, mientras APEP es aniquilada yaciendo en su sangre, siendo ejecutada. RA entra en su hora de descanso (ra aha r wnw Htpyt) Luego este GRAN DIOS continúa después de que sus ataduras (en APEP) han sido tensadas."  
 "Ellos son así, sujetan las cuerdas (sdfw) de esta malvada. Ellos dicen a RA: RA viaja, El del HORIZONTE pasa. Mira, los cuchillos son introducidos en Cara Maligna<sup>(2)</sup>. APEP está en sus ataduras. "

### **Quinto registro da Segunda Divisão do Livro das Cavernas.**

“Oh los decapitados, los degollados, que están en el lugar de destrucción.

Oh los arrojados abajo, desprovistos de Ba, en el lugar de destrucción.

Oh los invertidos, los atados que están en el lugar de destrucción.

Oh los invertidos, los que sangran de corazones arrancados, en el lugar de destrucción.

Oh los enemigos del REGENTE DE LA DUAT, OSIRIS, A LA CABEZA DEL OCCIDENTE, mirad, yo os envío a la destrucción, yo os envío a la nada.”

“Oh los castigadores que están en el lugar de ejecución de Osiris causando vuestra mutilación, que actúan como [los que he creado para la masacre] los que He formado para (?) ... Porque sois los que hacem daño y cometen mal em Occidente. Porque sois los enemigos, no existis y no existiréis. Mirad yo entro vosotros paracastigaros, yo os envío al lugar de destrucción de manera que vuestro bas no salgal más.”

### **Terceiro registro da Sétima Hora do AmDuat.**

“Esta imagen es la de Horus en su Trono. Esta imagen es así. Lo que él tiene que hacer en la Duat es poner las estrellas en movimiento y producir las posiciones de las horas en la Duat . La majestad de Horus de la Duat habla a los dioses-estrellas: Que vuestra carne esté bien, que vuestras formas cobren vida, para que podáis estar en reposo en vuestras estrellas. Que permanezcáis ante este Ra del Horizonte, que está en la Duat todos los días. Vosotros estáis en su Comitiva y vuestras estrellas están ante él para permitirle atravesar, a través del bello Oeste en paz. Vosotros sois realmente los que permanecéis en la tierra. Oh vosotros, vuestras estrellas me (?) pertenecen, ¡yo que estoy en el cielo! Realmente está satisfecho el Señor del Horizonte. La majestad de Horus de la Duat habla a las Horas que están en esta ciudad: Oh Horas que venís, Oh Horas estrelladas, Oh Horas que protegéis a Ra, que lucháis en nombre de El del Horizonte. Tomad vuestras formas, llevad vuestras imágenes, levantad vuestras cabezas, mientras conducís a este Ra que está en el horizonte hacia el bello Oeste en paz. Estos dioses y diosas conducen a este Gran Dios hacia el camino misterioso de esta ciudad.”

“La majestad de este Gran Dios descansa en esta caverna en el Final de la Oscuridad Absoluta. Nacido será este Gran Dios en sus formas (xprw) de Jepri en esta caverna. Nun y Nunet, Heh y Hehet aparecen (xpr) en esta caverna en el nacimiento de este Gran Dios para que él pueda salir de la Duat, bajar en la Barca de Día, y salir de los muslos de Nut.”

**Primeiro registro da Primeira Hora do AmDuat.**

“Los nombres de los dioses que abren las puertas para el Gran Ba:

Benti.

Ifi.

Dehdeh (dHdH).

El Corazón de la Tierra.

El Amante de la Tierra.

El que Ora.

El que Abre la Tierra.

El Ba de la Tierra.

El que Ra ha visto. “

**Primeiro registro da Terceira Hora do AmDuat.**

“Los nombres de Ellos están así en la Duat en la carne de sus propios cuerpos. Sus bas hablan en nombre de ellos y sus imágenes (o sombras) descansan en ellos. Después de que este Gran Dios les ha llamado, ellos le hablan, le adoran. Se lamentan después de que él ha pasado. Esto es lo que tienen que hacer en la Duat, castigar al adversario, hacer que Nun cobre vida para producir la inundación para hacer que el viento salga de la tierra que les soporta. Ellos rugen cuando castigan al adversario. El que los conoce mientras pasa cerca de ellos, sus rugidos no le alcanzarán, no caerá en sus trampas.”

“El que está sobre su Arena,

Dyebeeb-neter,

Anubis,

Alegre de Voz,

El que Trae,

La que Trae,

El que Mata a los Enemigos,

Pedy-Aha (pD-aHa),

Anubis de Tebas,

El que Trae el Ojo Apaciguador de los Dioses,

Grande de Invocaciones. “

### **Primeiro registro da Quinta Hora do AmDuat**

“Palabras dichas por este Gran Dios:

Que mantengais (el rumbo en) vuestras aguas, que vigiléis vuestras orillas cuando llega la inundación a los que están en el Abismo. ¡Que amarréis en las orillas de la Gran Inundación! Vuestras aguas no se secarán, ¡que vuestras orillas sean altas y no desnudas! Haced el gesto de sumisión ante el que cruza el agua (?), de forma que yo pueda pasar por vosotros en paz.”

### **Segundo Registro da Quinta Hora do AmDuat.**

“¡En paz, en paz! ¡Señor de vida! ¡En paz, tú, paz del Oeste! En paz, tú, abridor de la tierra. En paz, tú, cuchilla del suelo. En paz, tú, que estás en el cielo ¡En paz! Tú, paz del Cielo Inferior. ¡En paz! Victorioso es el Señor de la Enéada. En paz, tú has abierto la tierra que (te) lleva. La hermosa región hace derechos sus caminos para ti. ¡Oh Ra! Tú hablas a Osiris, Tu llamas a la Tierra de Sokar, para que Horus sobre su arena pueda vivir. ¡Ven a Jepri, Oh Ra, Ven a Ra, Oh Jepri! La cuerda de remolque que tú has traído, la cuerda es elevada por Jepri para que pueda ayudar a Ra, para que pueda hacer rectos los misteriosos caminos de Ra, Horus del Horizonte. ¡El cielo está en paz, en paz! Ra está ligado al hermoso Oeste. “

### **Segundo Registro da Nona Hora do AmDuat.**

“Este dios descansa de su vagabundeo (var. de su remar) en esta ciudad y su tripulación descansa con su barca y su imagen secreta de Serpiente Envolverte. Este Gran Dios da órdenes a los dioses que están en esta ciudad.”

### **Introdução da Terceira Hora do AmDuat**

“Este Gran Dios descansa donde los moradores del Campo de Ofrendas y navega por el Agua de Osiris. Este campo tiene 309 itrw de largo.

Este Gran Dios da órdenes a los bas que están en la Comitiva de Osiris en esta ciudad. El nombre de la [diosa] hora de la Noche que conduce a este Gran Dios [por esta caverna] es La que Corta en Pedazos los Bas. El nombre de la puerta de esta ciudad es La que Agarra.”

Este Gran Dios cuida de los dioses que están en la comitiva de Osiris. Él les concede lotes en este campo. (Hay que) conocer los bas. En cuanto al que conoce sus nombres, él alcanzará el lugar donde está Osiris. El agua del campo le será dada en esta orilla. El agua del Señor Único que crea las Ofrendas es el nombre de este campo.”

### **Texto Final da Segunda Hora do AmDuat.**

“Palabras dichas por los dioses de la Duat cuando este Gran Dios entra (ak.f) por la puerta, La que traga sin descanso, y navega por el agua de Ra hacia Urnes...: Oh levanta, Gran Ba, a quien la Duat recibe (Ssp.n.n.s). Oh Carne que perteneces al cielo... tú vives sobre la tierra, Oh Carne, gloria a ti. Ven Ra... en tu nombre del Vivo que viene a la existencia en la Duat, atraviesas los campos, Oh Protector... atas a la serpiente Hiu (hiw), golpeas al Cara Maligna.”

### **Segundo Registro da Sexta Hora do AmDuat.**

“Este Gran Dios viaja por esta ciudad por el agua; rema en este campo en la vecindad del cadáver de Osiris. Este Gran Dios da órdenes a aquellos dioses que están en los campos. Él atraca junto a esas misteriosas mansiones que contienen las imágenes de Osiris. Este dios llama por encima de estas misteriosas mansiones. Después de haberse oído esta voz, el dios pasa después de haber gritado.

(...)

Estáis satisfechos con vuestros campos, vosotros mismos os unís con el misterio de vuestras coronas, soy felices con vuestra felicidad. Estáis realmente satisfechos con las ofrendas que la invocación de los dioses os han concedido. Sois realmente los que me protegen en la tierra, los que castigan a Apofis. Los Reyes del Alto Egipto, que han proporcionado ofrendas, los Reyes del Bajo Egipto, y los Espíritus, que están en la tierra, son así. Ellos permanecen cerca de sus cavernas, y oyen la voz de este dios diariamente. “

### **Segundo Registro da Cuarta Hora do AmDuat.**

“Señor de las Diademas, Ramsés VI, entra por sus puertas... protege a Anubis en su forma que es...

“Estas son las entradas de... “

“Ellos son así según la forma de sus cuerpos. Osiris el Rey, Señor de las Dos Tierras, Ramsés VI está justificado.”

**Terceiro registro da Quarta Hora do AmDuat.**

“Ellos son así según la imagen creada por Horus, ellos están en la tierra por este camino de la Necrópolis Imhet de difícil acceso. Entrada a la primera tumba en la tierra. Rey Osiris, Señor de las Dos Tierras, Ramsés VI es así, grande como Ra cuando viaja por la Duat.”

“Esta es la imagen misteriosa de la Necrópolis Imhet. Hay luz en ella cada día en el nacimiento de Jepri, que sale cuando las caras de la serpiente Menmenu (el Temblador) desaparecen delante de Jepri. Rey, Señor de las Dos Tierras, Ramsés VI.”

**Terceiro registro da Terceira Hora do AmDuat.**

“Esto es lo que tienen que hacer en el Oeste: asar y cortar los bas, aprisionar las imágenes (o sombras), aniquilar a los que son los no-existentes(5), que pertenecen a este Lugar de Aniquilación. Ellos encienden las llamas, hacen que los enemigos sean quemados por lo que hay en las puntas de sus espadas.”

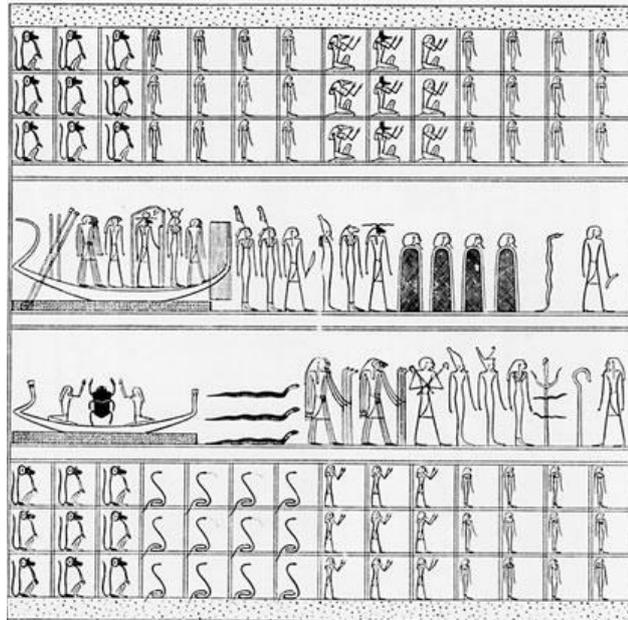
**Segundo registro da Sexta Hora do AmDuat.**

“Este Gran Dios viaja por esta ciudad por el agua; rema en este campo en la vecindad del cadáver de Osiris. Este Gran Dios da órdenes a aquellos dioses que están en los campos. Él atraca junto a esas misteriosas mansiones que contienen las imágenes de Osiris. Este dios llama por encima de estas misteriosas mansiones. Después de haberse oído esta voz, el dios pasa después de haber gritado.”

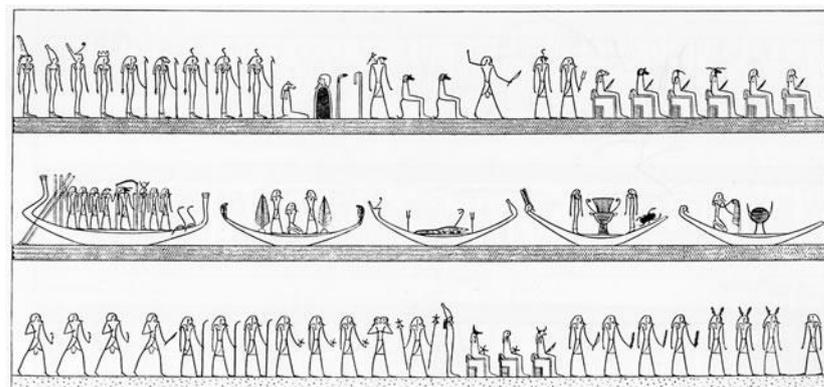
## ILUSTRAÇÕES

### 1. Diagramas referentes às 12 horas do AmDuat<sup>232</sup>.

#### Primeira Hora

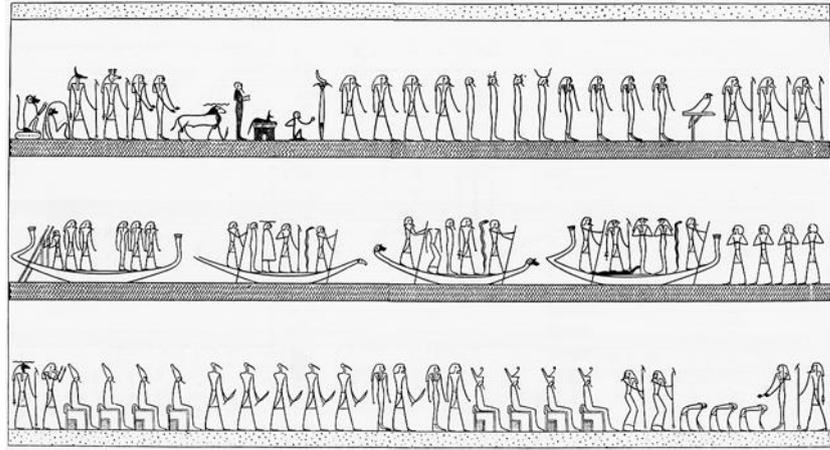


#### Segunda Hora

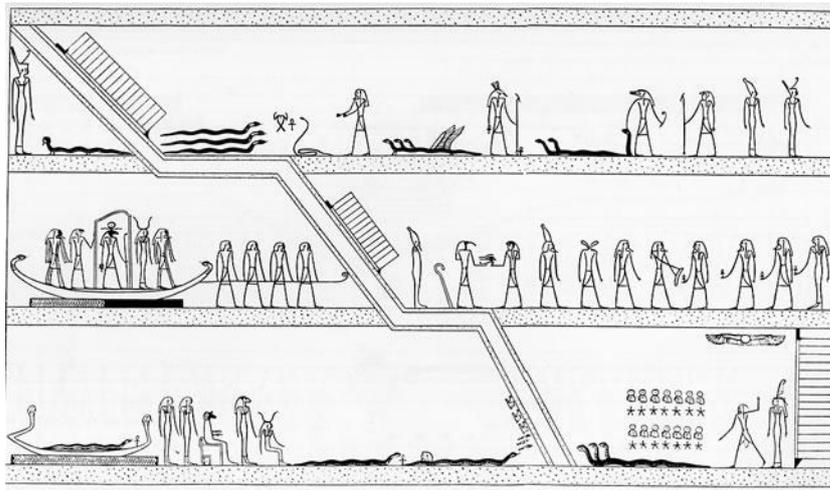


<sup>232</sup> Piankoff, Alexandre. The Tomb of Ramesses VI Egyptian Religious Texts and Representations (Bollingen Series, 40, 1 and 2). 2 Bde. New York: Pantheon, 1954. Disponível em: <http://www.egiptologia.org/textos/amduat/>

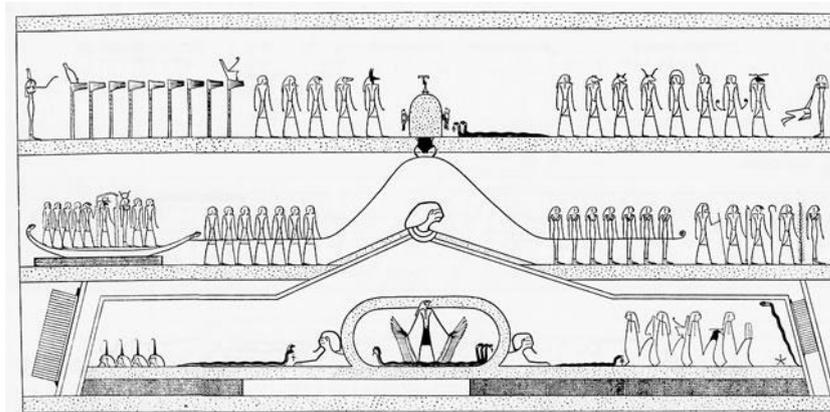
Terceira Hora



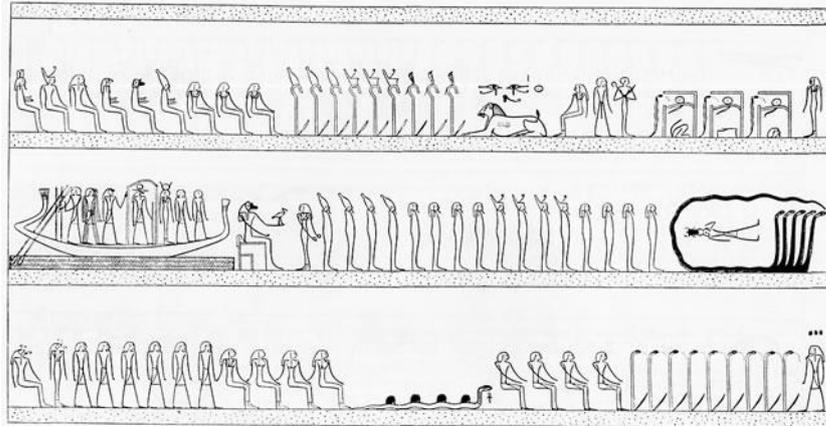
Quarta Hora



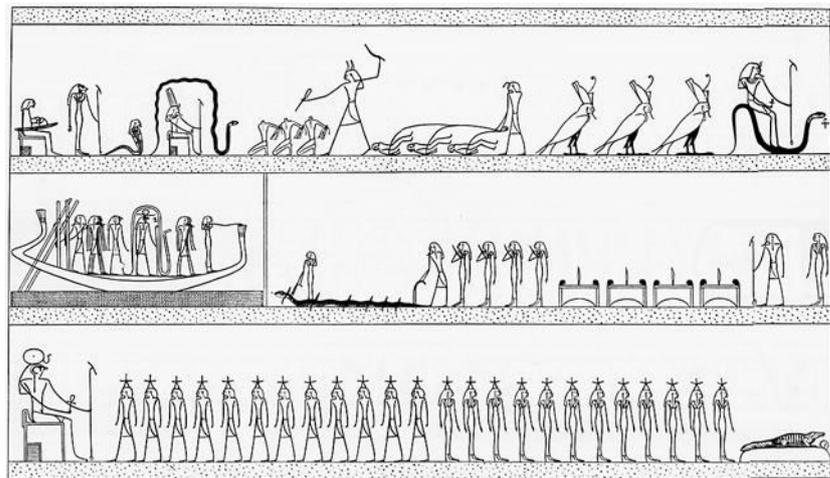
Quinta Hora



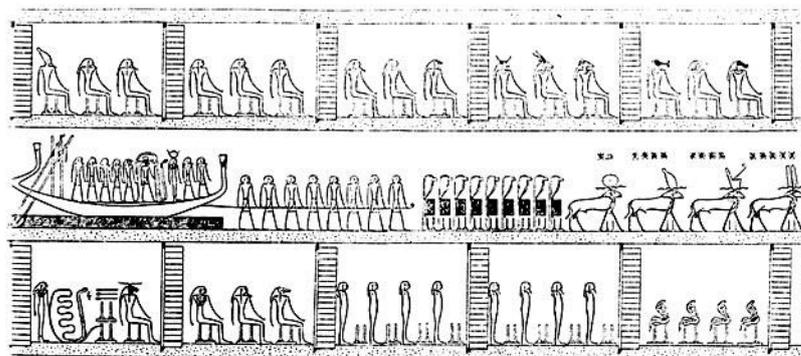
Sexta Hora



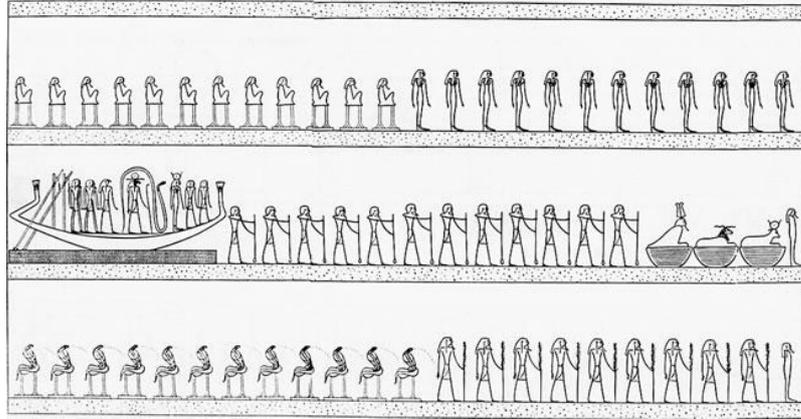
Sétima Hora



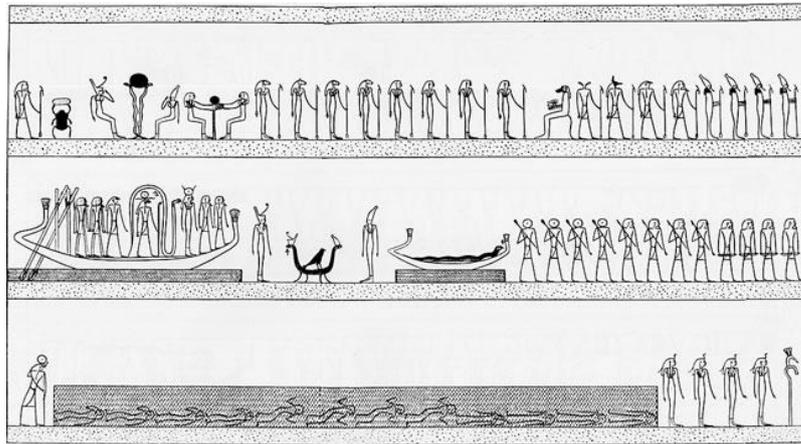
Oitava Hora



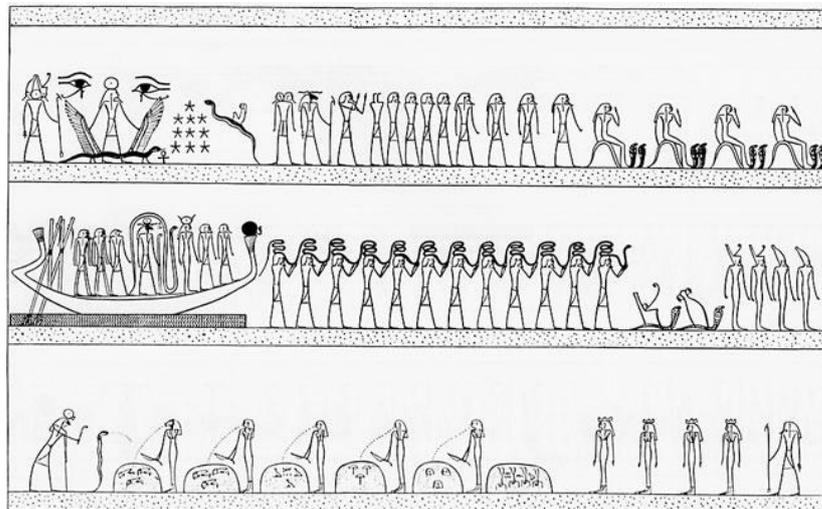
Nona Hora



Décima Hora



Décima Primeira Hora



Décima Segunda Hora

